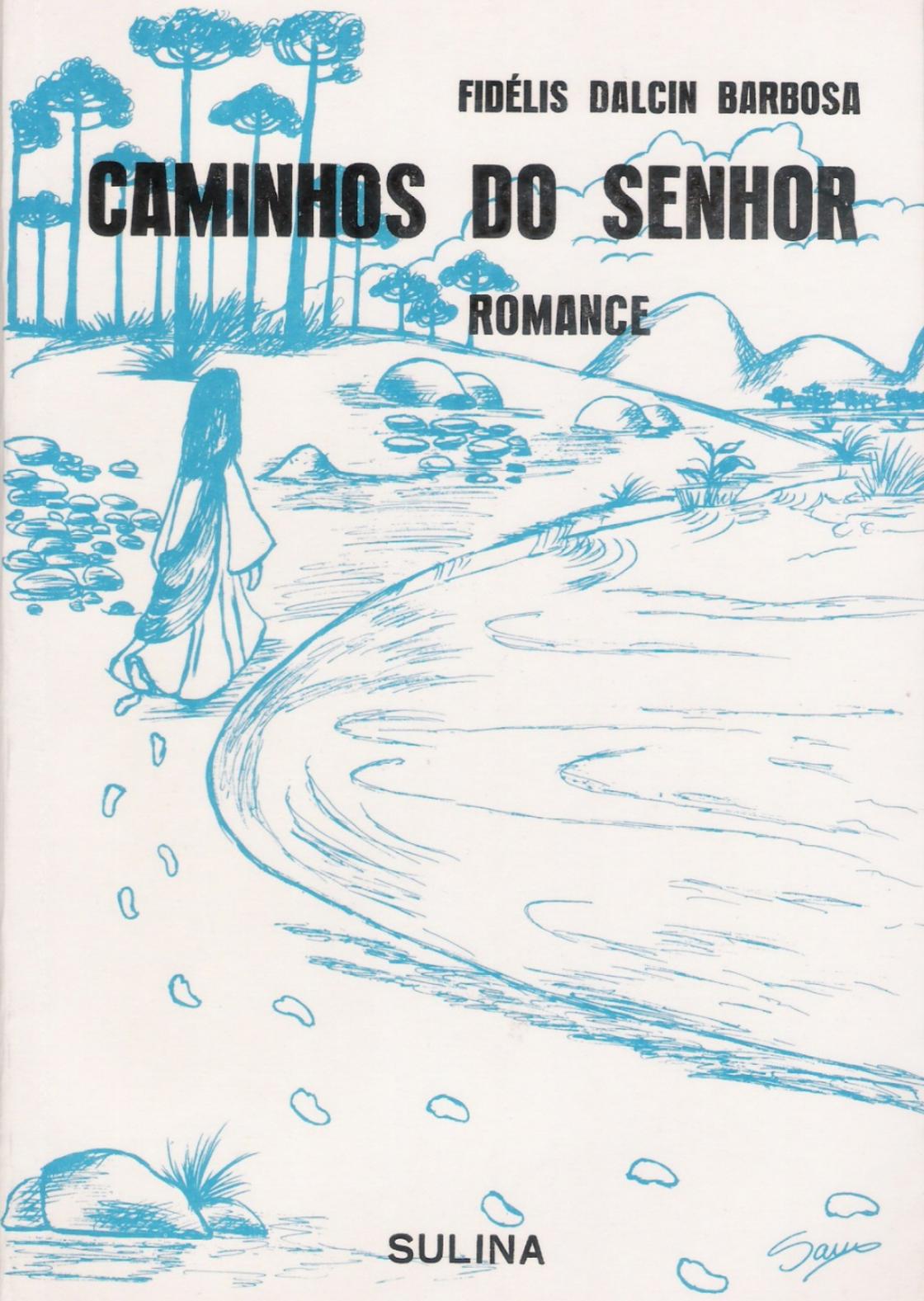


FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

CAMINHOS DO SENHOR

ROMANCE



SULINA

Says

Esta é a dramática história do Pe. Paulo, um sacerdote religioso, que passa 30 anos debatendo-se em conflitos do coração, disputado por uma dezena de garotas.

Caminhando trepidante, por caminhos escabrosos beirando abismos, vinha ele, afanosamente buscando mão amiga que o socorresse, colocando-o em lugar seguro.

Um dia ele tem um lampejo. Escrevendo um conto, prenuncia simbolicamente a sua conversão. Extenuado e desfalecido cai em leito hospitalar, onde uma freirinha amorosa lhe conquista o coração. Tira-o do meio dos escombros da tragédia e o coloca em antecâmara do céu.

Acontece a conversão. O Pe. Paulo celebrando a santa missa, se converte. Converte-se precisamente na festa da conversão de Santo Agostinho, enquanto o coral das freirinhas entoava o cântico: Ó meu Jesus, sou vosso enfim!

A seguir, outra freirinha, abalizada psicóloga, aparece no hospital e completa o trabalho de recuperação daquela alma. Faz-lhe uma sensacional revelação, que lhe soergue ainda mais o espírito. Declara que ele não deve se impressionar, porque o lastimável estado em que vivia o Pe. Paulo não era por culpa dele. Era tudo fruta da escola. A escola perniciosa que imperava nos Seminários, Noviciados, conventos e na vida religiosa, antes do Concílio Vaticano II.

Caminhos do senhor



Fidélis Dalcin Barbosa

Caminhos do senhor

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

B238c Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Caminhos do senhor [recurso eletrônico] : romance
/ Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-045-5

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

APRESENTAÇÃO

Desde o ano passado que os originais de <<Caminhos do Senhor>> estão sobre a mesa, sempre esperando a vez entre mil prioridades que a gente vai acumulando e inventando. Valeu o lembrete. Criei vergonha e reservei alguns dias para uma leitura atenta e crítica, para poder fazer uma apreciação objetiva.

Iniciada a leitura, logo nos primeiros capítulos, substituí a <<crítica>> por proveitosa e me arrependi de ter passado tanto tempo com um tesouro intocado sobre a mesa, sem ter dele me aproveitado.

Achei fantástico este romance. É, sem dúvida, o que gostaria de dizer a grande maioria dos padres que deixaram o ministério e não o dizem por não terem tempo, nem condições e, muito menos, o dom que você possui de comunicar por escrito e de forma agradável pensamentos e experiências.

De início, julguei que o romance seria, como não poucas vezes se vê, um libelo acusatório contra pessoas e instituições ou um simples depoimento. Mas, percebi logo que não tinha a intenção de apontar pessoas, identificar congregações ou dioceses, definir lugares. Nem deveria fazer, porque o romance não visa retratar apenas uma realidade singular, mas descrever o paradigma de uma época. Todas as congregações agiam assim. Todos os seminários deformavam assim. Todos os religiosos padeciam mais ou menos assim. Todos os padres imaturavam assim.

Felizmente essa época está ficando para trás, não tão rapidamente quanto desejaríamos, mas está sendo superada. Entretanto, permanecem as consequências. Trágicas consequências. Quantos padres e religiosos vivem ainda presos



por complexos e traumas adquiridos no período de seminário e noviciado! E o pior é que as pessoas e instituições agiam de boa-fé, achando que era assim mesmo que deveriam agir. Nós mesmos, quantos absurdos cometemos em nossos primeiros anos de apostolado, guiados por aqueles condicionamentos! Por isso tudo que é preciso falar, escrever, refletir, demitizar, desmascarar caridosamente e compreendendo, como faz seu personagem central, Pe. Paulo.

Outra coisa que me chamou a atenção foi que o herói do seu romance reconhece as próprias fraquezas e tropeços, não esconde nem tenta se esconder, mas levanta e luta. Sobretudo reza. Reza muito. Não descuida a missa, o breviário, a leitura da Bíblia, a devoção a Maria, a visita ao Santíssimo, a meditação, a confissão e, de modo especial, a invocação ao Espírito Santo. Existe hoje uma afirmação constante nos meios eclesiais e religiosos de que os padres que optaram pela vida civil perderam a vocação por terem se descuidado da oração. Para isso, forjamos pseudo-declarações e depoimentos que contradizem a experiência vivida pelos egressos. O testemunho do Pe. Paulo é o melhor desmentido dessa caluniosa difamação que se quer lançar contra os egressos.

Mais ainda, achei o romance duplamente profético, para o padre que deixa o ministério e para a própria Igreja que o discrimina. O padre que opta pela vida matrimonial e automaticamente é forçado a deixar o ministério sacramental bem que poderia encontrar dezenas de ministérios alternativos e passíveis, na descoberta de sua verdadeira vocação e na liberdade dos filhos de Deus. Profético também para a Igreja, no sentido de que deponha, de uma vez por todas, qualquer preconceito e discriminação com que trata ainda os padres que se casam e não dispense a colaboração que deles passa receber. Que ela entenda tratar-se, não de uma defecção ao ministério - se fosse concedido, a maioria continuaria a exercê-lo - mas,



simplesmente de uma opção amadurecida pelo matrimônio. Poderia, no plano de Deus, um sacramento excluir o outro?

Por essas e por outras observações, julgo que o autor captou e expressou, em seu romance, de modo muito feliz, agradável e respeitoso, os sentimentos tanto dos padres que continuam na ativa quanto dos que dela saíram, em relação ao tipo de formação distorcida dos seminários, dependência despótica de superiores e o drama de uma nova opção, no contexto dos condicionamentos de uma formação causadora de traumas e complexos.

Faltou, talvez, abordar no livro - e aqui fica a sugestão para outro - a beleza, grandeza e utilidade dos novos ministérios que os padres casados estão desempenhando no contexto civil, apoiados por esposas corajosas e valentes que souberam enfrentar a avassaladora onda de preconceitos e ficar ao lado do marido e a realização libertadora com que o fazem. Não estaria nesse rumo a chave para a solução do problema, tanto de renovação do ministério em si como da realização pessoal dos ministros?

A Associação Rumos apoia e se dispõe a divulgar o livro entre os sócios e leitores do nosso jornal...

João Basílio Schmitt
1º Secretário da Associação Rumos.
Brasília, 3/5/1988.



01-CAMINHOS DO SENHOR

O rapazinho tinha pressa de chegar em casa. Louco de vontade de contar aos pais o que acabava de acontecer com ele. Um acontecimento estonteante que o deixava deslumbrado e orgulhoso.

Mal se viu diante dos pais, falou, fuzilando os olhos, a cara cheia de sol:

- Sabem o que o padre me perguntou hoje, quando fui me confessar?

- Que foi, filho? - indagou a mãe, iluminando o lindo rosto jovem, por ouvir falar em padre.

- O padre me perguntou se eu não quero ser padre também.

- Oh, Vital! - exclamou D. Maria, juntando as mãos para o céu. E tu que respondeste, meu filho?

- Nada. Não disse nada. Fiquei encabulado.

O pai que tomava chimarrão a um canto da cozinha, entrou na conversa, com sorriso forçado e olhar severo:

- Vital, você sabe o que é ser padre? Você sabe quanto custa ser padre, meu filho?

O rapaz não respondeu. Ficou olhando para o pai com curiosidade, interrogativamente.

- Você pensa, Vital - continuou o Seu Antônio - que nós temos dinheiro para pagar o Seminário? Pagar os estudos, durante 15 anos?



Vital, em criança, achava interessante a vida de padre. Por quê? Porque o padre vai a todas as festas. Eu nunca vi festa sem padre. Sempre que houvesse festa em Nova Treviso, nas capelas vizinhas e na vila, lá se encontrava o padre. O padre não perde uma festa. Está em todas. Acabada uma, já parte para outra.

Mais. Vital, em criança, pensava: O padre não morre. Pois eu nunca vi enterro de padre. Nunca ouvi falar em morte de padre. Boa vida, a vida de padre!

O que o rapaz nunca poderia imaginar era aquele convite espantoso. Nunca poderia adivinhar vir um dia a ser merecedor de tamanha proposta. Proposta atordoante, sumamente honrosa: Você não quer ser padre?

Proposta semelhante, convite tão audacioso, só poderia ser feito a gente da cidade, gente rica, de família privilegiada. Mas a mim, filho de colono?...

Pois naquele dia, lá no confessionário, sofreu Vital um impacto terrível, que o deixou desnordeado, sem poder falar. Então, eu, filho de gente humilde, também posso aspirar a tão alta honraria? Eu também poderei um dia ser padre? Apresentar-me triunfalmente diante das multidões, fazendo sermão bonito de arrancar lágrimas a todo mundo, como faziam o Pe. Bruno e o Pe. Antônio? Cantar maravilhosamente diante do povo, ser alvo das ovações da multidão? Presidir a todas as festas?

O assunto passou a tomar vulto lá em casa, a figurar nas conversas diárias à mesa, durante as refeições, e à noite. Sobre tudo à noite, após a recitação do rosário.

- Pois é - comentava a mãe - se o Vital tiver vocação... Por que não? Um filho padre! Eu que nunca vi escola, que me criei no sertão, ter um filho a serviço do altar. Eu, mulher analfabeta,



ser mãe de um sacerdote. Mãe privilegiada! A única mulher de Nova Treviso a ter um filho padre...

* * *

Os irmãos de Vital gostavam de trabalhar na roça, de lidar com a criação, de pegar os cavalos no potreiro. Iam sempre dispostos, alegres, cantarolando. Vital tinha horror de serviço pesado. Ia para a roça sempre a contragosto. Vida ingrata! Passar o dia de enxada na mão, as formigas mordendo os pés da gente. Colher milho com um frio terrível, que lhe rachava as mãos. Pegar os cavalos no potreiro coberto de geada, correndo de pé no chão...

- Este filho é diferente dos outros - declarava o pai, vendo a má vontade do rapaz. - Não nasceu para trabalhos pesados. Deve mesmo ir estudar.

O avô, um italiano patriarcal, cuja palavra autorizada valia por um documento, tomou um dia parte na conversa. Falou para o neto:

- Olha, Vital, se fores para o Seminário, se fores a padre, não terás mais as formigas te mordendo os pés na roça...

Foi a palavra final, que resolveu tudo, acabando com as últimas dúvidas. Vital podia agora sair a público, anunciando sua decisão de ir para o Seminário.

Em casa e entre os parentes reinava euforia, diante da possibilidade de contar um dia com um filho, um irmão ou parente nas fileiras do clero brasileiro.

Mas foi só em casa e entre os parentes. Quando Vital resolveu contar a história aos colegas da escola, foi uma bomba! Os companheiros, todos os colegas de escola, partiram logo para a troca, para o achincalhe, agressivamente:



- Bá, Vital! Tu estás louco! Vais querer ser padre, vestir saia? Era só o que faltava! Não tens vergonha? Larga mão dessa bobagem, rapaz.

Não encontrou na escola um colega que lhe apoiasse a ideia. Ninguém. Ele não esperava por essa revoltante reação dos companheiros. Ficou chocado, chocadíssimo. Ficou escandalizado com tanta maldade. Então, ser padre não é coisa bela?

Vital não gostou das zombarias. Foi logo dizendo, irritado: Então, vocês não querem que eu vá para o Seminário? Pois então não vou, pronto!

Em casa todos se espantaram com a brusca mudança de ideia do Vital, que não prestou nenhum esclarecimento, deixando o caso envolto em mistério. A mãe lamentou mas não exigiu explicações. Afinal, ele estava livre de escolher a sua vocação.

O pai até sorriu, aliviado. Pois ele já andava preocupado com a despesa que lhe daria o filho no Seminário, durante longos anos. Por outra, Antônio alimentava a esperança de que o filho mais velho, aquele filho que devia estudar, abraçasse a advocacia. Isto por que um seu freguês de Porto Alegre lhe havia prometido custear os estudos do rapaz, caso resolvesse seguir a carreira.



Vital não pensou mais no Seminário. Esqueceu todos aqueles planos, que tanto o haviam empolgado. Só não esqueceu o desaforo dos companheiros. Durante algum tempo ficou com raiva deles. Guardara sempre na lembrança, com certa indignação, aquele dramático episódio. A vida inteira.

Retomou a velha rotina, em casa, na escola, no trabalho, nos folguedos. Correndo pelos matos, atrás das borboletas, em busca de pinhões, araticuns, amoras, cerejas, guabiobas. Pescarias. Grandes pescarias de jundiás.

O tio Bôrtolo, vizinho, era conservador. Não fizera como os outros imigrantes que derrubaram todo o mato. Ele havia deixado boa parte da mata virgem tal qual a recebera.

Então estava lá aquele matão imenso, que se juntava com outros matos vizinhos. Do interior dessa mata, Vital ouvia enlevado o lindo canto estridente da araponga, do <<ferreiro>>, dando aquela frenética martelada na bigorna, coisa que o fazia vibrar. Ouvia o apito do inambu, que o pai por vezes caçava. Bandos de papagaios, cobrindo os céus e fazendo uma algazarra infernal, naquele tempo de tanto pinheiro.

Um dia, indo pelo mato à cata de pinhão, Vital ouviu tiros de um caçador de papagaios. Sem dar sinal de sua presença ao caçador, ficou torcendo para que um papagaio ferido fosse cair longe do seu perseguidor, e Vital o pudesse agarrar sem ser notado.

Dito e feito. Reboou um estampido. O bando fugiu, deixando cair um belo xará, de penas verdes, amarelas e vermelhas. Ferido numa asa. Vital, inexperiente, avançou para a ave, que abria o bico num alarde terrível. Meteu-lhe a mão com avidez, antegozando a alegria de levar para casa um papagaio



vivo, coisa que ele nunca tivera.

O papagaio, furioso, cravou rijamente o bico nas mãos do garoto, que a custo se desvencilhou, os dedos ardendo, sangrando. Depois de várias tentativas infrutíferas, agarrou um porrete e matou o papagaio a cacetadas, levando-o para casa, correndo, antes que o caçador reclamasse a sua caça.

* * *

Durante uma temporada, o divertimento preferido foi o carrinho de lomba. Junto com dois irmãos, vivia horas felizes correndo desabaladamente morro abaixo, fingindo-se de motorista de automóvel.

Um dia, na casa do tio, com os manos e primos, inventou-se descer a lomba na carreta de bois, de quatro rodas.

Com enorme esforço, o veículo foi empurrado até a meia encosta. Aqui todos embarcaram, e o carro disparou, tomando velocidade, em meio a festiva gritaria da rapaziada, que não via perigo algum.

Poderia ter acabado em tragédia, indo bater violentamente contra a casa, se, por sorte, a carreta, sem timoneiro, não enveredasse para o lado, indo embater numa meda de feno, que, fofinho, abrandou o impacto e derrubou a garotada sem maiores problemas.

Uma tarde invernosa, carregando ele às costas um cestão de palha de milho para o gado no potreiro, o touro, com pressa de comer o pasto, investiu furiosamente contra o rapaz. Derrubou-o e, a seguir, foi rolando-o morro abaixo, até fora da cerca, indo o menino cair na sanga, machucado, espinhado e sujo.

Outra ocasião, jogando bolinhas de gude com o irmão



Alcides, surgiu entre ambos um desentendimento que acabou em briga. Vital desembestou atrás do mano, que agarrou o mato.

Havia ali no mato, oculto na vegetação, um arame espichado de uma cerca em construção. Na disparada, Vital meteu a cabeça nas farpas do arame. Por um triz não perde a vista direita. O enorme talho abriu uma ferida que levou tempo para sarar, riscando-lhe a fronte com longa cicatriz, para o resto da vida.

Aos domingos, com seus dez anos, ia à missa na vila, distante seis quilômetros. Ia a pé, em parte pela estrada de ferro. Gostava do trem. Sentia prazer em encontrar-se com o trem. Que coisa grandiosa o trem! O maquinista, o foguista, que gente poderosa e feliz! Como eles manobravam aquele monstro de aço, que passava bufando, cuspidando fumaça, girando audaciosamente as altas rodas, fazendo aquele barulhão infernal!

Sonhava ser maquinista de trem. Quando o trem chegava à estação, Vital ia perto. Ficava olhando atentamente as manobras de colocar a locomotiva em movimento, apitar, dar marcha-a-ré. Orgulhava-se de já saber colocar o trem em marcha. Admirava o maquinista, o foguista, aqueles homens valentes, mas tinha-lhes medo, especialmente se eram de cor, o que muitas vezes acontecia.

Na vila encantava-se e roía-se de inveja vendo os guris bem trajados, alguns de calças compridas, o friso bem vincado, jogando bolinha de gude com habilidade, ou andando agilmente de bicicleta. Ah, a bicicleta! Se ele pudesse um dia ter uma bicicleta, passear de bicicleta...

Ele, menino da roça, não trajava elegantemente como os garotos da vila. Não dispunha daqueles brinquedos. Mas o pai, numa ocasião, retornando da Capital do Estado, trouxe-lhe



uma bola de borracha, de várias cores. Foi uma das maiores alegrias da infância. Ninguém imagina a felicidade do garoto. Nunca esquecera aquele histórico dia, aquele cheiro gostoso de borracha, o tamanho, as cores, o primeiro chute furioso e inexperiente, que lhe custou feio tombo...

A bola, o futebol, foi daí por diante a sua grande paixão. A paixão da infância e da adolescência. A sua maior paixão.

* * *



A mãe emigrara da Itália com apenas quatro anos. Perdida no torvelinho de levas de imigrantes que se embrenharam por soturnos matagais, escalando montanhas, numa epopeia de obscuro heroísmo.

Naquele deserto sem fim, a mercê de todas as privações, a mãezinha não encontrará escola, não encontrará professor, para ensinar-lhe o abc. Viverá analfabeta. Pena passar os melhores anos de vida no sertão, sem meio de se instruir, mulher de tantos encantos! Mulher de beleza helênica, de excelsas virtudes, de costumes patriarcais. Eximia, sobretudo, na arte culinária, arte que suas três filhas herdarão.

Pobrezinha, alquebrada, morreu cedo, 62 anos, repentinamente, de derrame cerebral. Morreu cedo, sem poder contemplar o progresso de seus filhos, que se imporão à admiração geral, com a disposição, com a energia, com a coragem que dela herdaram, fundando importantes empresas industriais e comerciais, transformadas em sociedades anônimas.

Pobrezinha, vivendo em casa modestíssima, não verá a suntuosidade das moradias de seus filhos. Analfabeta, não assistirá a formatura de seus netos, diplomados em cursos superiores.

* * *

O pai, igualmente filho de imigrantes, nascera em pleno matagal, em vale profundo, estrangulado entre montanhas inacessíveis. As terras mais abruptas e montanhosas do Brasil.

Ele também, o Seu Antônio, não conheceu escola nem professor. No entanto, auxiliado por uma cartilha e uma lição do tio, aprendeu a ler e a escrever. Uma ânsia enorme de ler e instruir-se. Ler livros, jornais. Livros e jornais que mais tarde



farão as delícias todas as noites, não deixando de colocar a esposa e os filhos ao par das passagens mais atraentes de suas leituras.

Lendo livros, revistas e jornais, Antônio atingirá um grau de cultura invejável, podendo discutir qualquer tema com professores universitários. Admirável autodidata! Fundará uma indústria de móveis, da qual será o gerente, o secretário e o guarda-livros. Ele, que não vira escola nem mestre, ele mesmo manterá sempre em dia a correspondência e a contabilidade da firma.

Suntuosas moradias de Porto Alegre serão mobiliadas por finas poltronas, sofás, cadeiras-de-balanço, camas e outros móveis fabricados pelo modesto industrialista, morador do sertão, que jamais sentará em banco escolar.

Transferindo-se, posteriormente, para uma das maiores cidades fundadas por imigrantes italianos, ocupará o cargo de presidente da mais importante cooperativa vitivinícola do Brasil, durante três períodos, havendo se exonerado por livre e espontânea vontade, sob protesto de todos os associados.

Produtor pioneiro de uvas de castas finas, conquistará, em numerosas exposições, prêmios de medalhas de ouro e prata.

* * *

Família de costumes irrepreensíveis, patriarcais, e, para os dias de hoje, puritanos. Dez filhos, excluídos os dois que morreram no berço. Aos filhos, este abnegado casal dispensava cuidados especiais, dando-lhes tudo quanta sabia, tudo quanto podia.

Vital tinha adoração por seus pais. A maior admiração por sua capacidade e virtude. Admirava-os inconscientemente, por mero impulso da natureza. Para o garoto, não havia no mundo



pessoa mais inteligente e culta do que seu pai. Ninguém mais poderoso. O mais hábil contador de histórias. O tio Bôrtolo, é verdade, contava lindas histórias; mas o pai, ele não sabia explicar o motivo, o pai tinha mais atração, mais simpatia. Não, não havia quem superasse o pai de Vital.

Qualquer palavra dos pais era dogma de fé. Que ninguém viesse desmentir! Ninguém podia desmentir a palavra autorizada e infalível do Seu Antônio. Não havia no mundo alguém mais sábio do que ele.

Filho obediente e respeitoso, de uma simplicidade, de uma ingenuidade, de uma credulidade singularmente espantosas, acreditava piamente, cegamente, em tudo quanto os pais diziam.

Quem trazia os presentes de Natal era o Menino Jesus. Que ninguém contestasse. De vésperas, as crianças colocavam os pratos sobre a mesa, dispostos em ordem cronológica. O segundo era do Vital. A porta da casa, fechada, mas sem chave nem trinco, para que o Menino Jesus pudesse abrir e entrar. Fora, ao pé da escada, pasto e água para a mulinha, pois Ele vinha a cavalo, como na fuga para o Egito. De manhã, a bacia estava seca e o pasto <<comido>>. Pelo chão, na estrada, viam-se distintamente os <<sinais das patinhas da mula>>. Sim senhores, estavam ali. Todo mundo via... E agora, digam que não é o Menino Jesus que traz os presentes.

Quem trazia os nenês era D. Teresa, a parteira. Ela encontrava as crianças onde Nosso Senhor colocasse, ao longo da estrada, atrás de uma árvore. O Vital fora encontrado debaixo da ponte da estrada-de-ferro, detalhe de que ele se orgulhava, porque gostava muito do trem... Era assim: D. Teresa encontrava o nenê, recolhia e levava dentro de uma maleta. Ela sempre chegava com uma maleta. Entregava a mãe, que ficava esperando na cama.



É verdade, ele notava a volumosidade do ventre materna em vésperas do nascimento de um irmãozinho. Ele via que a mãe ficava de cama. Estranhava a proibição de ele e demais crianças entrarem no quarto de dormir, enquanto lá se encontrava D. Teresa. Tudo isso ele observava, mas não desconfiava de nada, pois o nascimento de uma criança era assunto encerrado. Era como diziam os pais. E não adiantava vir alguém com outras versões. Absolutamente. Não adiantava. Então você quer saber mais do que meu pai?

* * *

Quando uma vaca dava cria, os pais esclareciam que Deus mandava o terneirinho em determinado lugar do potreiro, onde a vaca ia encontrá-lo. Vital estranhava, é verdade, mas nunca pediu explicação, por que motivo o touro montava nas vacas. Quando via o acasalamento das galinhas, Vital se indignava e corria de pedra ou vara na mão, a enxotar o galo e a libertar a pobre galinha, tão rudemente maltratada, bicada e esmagada por aquele galo provalécido. Dava-lhe uma raiva desses galos sem piedade! Não atinava por que a galinha corria do galo e depois de bicada e esmagada, em vez de investir contra o agressor, mostrava-se contente, festejando o malvado rei do galinheiro.

Vital tinha uma irmã dois anos mais idosa do que ele. A Isabel, uma linda garota, que as vizinhas chamavam de boneca, de tão linda que era. Mas ele nunca na vida lhe vira o sexo. Nunca. Tão grande o cuidado da mãe! Só mais tarde, com oito anos, virá ele a saber da diferença sexual entre homem e mulher. Isto por que um dia viu duas meninas sentadas, sem calcinhas.

As famílias de Nova Treviso eram em geral de ótimos costumes. Havia, entretanto, uma chusma de rapazes, colegas de escola, que eram depravados. Viviam falando obscenidades.



Faziam gestos obscenos que Vital não entendia. No intervalo das aulas, durante o recreio, juntava-se um grupo desses malandros divertindo-se em descobrir o campeão na volumosidade dos órgãos sexuais.

Vital não se misturava com eles, não falava com eles. Considerava-os uns demônios, condenados ao inferno. Uns monstros. E eles próprios não o abordavam sobre tais assuntos.

Houve contudo, um peão de família, cujo nome, Alfredo, em qualquer pessoa lhe será detestável por muitos anos, o qual teve a desfaçatez de principiar a corromper o rapazinho, sem, entretanto, dizer-lhe uma palavra acerca dos segredos sexuais. Convidava-o a tocar-lhe os órgãos, o demônio.

* * *



Durante dois anos, inteiramente esquecido do Seminário, Vital divertiu-se a valer, vivendo belas emoções, que lhe tornavam menos dura a vida da colônia.

O pai dividia sua ocupação entre a fábrica de móveis e a lavoura. Na época do plantio do milho, o Seu Antônio saía de casa bem cedo, mal clareava o dia. Por volta das oito horas, Vital ia levar-lhe o café na roça e ficava por lá ajudando.

Uma ocasião, estando ambos na roça, longe de casa, armou-se de repente feio temporal. Nenhuma casa por perto. Nem sequer um barracão, um rancho. Nada. E agora, pai? – Não te assustes, filho. Não vai acontecer nada.

Foram ao capoeirão, onde o pai, num instante, dobrando arbustos, improvisou um abrigo. Um abrigo seguro, que resistiu rijamente a chuvarada e a forte ventania. O garoto, contente e orgulhoso, dizia lá com seus botões: Pai valente! Com ele nada posso temer, nem que venha abaixo o céu!

Durante os estudos, Vital suspirava pelas férias, durante as quais lá a casa dos avós maternos, lugar de muita fruta, um belo rio perto, onde ele pescara o primeiro peixe da vida, proporcionando-lhe um momento feliz.

Tinha adoração por seus avós e, sobretudo, por sua moradia. Gostava de acompanhar os tios nas pescarias, nas caçadas. Quando os avós venderam aquela propriedade, Vital já se encontrava longe dos pais, estudando na cidade. Nunca mais iria àquele recanto de fábula, mesmo que os avós não se mudassem para outro lugar. Nunca mais visitaria aquele lugarejo de tantas atrações. Todavia, ele lamentou agudamente a venda da propriedade. Chegou a chorar.

* * *



Volvidos dois anos, desde que abandonará a ideia de ir para o Seminário, surge um dia, intempestivamente, um acontecimento, banal em si, mas decisivo, capaz de transtornar todos os projetos.

É verdade. Ele não sentia mais atração pelo Seminário. Contudo, o fato vai agora empurrá-lo para ele irresistivelmente. Tudo sem razão plausível. Uma coisa estúpida, imbecil, sem pé nem cabeça. Um absurdo.

Aproximava-se a época dos exames nas escolas do interior, já no mês de setembro. Vital, por mais que se esforçasse, não conseguia decorar alguns capítulos da História do Brasil, disciplina que, por ironia do destino, ele haveria de lecionar um dia. Eram páginas inteiras que devia aprender de cor sem saber praticamente o que diziam. Iria levar bomba nos exames. Reprovado. Inapelavelmente reprovado pela primeira vez. Seria um vexame perante todo mundo.

Era preciso fugir daquela terrível ameaça. Evitar aquela reprovação. Mas fugir para onde? Está visto, para o Seminário. Não senhores! Ninguém vai ter o prazer de ver-me reprovado. Eu vou embora daqui. Vou embora para o Seminário.

E foi de verdade. Bruscamente. Durante o ano letivo. Foi embora sem uma explicação. Sem deixar tempo para os colegas troçarem dele. Sem expor o motivo de sua intempestiva resolução, pois seria expor-se ao ridículo. Então, Vital, tu estás louco outra vez? Por este absurdo pretexto, queres fugir, ir para o Seminário? Então isso é vocação ou loucura? Vamos, rapaz, ninguém vai te reprovar. A professora é boazinha.

Ele previa a reação. Por isso, não declarou a ninguém que sairia por medo dos exames. Não disse aos colegas e nem aos pais. A ninguém. Deixou todo mundo convencido de que ele estava mesmo louquinho por ser padre, que aquela era a sua



vocação, da qual não podia fugir.

A professora, na despedida, chegou a fazer um lindo discurso perante os alunos, com ardentes votos de que o rapaz voltasse um dia feito padre, para cantar em Nova Treviso a sua primeira missa.

* * *

Tinha 13 anos incompletos, mas aparentava 11. Franzino, pequeno, magro. Intelectualmente também parecia ter 12 anos. Desenvolvia-se lenta e tardiamente. Meio termo. Toda a vida.

Desde criança, Vital adorava as fortes emoções, as aventuras. As emoções foram sempre seu prato predileto... Os colegas, os irmãos, sentiriam imensamente deixar a casa paterna, os pais, os irmãos. Ele, embora muito afetivo e sedento de carinho, não pensava na dor da separação, em deixar a família para sempre. Pelo contrário, vibrava só ao pensamento de viajar, ir longe, conhecer outras terras e outras gentes. Viajar de trem pela primeira vez. Ah, o trem!

Partiu de casa sem derramar uma lágrima, venda embora o pranto da mãezinha desolada. Ele só pensava nas emoções da longa viagem. Realmente, naquela viagem andou de trem, ando de automóvel. Viu a luz elétrica, pela primeira vez.

Durante a viagem, um caixeiro-viajante, sabendo que o rapaz ia para o Seminário, tentou dissuadi-lo, pintando-lhe a vida de padre com tintas negras. Vital não disse palavra, mas não aceitou seus tolos conselhos. Imaginem. Agora que dera o primeiro passo. Agora que principiava a viver as grandes emoções. Nunca, seu pateta! Vai dar conselho pra tua vó, que eu vou para onde quero, ouviu?

* * *



Menino saído do mato, ignorante, inexperiente, ingênuo, tímido, encontrará inúmeras novidades no Seminário. Umas agradáveis. Outras amargas que o marcarão fundamentalmente para a vida inteira.

Encontrou 70 companheiros para brincar, jogar bolinhas de gude, pião, caçador, barra e o sensacional futebol. A bola, que já era a sua paixão, dominou-o inteiramente. E era um bom jogador. O melhor jogador da turma dos menores. Em casa só tinha bola pequena, sem câmara de ar. Aqui jogará bola de couro, enorme, embora apenas nos domingos e feriados. Para ele não havia pensamento mais emocionante, mais estonteante. Que coisa maravilhosa a bola!

Primeiramente morava no mato, em casinha de madeira, modesta, pobre, sem luz elétrica. Agora, num lindo e imenso edifício de alvenaria, a pompear soberbo no alto da cidade. À noite, feericamente iluminado pelo clarão da luz elétrica.

O Natal. Ah, o Natal! Que lindo o Natal no Seminário! Minutos antes da meia-noite, o canto do Gloria in excelsis Deo, acompanhado de carrilhão e de clarinete, vibrava no dormitório, acordando a rapaziada, que saltava freneticamente da cama. Cantando, todos cantando, em procissão, iam buscar a imagem do Menino Jesus num presépio armado a um canto do pátio, para levá-la à capela e colocá-la no grande presépio, que ostentava no alto enorme estrela luminosa.

Vital dizia consigo mesmo: Meus irmãos, lá em casa, não imaginam toda esta festa aqui. Se eles soubessem como é lindo o Natal no Seminário! Bobos eles que não vieram comigo!

* * *



O diretor era o Pe. Carlos. Um velho e santo missionário, encanecido nas lides apostólicas. Um santo. Mas um santo a seu modo. Santo muito rezador. Queria que os seminaristas rezassem como ele, que seguissem as mesmas práticas de piedade que ele seguia.

Pelos finados e na festa de Nossa Senhora da Porciúncula, por exemplo, os seminaristas deviam passar quatro dias visitando a capela, rezando seis Pais-nossos, seis Ave-Marias e seis Glórias, a fim de lucrar indulgência plenária em sufrágio das almas do Purgatório. Centenas de visitas, entrando saindo da fila todo o dia, todo o santo dia. Vital cansava. Todos cansavam e se aborreciam. Finados e Porciúncula ficarão para ele como dias tenebrosos, por toda a vida. Nunca mais pela vida a fora, sentirá vontade de fazer tais visitas.

A missa diária celebrada pelo Pe. Carlos parecia não ter fim. Uma hora. Toda uma longa hora de joelhos, sempre de joelhos. De pé, só durante a leitura do Evangelho. Era proibido sentar.

* * *

No segundo sábado, ocorreu o primeiro caso desagradável. Triste, dramático, traumatizante, para ele que era de uma sensibilidade excepcional. Foi durante a confissão. O rapazinho, no primeiro sábado, confessara todos os pecados cometidos em casa. Agora, durante a primeira semana no Seminário, não cometera pecado algum. Não dispunha, por isso, de matéria confessável. Naquela sua natural timidez, não sentia ânimo para declarar sua inocência ao confessor. Podia mesmo acontecer que tivesse algum pecado de que não se dava conta. Quem poderia saber séria ele, o confessor.



Vital ficou, pois, em silêncio, à espera das perguntas, como aliás acontecia com os confessores que iam a Nova Treviso. Mas aquele padre não era de fazer perguntas. Saiu-se logo com extrema brutalidade:

- Então não sabe se confessar?

Foi uma punhalada. Punhalada mortal que o derrubou, ali no confessionário, lugar de perdão e misericórdia. O que sofreu! Chorou. Não teve mais sossego. De noite, não dormiu. Só chorando.

Dias depois, quando o brutal choque emocional ia perdendo sua intensidade com o passar do tempo, surgia o negro pensamento do próximo sábado. Vai ser um novo drama. Nova tragédia. Porque ele ainda não tinha o que confessar. No Seminário, ele não mentia, não desobedecia, não brigava, não dizia nomes feios. Não tinha pecado. Uma desgraça!

A desgraça de não ter o que dizer ao confessor. Nenhum pecado. Que estranha desdita a do rapaz! Não ter um só pecadinho para contentar aquele maldoso confessor. É certo, ele vai sair-se com outra estupidez, com outra brutalidade.

Veio o sábado. O sábado mais trágico da vida. Quanto sofrimento! Quanta angústia! Dia terrível, de horror, de trevas, de amargura! Ah, se houvesse meio de se escapar. Se pudesse fugir, esconder-se. . .

Felizmente, desta vez, Deus condeou-se do garoto. Já não estava lá no confessionário aquele padre mau. Agora era um velhinho, muito bondoso, muito paciente, que o abraçou e lhe fez todas as perguntas. Todas as perguntas, com carinho, sem se zangar.

Pois é, desta vez eu me escapei, mas e no próximo sábado, terei a mesma sorte? Encontrarei o mesmo bondoso velhinho?



Não estará lá outra vez aquele padre brabo, estúpido? Tudo por que ele continuava na desdita da sua inocência. Não tinha pecado.

A agonia principiava sempre na quinta-feira. Três dias de angustiante expectativa, de espantoso desgaste nervoso. Havia mesmo assentado pedir para voltar para a casa dos pais. Só por causa desta tolice sem nome. Entretanto, pela segunda vez, a sorte lhe sorriu. Lá encontrou de novo o bondoso velhinho, tão querido quanto nojento era o outro.

Com isso, o menino, diante das perguntas do confessor, foi aprendendo a cometer pecados, para ter o que confessar ao padre mau. Aprendeu, por exemplo, que faltar ao silêncio, perder tempo durante os estudos, podia ser matéria confessável. Era pecado. Que alívio! Um enorme alívio! Agora ele já tinha pecados para contentar o padre mau. E assim resolveu-se o gravíssimo impasse, que por um triz não deitou por terra todo aquele castelo de sonhos...

* * *



Vital não simpatizou com o diretor. Desde o primeiro dia. Achava-o feio. Feio de rosto, todo coberto de barbas brancas. Cabeça calva. Grandes óculos a cavalo dum nariz achatado. Lábios grossos. Feios os dentes, grandes e amarelos. Olhos pequenos e verdes.

Muito suarento, impregnava o rude hábito de lã com odor nauseabundo que se percebia de longe. Feio e nada simpático. Muito sério e carrancudo. Não sorria. Não sabia sorrir. Ria uma risada forçada e destoante. Nunca esboçava um sorriso para o tímido Vital, o frágil garoto que tanto precisava de afeto.

Logo nos primeiros dias, Vital teve a impressão de que o Pe. Carlos não gostava dele. Convencera-se mesmo que o andava perseguindo.

Vital era um frágil menino, gracioso, de feições elegantes e delicadas. Uma dezena de colegas e alguns mestres se apaixonaram por ele. Isto certamente não terá passado despercebido pelo diretor, que tratou de castigar severamente a meiguice e o fascínio do rapaz.

No primeiro dia, desgostou o novato Vital, confiando-o ao cuidado de um «guarda» superantipático. O menino repudiava aquele guarda, por ser um santarrão, alvo de todas as troças. Um beato, um carola. Autêntico misticismo patológico. Sempre de cabeça torta. Vivía rezando. Rezando e estudando. Não tomava parte nos recreios, nos esportes, preferindo ir à capela orar... Acabou no hospício. Vital tinha impressão de que o Pe. Carlos se deliciava com as carolices do seu guia.

Este, o Vicente, era extremamente severo para com o seu guardado. Uma tarde, durante o recreio, os rapazes, jogando bola derrubaram ameixas das árvores do pátio. Derrubaram e



trataram logo de esmagá-las com os pés. Mas, Vital conseguiu agarrar uma e comeu.

Vicente, foi imediatamente informado. E veio furioso por cima do Vital:

- Então eu não te disse que era absolutamente proibido comer fruta sem licença? É pecado!

Mentira. O guarda não tinha dito nada. O garoto ainda não sabia que era proibido. Absolutamente, não sabia. Comeu tranquilamente, julgando até haver praticado uma boa ação. Julgava ter procedido mais acertadamente do que os colegas que esmagavam as ameixas, destruindo as frutas que Deus mandava.

Pelo tom violento da voz e pelo olhar severo do guarda, Vital, na sua infantil ingenuidade, na sua absurda credulidade, concluiu que seria um pecado gravíssimo. Um gravíssimo pecado mortal, embora ele na verdade não visse razão alguma de culpa.

Vital não disse palavra, não protestou, não se explicou. Era humilde e obediente. Ele não entendia, mas conformava-se, sujeitando-se. Os mais velhos devem saber mais do que eu. Por isso, a palavra deles era infalível. Dogma de fé. Cumpria respeitá-la religiosamente.

Respeitava exteriormente, mas lá por dentro sentia sanhuda revolta, revolta que procurava disfarçar. Pela vida a fora, enfrentará incontáveis batalhas semelhantes.

Pois é, comer fruta sem licença deve ser então um grande pecado. Pecado que de fato era severamente punido. Não raro, com expulsão do Seminário. Sim senhores: Expulsão do Seminário. Expulsão sumaria do seminarista que fosse surpreendido a comer uvas no vinhedo ou ameixas no pomar.



Um dia, durante o passeio, Vital viu um colega comendo araticuns sem licença. Notou depois que no dia seguinte o comedor de fruta não se acercou da mesa eucarística. Não comungou - pensou Vital - porque estava em pecado mortal por ter comido frutas no dia anterior durante o passeio. Comeu sem licença e cometeu pecado mortal. Agora, para comungar, devia antes se confessar, o que aconteceria no primeiro sábado.

Vai senão quando, volvido cerca de um ano, encontrando-se Vital em companhia de três colegas, andando pelo mato, deram festivamente com farta moita de amoreiras carregadas de fruta madura, bem vermelha. Os companheiros nem hesitaram, entraram logo a comer com voracidade, sem pedir licença ao padre que presidia a excursão. Vital, timidamente, por respeito humano, comeu uma que outra amora.

No outro dia, ele não comungou, pois cometera «pecado mortal». Mas os três colegas comungaram tranquilamente, sem previa confissão. A comunhão destes jovens esclarecidos, mais adiantados e mais inteligentes do que ele, punha por terra enfim todo o imenso tabu, dirimindo, uma vez por todas, aquela dúvida atroz acerca de autenticidade doutrinal do excêntrico guarda. Pois é, Vicente, comer fruta sem licença não é nenhum pecado mortal, ouviu, seu pateta? Bem que eu dizia comigo. Até que enfim serenou a longa e gigantesca tempestade em copo d'água.



O segundo fato a lhe provar que o Pe. Carlos o perseguia de verdade, aconteceu nas primeiras semanas, quando Vital recebeu seu <<emprego>>. Calculem qual foi o emprego, o serviço que o diretor confiou ao franzino rapaz. Limpar as instalações sanitárias. Durante longos meses, devia ele, todos os dias, proceder à limpeza dos sanitários. Todos os dias, lá vai o frágil garoto, de pincel na mão, de vassoura na mão, de lata de papel higiênico na mão... Alguns colegas troçavam dele.

Mas isto não foi nada. Quando o diretor tratou de alterar o quadro dos empregos, Vital estava radiante. Deixaria, enfim, aquele asqueroso serviço. Mas o segundo emprego sabem qual foi? As privadas, os sanitários do dormitório. A limpeza diária das instalações sanitárias do dormitório. Um horror! Não havia ainda instalação sanitária conveniente. Apenas um balde e uma tina. De manhã, então, era mister transportar para baixo, lá do terceiro andar, aqueles baldes pesados e fedorentos, com ajuda do Tranquilo, felizmente um rapaz alto e forte.

Pois um domingo, Vital vestira a sua roupa mais linda, o mais bonito terno que tivera na vida. Lá vai ele, elegantemente trajado, erguer o pesado balde, pesado demais para ele, tão franzino e miúdo. E - Oh, desgraça! - derrama sobre a roupa o fétido conteúdo do recipiente, chegando a entrar-lhe no bolso do paletó...

* * *

Não simpatizava com o Pe. Carlos também porque o mandava trabalhar. Trabalhar no pomar, na lavoura. O menino era fraco e adoentado. Sempre com dor de cabeça, da qual se libertará depois de muita oração. Como aborrecia o trabalho, sobretudo após o almoço! Tinha horror da enxada, da pá, da picareta. Pois fora para fugir delas que deixara a casa paterna...



Não gostava igualmente das aulas de catecismo ministradas pelo Pe. Carlos. Aos domingos, depois do recreio da tarde, antes do passeio, havia uma hora de estudo e, em seguida, uma hora de recitação e explicação.

<<O catecismo era um absurdo compêndio das verdades da fé, extremamente teórico e filosófico, com brilhante abstracismo>>. Vital não entendia patavina. Quase impossível decorar. Mas alguns colegas, de inteligência e memória privilegiadas, aprendiam tudo, tintim por tintim, na ponta da língua.

O rapaz pouco ou nada entendia de certas questões mais abstratas. Ele só entendia, só gostava, quando o diretor contava algum caso, algum exemplo. Só então o padre se tornava simpático. Vital só gostava dele quando contava histórias, que o faziam vibrar e que, mais tarde, haveria de narrar em seus livros, conforme teremos ocasião de ver.

Vital encontrou no Seminário uma congêrie pungente de usos absurdos. Então, quem entrasse naquele imenso casarão, ficaria isolado do resto do mundo, como numa ilha perdida no oceano. Nenhum contato com pessoas estranhas. Proibido falar com pessoas de fora, mesmo durante os passeios, para os quais saía-se em fila, rezando até fora da zona urbana.

Ninguém podia ter dinheiro consigo. Vital passará 12 anos sem ver nem tocar um vintém. Proibido falar em italiano ou dialeto vêneto, uma vez que os seminaristas provinham quase todos da colônia italiana. Para tanto, o Pe. Carlos inventou um suplício horrível: a consigna. Uma rodela de madeira, que corria entre os estudantes que fossem surpreendidos falando italiano ou dialeto. Ao chegar a hora do lanche, as quatro da tarde, quem estivesse de posse da consigna, não comia. Não



podia comer, por castigo.

Vital era bondoso e compassivo. Não suportava ver um colega nesse castigo, jejuando durante a merenda da tarde. Por isso, quando recebia a consigna, não se preocupava em passá-la adiante. Levava semanas inteiras sofrendo o suplício da fome, o qual, durante o inverno, era atroz.

* * *

Todavia, o mais cruel martírio do rapaz provinha de um colega da mesma turma, que sentava sempre a seu lado nos bancos da sala de estudo. Este companheiro, o Horácio, principiava a dar demonstrações de doença mental. Pois a loucura começou da seguinte maneira: Horácio deu de imitar, de arremedar simiescamente, de macaquear torpemente, todos os gestos, todas as atitudes de Vital.

Se este colocava a mão na cabeça, Horácio também colocava. Se se coçava, o colega se coçava. Se se coçava ao lenço, ele se coçava. Se levantava para sair da sala e dirigir-se ao banheiro, ele ia atrás, não sem o olhar indignado de todos. Uma vez, se Vital não fechasse a porta depressa, o louco entrava no banheiro junto.

Todos condenavam as absurdas macaqueações. Todos, menos o Pe. Carlos. O diretor achava aquilo interessante, muito certo. Só por ver o Vital sofrer. O louco estava certo. Vital, reclamando, estava errado. Um dia, a raiva ultrapassou as raias.

Vital não se conteve e fez estalar uma bofetada. Resultado: levou grosso castigo.



Calculem a revolta do menino. Revolta não só contra o louco, mas especialmente contra o diretor. Afinal, o louco tinha desculpa. Era louco. Mas ele, o diretor, sem ser louco, fazia o ridículo papel de louco.

Ah, Pe. Carlos, até quando?

* * *



Afetivo, excessivamente afetivo, o garoto. Extremamente emotivo. Sensível. Hipersensível. Sentimental. Verdadeiro problema patológico a reclamar um bom psicólogo, um psiquiatra, um bom orientador educacional.

Nos primeiros dias de Seminário, à noite, deitado, Vital lembrava-se de casa. Lembrava-se com infinita saudade de sua querida mãezinha. E ele que não chorará diante das lágrimas da mãe na despedida, entrou agora a chorar. Chorou copiosamente.

É verdade, em casa dos pais não tinha o contorto, as comodidades, os brinquedos do Seminário. Mas aqui faltava-lhe o principal - o amor. Alguém que o amasse, que o acarinhasse. Alguém que compensasse a tremenda frustração afetiva que lhe causava aquele que devia ocupar o lugar do pai, da mãe, o diretor.

Uma ocasião, o Pe. Rafael, um professor do Seminário, deu-lhe a atenção. Fez-lhe uns carinhos. Mostrou que lhe queria bem, que o amava. Com isso, o rapaz sentia-se feliz, tão feliz, que parecia estar no céu! Como ele adorava andar perto daquele padre! Tão carinhoso, tão amigo! Um autêntico tesouro.

Um dia Vital adoeceu, juntamente com outros colegas. O Pe. Rafael foi visitá-lo. Ficou lá com ele uns minutos. Minutos celestiais, inesquecíveis! Daí a pouco o padre saiu para entreter-se com outros meninos, que também mereciam atenção. Vital rompeu numa choradeira sem fim, feito criança.

Passado algum tempo, venda aquela amizade, uns colegas pegaram de trocar de Vital, de chamá-lo de puxa-saco, de puxa-saia. Ele não podia tolerar aquela zombaria. Ele amava loucamente o Pe. Rafael, mas não podia tolerar reclamações, protestos, zombarias. Não tolerava. Mas, como não podia



defender-se nem vingar-se, via-se obrigado a afastar-se do amiguinho, com imensa dor.

Horrível tortura! Nos passeios, gostaria de andar perto do Pe. Rafael. Adorava que ele lhe pegasse a mão. Contudo, para livrar-se da maldita língua dos companheiros, fazia aquele incrível sacrifício! Então, se o padre chegasse perto, Vital fugia correndo. Fugia quando adorava ficar junto.

* * *

Às vezes, tomava-se de amizade por um companheiro. Nascia nele uma simpatia incontrolável. Sentia-se tão feliz com aquela adorável amizade! Logo ao acordar, de manhã, pensava no seu amiguinho. Só o pensamento o tornava feliz. Amava andar junto com ele, no recreio, nos passeios, no trabalho. Gostava de vestir a mesma roupa, roupa da mesma cor. Ter as mesmas atitudes, os mesmos gestos, as mesmas coisas, os mesmos trabalhos, os mesmos brinquedos. Ao cruzar por ele, entrando ou saindo da sala de estudo ou da capela, trocava um olhar, um sorriso. Que grande ventura naquele olhar, naquele sorriso!

Era amizade exagerada, mas verdadeira, autêntica, legítima. Amizade platônica, espiritual, que nada tinha de carnal. Vital era inocente e puro como um anjo, como uma criança. Repudiava infinitamente o vício impuro. Se houvesse um amigo com tendências sensuais, ele o repelia e detestava energicamente.

Repugnava-lhe, por princípio e por natureza, qualquer espécie de homossexualismo. Sempre. Toda a vida. Aquela amizade nada tinha de pecaminoso. Era amor, era afeto, de que seu coração andava sedento. Amor que ninguém lhe dava. Era o alimento de sua alma adolescente, inexperiente, imatura e sem controle.



É: verdade. No entanto, lá vinha logo alguém a reclamar com energia: Amizade particular! Amizade particular! O Pe. Carlos, nas palestras, vivia martelando contra as amizades particulares. Vital odiava esta frase: Amizade particular.

Era tão doce aquela amizade! Mas não podia. Era proibido. Era amizade particular. Por isso, por causa das reclamações, das denúncias, aquela amizade morria pouco depois de nascer. Morria melancolicamente, deixando-lhe na alma um vazio deprimente, arrasador.

Sobrevinham-lhe daí crises de profunda nostalgia, uma tristeza insuportável, que Vital procurava matar com orações: Ó Virgem Santíssima, causa de nossa alegria, rogai por nós. Rogai por mim.

Melancolia e tristeza inexplicáveis, misteriosas, sem razão plausível. Em geral, vinham pela tarde. Por vezes durante o passeio. Ao cruzar pela frente do cemitério cresciam extremamente.

Aos poucos, entretanto, a bola, o futebol e outras atrações acabavam por desterrar o fantasma da melancolia.

* * *



Às vezes algum colega se apaixonava por ele, sem que Vital, contudo, pudesse corresponder. Não gostava daquele companheiro. Aborrecia-o. Pois um dia, um rapaz de família abastada, dos mais ricos do Seminário, apaixonou-se por ele. Vital detestava o Teodoro, mas fingia que lhe queria bem. Para quê? Para ganhar algum presente. Vital era pobre. Sua roupa era pouca e modesta. Casaco bonito só tinha um, aquele que sujara ao transportar o balde dos sanitários. Nenhuma calça comprida. Adorava ser dono de uma calça comprida. Não queria pedir em casa.

Mas não queria por quê? Porque os pais eram pobres e porque Vital devia fazer uma restituição. Em casa, ele furtara do pai uns níqueis para comprar caramelos. Furtara e não restituíra. O Pe. Carlos declarava, explicando o catecismo, que quem furta deve restituir. Restituição ou condenação. Se não restituísse, iria para o inferno.

Vivia oprimido, angustiado por este pensamento. Era preciso devolver. Mas devolver como? Ele não dispunha de um tostão. Resolveu então poupar despesas ao pai. Não pedir nada em casa. Andava necessitado. Andava louco por pedir uma roupa nova, mas não pedia.

O rapaz rico, que gostava tanto dele, ofertou-lhe um dia uma calça comprida e uma camisa de tricolina. Às escondidas. Ninguém ficou sabendo. Ai dele se o diretor viesse a descobrir!

Pois esse rapaz, o Teodoro, fez um dia uma proposta arrojada: Vital, vamos para casa. Daí depois iremos para o Seminário de São Leopoldo. Vamos estudar para padre secular. Tá?

Vital vibrou com a ideia, não de sair, de ir para casa,



mas de poder assim livrar-se daquele companheiro de que não gostava, embora lhe devesse gratidão. Respondeu: Vamos. Você pode ir, que eu irei depois.

Teodoro foi, e Vital ficou. Não sem remorso, ainda mais porque o colega não retornará ao Seminário, nem irá para o Seminário Central de São Leopoldo. Os dois jamais se encontrarão outra vez na vida. Nunca mais um terá notícia do outro. Nunca mais.

* * *

Vital entrou no Seminário inocente e dele sairá inocente. Não receberá nunca a menor informação acerca de sexo. Ninguém lhe dirá uma palavra. Nem o diretor, nem o confessor, nem os professores, nem os colegas. Às suas mãos jamais chegará livro, já não digo de orientação sexual, mas nem livro de biologia, de anatomia, de genética.

O Pe. Carlos, durante as palestras, vivia contundindo candente contra os pecados de impureza. Ásperos libelos, escorchantes panfletos objurgatórios, sempre na base da ralhção, como se os pobres seminaristas fossem os culpados, os únicos responsáveis por todos os males do mundo. Eterno tom de polêmica que tanto exacerbava o rapaz.

A castidade, a pureza e o vício contrário, era a tecla cotidiana, a temática de quase todas as palestras. Pecado gravíssimo! Quem cometesse o pecado impuro, devia ser expulso do Seminário imediatamente. Quem soubesse de algum pecado impuro, estava obrigado a denunciar o autor. Obrigada sob pecado mortal. Pois um dia um colega ousou passar a mão pelos órgãos sexuais de Vital. Um toque leve e rápido, por cima da roupa, certamente por mera curiosidade ou brincadeira. Nada de maior.



Contudo, para ele, aquele toque, leve e rápido, representava um dos gravíssimos pecados que deviam ser denunciados, sob pena de pecado mortal. Foi um drama! Ele, o tímido menino, denunciar um colega? Nunca. Timidez sem nome. Só entrava no quarto do diretor a chamado. Devia falar de joelhos, atitude que lhe aumentava a timidez. Nunca abria a boca. Só respondia por monossílabos: sim, não. Não se animava sequer a olhar para o rosto do diretor. Ele não podia denunciar, com aquele medo pânico.

Temia ainda represálias dos colegas. Os colegas eram fortes. Eram maus para ele. Ralhavam. Beliscavam. Batiam. Uma tortura! Não, não podia denunciar. Nem falar. Mas então como aplacar o torturante remorso de consciência, que o maltratava acerbamente, avassaladoramente? De tanto quebrar a cabeça, surgiu-lhe uma ideia excêntrica, absurda, mas que lhe pareceu plausível, capaz de dirimir a gravíssima questão.

Resolveu declarar ao confessor que ele, ele e não o colega, havia cometido o pecado impuro. Com isso julgava-se já absolvido do pecado de não haver denunciado o companheiro. Desta maneira, além disso, fugia do risco de vir a ser obrigado pelo confessor a concretizar a denúncia ao superior. Tudo correu bem e ele sentiu-se aliviado daquele peso brutal.

O diretor fustigava a impureza, qualificando-a de pecado grave. A gente não podia se olhar, não podia se tocar. Mas não dava explicação científica, biológica, formal. Não esclarecia por que era proibido. Em que consistia mesmo o pecado. Nada. Por isso, Vital, aturdido, perguntava-se: Como? A gente não pode se tocar e vai ao mictório. Então ir ao mictório não é pecado?

Não compreendia outrossim por que o Pe. Carlos obrigava a todos a tomarem banho de calção, de calção dentro do banheiro como se fosse na piscina. Todos de calção. Era



proibido, era pecado, tomar banho de chuveiro sem calção. Vital não compreendia. Como? Por quê? Lá dentro do banheiro ninguém vê. Então por que não tirar o calção para se lavar?

* * *

As mais violentas cargas do Pe. Carlos vinham reservadas para a mulher. Proibido pensar em mulher. Falar em mulher. Falar com mulher. Olhar para mulher. Mulher é sinônimo de pecado. Mulher é o demônio em carne e osso...

Aqui também Vital perguntava: E então Nossa Senhora não é mulher? Minha mãe não é mulher? O fato é que ele passará todo o tempo dos estudos sem falar com mulher, sem olhar para mulher, sem pensar em mulher. Ficará cerca de oito anos sem ver a sua própria mãezinha.

No dia em que reviu a mãe, deu-se um caso notável, teatral. Encontrou em casa dos pais sua prima Ester, moça de sua idade, companheira de infância. Moça bonita e, naquele domingo, bem trajada, ao lado do Alcides, noivo e seu futuro esposo. Ester era flor de garota, dona de dois olhos alucinantes.

Ela foi cumprimentar o primo. Vital estendeu-lhe a mão muito timidamente. Não olhou para ela. Ruborizou-se e não disse palavra, deixando a prima encabulada, encabuladíssima. Vital não olhou para o noivo. Não o cumprimentou, pois não sabia cumprimentar ninguém. Fazia oito anos que não cumprimentava ninguém. Mas não olhou, sobretudo, por que julgava-o mau, perverso, pecador. Então ele não sabia que era pecado namorar? E namorar logo a minha prima?

* * *



Cerca de ano e meio após sua entrada no Seminário, deu de ser assaltado por pensamentos sobre sexo, pensamento que ele julgava pecaminosos. Lembrava-se de sua professora de Nova Treviso e sentia tentação de estar junto com ela, te abraçá-la. Vieram-lhe depois pensamentos sobre Nossa Senhora, que Nossa Senhora também tinha sexo, sexo diferente do sexo dos homens. Um horror!

Então, perturbadíssimo, receando o pecado, entregava-se freneticamente à oração. Rezava, rezava ferosamente. Pedia mil vezes a morte, antes de cometer um só pecado impuro. Seu livro de reza, a <<Chave do céu>>, não trazia nenhuma oração específica para implorar a pureza. Então, durante recreio, às escondidas, lá a capela, procurava nos livros dos colegas, o <<Adoremus>> e o <<Maná>>, orações apropriadas. Rezava estas orações todos os dias com grande fervor. Repunha depois o livro no seu lugar, lastimando sua impossibilidade de adquirir um igual.

Felizmente, aqueles pensamentos desapareceram. Graças a Deus! Mas, certa manhã, ao acordar, teve um choque traumatizante. Notou a roupa do corpo molhada. Urinei na cama! Que horror! Havia novatos que urinavam na cama, sendo por isso alvos de zombarias, os coitados! Ai, se tocasse para ele semelhante desgraça! Por sorte, observou que os lençóis não estavam molhados. Apenas o pijama.

No dia seguinte, repetiu-se o negro incidente. Agora era todas as noites. Um desespero! Deixou de tomar água durante o jantar. Nada de líquido. Com alegria notou que expediente sortira bom resultado. Não molhava mais. Contudo, volta e meia, lá vinha aquela inquietante e misteriosa secreção. Notou um dia que o cheiro não era mesmo de urina. Outro odor



desagradável, diferente. Um mistério!

* * *

Ultimamente, vinha preocupado com algo que não entendia nas orações. Que significado tinham aquelas palavras do Angelus: E ela concebeu do Espírito Santo? Que é concebeu? Bendito o fruto do vosso ventre. Que quer dizer isso? Mistério!

Não encontrava explicação. O Pe. Carlos falava em castidade, em virgindade, em circuncisão. Dava evasivas. Vital notava que por baixo havia algo misterioso, algo que o diretor não ousava esclarecer. Que será? Ele tinha um medo louco de perder a virgindade...

Lendo, numa antologia da língua nacional, o belíssimo conto de Monteiro Lobato <<Pedro Pichorra>>, ficou preocupadíssimo. A certa altura da história, o pai de Pedro Pichorra manda o filho pegar a égua, dar milho e encilhar. Enquanto o filho encilhava, o pai recomenda: Não arroche muito a barrigueira. Tem potrinho.

Tem potrinho. Que quer dizer isso? Tem potrinho. Por que essa frase sem nexos, sem sentido? Tem potrinho. Mistério insondável!

* * *

O caso mais curioso aconteceu num domingo de tarde, durante o passeio. Vital, falando com Ademar, disse que ele, ao nascer, fora encontrado debaixo da ponte da estrada de ferro. Ademar soltou uma estrepitosa gargalhada. Uma gargalhada homérica, satânica, infernal. A gargalhada mais escarninha, mais sarcástica, mais arrasadora, mais iconoclasta, mais letal do mundo. Gargalhada que lhe cortou a alma, que o esmagou, que o liquidou, que o matou. Gargalhada que soará a vida inteira ao seu ouvido, a ulular como um trovão, achincalhadoramente:



Vital, você é um grandessíssimo ignorante, um grandessíssimo bobo! Que ingênuo você é, Vital! Tenha dó, meu amigo. Venha cá, onde já se viu um homem dessa idade, tão atrasado, tão bobinho, como uma criança? Deixe de ser bobo, Vital. Deixe de ser ridículo. Você não é mais criança! Você é gente, vamos!

A princípio, chocadíssimo, fulo de raiva, diante daquela arrasadora gargalhada, sentiu ímpetos de responder ferozmente: Então você quer saber mais que meu pai? Mas não disse nada. Por sorte. Aliás teria vindo uma nova edição do gargalhada, edição corrigida e aumentada. Ficou pensando, pensando, o que deu a tarde, durante todo o passeio. O Ademar não era burro. Era inteligente, inteligentíssimo, o mais inteligente de todos os colegas, embora mais moço do que ele. O Ademar irá longe na vida. Será professor e advogado de renome internacional. Assentar-se-á na cátedra de grandes universidades do Brasil e da Europa.

Vai ver que o Ademar tem ramo, concluía Vital, corrigindo seu precipitado juízo. Estou morto por chegar em casa para consultar o dicionário. Mal chegou, correu para a sala de estudo. Abriu o dicionário. Procurou o verbo nascer. Espantoso! Está aqui, bem certinho! O Ademar tem razão sim. Nascer: sair do ventre materno. Aí está o que eu tanto procurava saber acerca da oração do Anjo do Senhor: Bendito o filho do vosso ventre.

Viu? É verdade. Eu não fui encontrado debaixo da ponte, não. Não fui encontrado em parte alguma. Eu saí mas foi do ventre de minha mãe. Do ventre de minha mãe, que às vésperas do nascimento de meus irmãozinhos se avolumava. Sim senhor, Ademar. Você tem razão. Você não é atrasado como eu. Eu sou mesmo um bobinho. Um bobão. Um grandessíssimo bobo! Tão ingênuo, tão ignorante com essa idade, não é? Quinze anos. Bá, Vital, você não tem vergonha?



* * *

Foi uma bomba. Uma descoberta espetacular. A descoberta da pólvora. A descoberta da América. Vital acabava de sair do mundo da lua, onde vivia, beatificamente, com os anjos... Desvendava-se o mistério. O mistério principiava a desvendar-se. Mas acontece que ainda existe muita novidade escondida, muito mistério. Muita fantástica surpresa. Muita descoberta a realizar.

O rapaz dera o primeiro passo. Sentia-se até feliz. Decerto há muito colega por aí que sabe menos do que eu... Agora ele já entendia algo das palavras do Angelus, da Ave-Maria, da Salve-Rainha. Nossa Senhora dera à luz o Menino Jesus, quer dizer, o Menina saíra do ventre dela: Bendito o fruto do vosso ventre.

Refletindo, Vital indignava-se contra o Pe. Carlos. Os pais ele desculpava. Mas o Pe. Carlos por que não ensinava estas coisas? Como é que o Ademar sabia? Quem foi que disse a ele? E se o Ademar sabia, por que ele, o Vital, não podia saber? Por que deixá-lo assim nesta horrível ignorância, deixa-lo tão bobinho, fazê-lo passar tanta vergonha diante de um colega mais novo do que ele? Pois se está até nas orações. Está no Evangelho. Haveria então algum mal em dar esclarecimento? Vital não entendia o Pe. Carlos. Francamente, não podia entender.

Ademar não disse palavra. Não deu qualquer orientação. Não ralhou. Apenas soltou aquela expressiva gargalhada, ele que era senhor de uma bela gargalhada. Gargalhada que dizia tudo, que dizia milhões. Que lhe fazia a mais surpreendente revelação... Pois agora, descoberta a América, Vital vai querer explorá-la. Explorá-la afanosamente, profundamente.

* * *

Surge-lhe, daí uma avassaladora curiosidade. Uma ânsia



fogosa de penetrar fundo no labirinto misterioso do processo de gênese humana. Agora quer saber como pode a criança sair do ventre materno. Como? Por onde? Pela boca, impossível. Nem falar. Por onde então? Pelos orifícios inferiores? Não possuindo a mínima noção de genética, de anatomia, Vital atribuía ao corpo feminino as mesmas limitações do corpo masculino. Do corpo dele não era possível sair criança alguma, por menor que fosse. E então?

Terrível situação! Ninguém para indicar-lhe o caminho da solução do problema. Não ousava tocar no assunto com quem quer que fosse, assunto melindroso, de pecado. Às escondidas dos colegas, virava e revirava o pequeno dicionário, conseguindo por fim descobrir alguns termos duvidosos. Descobriu, por exemplo, o vocábulo testículo. Órgão masculino da reprodução. Que significa isso? Procurava a palavra reprodução. Ato de reproduzir. Olha reproduzir. Reproduzir um trabalho, um tema. Não é isso. Não pode ser isso. Dava-lhe uma raiva.

Não dispunha de cancha para dar um passo e sair daquela prisão. Jazia dentro de um poço do qual não lograva sair. As paredes muito altas e escorregadias. Sem escada Ninguém para lançar-lhe uma corda. De gritar ele tinha medo.

Enfim aprendera uma grande novidade, graças à gargalhada do Ademar. Sabia que a criança, ao nascer, não era encontrada em qualquer parte, como lhe haviam ensinado. Sabia que ela saía do ventre materno. Pois é. Mas e o resto. Tudo o mais era mistério impenetrável, cruciante. Horrível mistério! Inquietante mistério!

Tabula rasa. Ignorância total. E com esta ignorância o rapaz irá para o Noviciado. Chegará ao final dele, quando, vésperas da profissão religiosa, explodirá em suas mãos a bomba atômica, que o derrubará das nuvens, espetacularmente.



Desta maneira, sem a menor orientação em assunto de sexo, sem um amigo de confiança a quem abrir seu inquieto coração, sempre naquela timidez patológica, sempre agitado, excessivamente emotivo, de lamentável desequilíbrio emocional, de espantosa insegurança e imaturidade, o garoto passará cinco anos no Seminário Menor.

Ah, como ele suspirava pelo término dos estudos ginasiais! De mãos erguidas para o céu, com lágrimas nos olhos, suplicava a graça de fugir das garras daquela insuportável escravidão. Ah, que festa não fará ele no dia em que se vir livre do Pe. Carlos! Longe do Pe. Carlos! Aquele diretor que lhe marcou a alma a fogo, indelevelmente, para toda a vida.

Vital estava convencido de que não fora expulso do Seminário porque Deus o protegera. E verdade, ele não tinha maiores defeitos. Bem comportado. Piedoso. Obediente. Muito obediente. Humilde. Muito humilde. Nunca respondia ao diretor nem aos mestres. Sofria tudo calado, sempre calado. Sofria atrozmente. Entretanto, apesar de tanta perseguição, nunca pensara em fugir para a casa dos pais, abandonar o Seminário, a vocação. Achava que seu destino estava traçado, definitivamente traçado. Deveria perseverar a qualquer preço.

Perseverando, isto é, não saindo do Seminário, não perdendo a vocação, ele garantiria o céu. Não iria para o inferno. Ele tinha um medo louco de ir para o inferno. O Pe. Carlos com frequência, e sempre que houvesse uma deserção ou expulsão de um seminarista, aparecia na sala de estudo para uma palestra acerca da perseverança da vocação. No dia da saída de alguém em dado momento, surgia na sala, com majestática imponência. Subia lentamente o estrado do púlpito. Rezava. Sentava. Depois de uma pausa angustiante, impondo o



mais impressionante silêncio, principiava o seu lúgubre sermão sobre o trágico evento.

Uma longa ladainha de lamentações e impropérios, de raios e trovões. Violento libelo contra os malcomportados, contra o infeliz que preferiu as cebolas do Egito, como se dizia. Contra esse miserável, o Pe. Carlos ditava então a terrível sentença: inferno! Quem saísse do Seminário, quem perdesse a vocação, tomava o caminho do inferno. Inapelavelmente!

Vital condoía-se do pobre seminarista expulso, daquele miserável condenado ao inferno. Tinha muita pena de um primo do Hermelindo, irmão da Ester, que saíra do Seminário e que, portanto, tomara o caminho do inferno. Vital jurava então comportar-se para não sofrer a mesma capital desdita.

Entretanto, vinha oprimido pela ideia, pela suspeita, de que o Pe. Carlos o andava perseguindo, o andava vigiando, no sentido de buscar motivo de expulsão. Para o rapaz, as perseguições do diretor só visavam uma coisa: provocar o pedido espontâneo de sua exclusão do Seminário.

* * *

Com o pensamento de que, indo para o Noviciado, se libertaria da maior tortura que podia existir no mundo, Vital vivia alegre nos últimos meses. Feliz! Uma grande felicidade! Até que enfim saíria do inferno, fugiria das mãos daquele severo superior.

Desgraçadamente, pouco tempo durou esta felicidade. Três meses antes de Vital deixar o Seminário, correu uma notícia estarrecedora. O Pe. Carlos vai ser transferido. Vai ser transferido agora que já não faz falta. Mas vai para onde? Qual o seu novo cargo, seu novo campo de trabalho? Inacreditável! Ele acaba de ser nomeado mestre dos noviços. Quer dizer: será



outra vez o diretor do Vital...

Ninguém jamais poderá imaginar que punhal de dor esta notícia cravou coração do rapaz! Ninguém. Era só o que faltava! Alegre, feliz, por se libertar do Pe. Carlos, vai agora cair-lhe em cheio nos braços, nas suas garras. Até aqui, Vital tinha-o apenas como superior, como diretor. Agora, ele será superior, diretor, professor, prefeito de disciplina, tudo, tudo. Passará o dia ao lado do Pe. Carlos. Até de noite, dormirá no quarto ao lado da cela do Padre Mestre. Fato que Vital julgava proposital. Bem ao lado do quarto dele. No Noviciado não haverá outros professores, outros padres. Só o Pe. Mestre, o Pe. Carlos, sempre o Pe. Carlos, de dia e de noite.

Vital chegara mesmo a conceber um juízo temerário. Julgava que o Pe. Carlos provocara diante dos superiores a sua transferência com o exclusivo objetivo de continuar perseguindo e castigando a ele mesmo. Como diretor do Seminário, não pudera expulsá-lo. Tentará agora a última cartada. Vai armar-lhe uma emboscada. Tocaia segura, à beira da estrada, em curva estratégica, protegida pela sombra e pelo silêncio da mata. Vai ser um tiro certo, bem na testa. Ah, Vital, desta vez você não me escapa!

Mas o rapaz esforçava-se por afastar tão sinistro pensamento, que se instalara teimosamente em sua cabeça. Seja lá o que Deus quiser. Quem sabe, posso me enganar. Talvez, o Pe. Carlos não seja lá tão ruim no Noviciado. Poderá modificar seus métodos. Poderá converter-se. Não será talvez mais tão rigoroso, tão rude, tão severo, tão cruel. Terá mais jeito. Usará de bondade...

Ah! Vital, você vai ver agora! Você ainda não conhece o Pe. Carlos. Vai conhecê-lo agora. Você ainda não viu nada. Você ainda não sofreu nada. O que passou foi apenas aperitivo. Não



sabe o que o aguarda. Pois agora chegou o tempo da provação. Noviciado é provação. A mais rude provação. O Seminário foi apenas um treino leve. Agora você vai fazer profissão de sofrimento, de abnegação, de sacrifício, de penitência, de renúncia, meu filho!

* * *



O rapaz era uma alma de cristal, delicada como a flor. Compleição franzina, mãos pequenas, dedos compridos. <<Mãos de moça>> - dirão mais tarde. - Pés pequenos, calçado número 37. Braços finos. Pernas finas. Ausência quase total de pilosidade em todo o corpo. Organismo quase feminino

Corpo e alma de moça. Encantava-se enamoradamente por tudo quanto é belo, inocente, puro, pequeno. Tinha um sentimento inato pela limpeza, pela inocência, pela pureza, pela mansidão, pela bondade. Inimigo da violência, da agressividade, apesar do temperamento nervoso, irritadiço, que o fazia vibrar, que o exaltava, logo à primeira contrariedade. Manteve sempre lutas terríveis para esquecer ressentimentos, ofensas. Rezava todos os dias pedindo a paz com todos, pedindo para não ter raiva de ninguém...

Apesar de nascido em berço humilde, amava perdidamente vestir-se bem. Como ele admirava em pequeno a linda camisa branca dos rapazes da vila, colarinho aberto sobre o casaco, decote V no peito! Que inveja daquelas calças compridas! Ele nunca na vida se vestirá como os meninos da cidade, ele, o humilde coloninho, com aquela alma de cristal.

Adorava os perfumes, e muito se admirava de que os superiores e mestres detestassem os perfumes. Para eles o perfume dir-se-ia cheiro do excremento do diabo, como lhe disse alguém um dia. Só usa perfume o pecador. Uma tarde, durante o recreio, um novato largou na batina de um padre umas gotas de água-de-colônia. Ficou furo o religioso e correu a trocar a roupa... Vital nunca verá, durante todo o tempo dos estudos, até os 24 anos, nunca verá perfume. Nunca usará sabonete perfumado.

Apesar da humildade do seu berço, apesar de nascido na



boca do sertão, Vital parecia filho da cidade. Usava maneiras cavalheirescas, modos educados. Por vezes lhe perguntarão mais tarde, no Brasil e na Europa, se ele não era filho de berço aristocrático, filho da nobreza.

* * *

Pois esta alma de cristal, límpida como o olhar de uma criança, delicada como uma flor, sensibilíssima, entrará agora na escola da austeridade, da renúncia, da abnegação, do sacrifício, do sofrimento, do martírio.

Sentir-se-á logo vivamente chocado com a austeridade .. do novo regime. O ríspido regime do Noviciado, onde seu nome de batismo foi substituído pelo nome religioso de Frei Paulo, prática vigente na época em quase todas as Ordens e Congregações Religiosas.

Ele que adorava trajar com elegância, recebe agora rude estamemha cheia de remendos, com a qual sentiria vergonha diante de qualquer estranho. Rezava, por isso, para que nenhum parente fosse visitá-lo.

Um hábito, duas calças, duas camisas e dois lenços constituíam o conjunto de roupa de uso. Nada mais. Os lenços, para ele que vivia gripado, eram insuficientes. Ao deitar devia lavar os dois, para que secassem um pouco durante a noite, estendidos sobre os braços da cadeira ou da cama. Nos dias de forte resfriado, está visto, devia lavá-los, diversas vezes e usá-los ainda molhados.

Desde criança sonhava poder usar uma linda cabeleira, como os garotos da cidade. Ele nunca na vida usará cabeleira. Terá na cabeça um estreito cercílio.

Detestava, como sabemos, desde criança, o trabalho pesado. Viverá agora de enxada na mão, picareta, pá, machado,



serrote, carrinho. Levantar de madrugada para, muitas vezes, passar o dia todo no duro trabalho da roça. Isto porque o Pe. Carlos tinha a mania da lavoura. Além de cultivar a terra da Congregação, arrendava outras propriedades, longe do convento.

* * *



Pois é, Vital, a vida agora é essa. Noviciado é tempo de provação, de penitência, de trabalho. Se você não aguentar os rigores da prova, você não tem vocação para religioso. Você tomou o bonde errado.

Mas ele, com seu admirável espírito conformista, estava para o que desse e viesse. Ele vai topar qualquer parada. Não fugira da tormenta, do castigo, da tortura. Suportará o mais rude opróbrio sem abrir a boca. Sofrerá terrivelmente. Sua alma ficará marcada a fogo para o resto da vida. Mas não terá uma queixa. Uma lamentação, um protesto. Ele tomou uma resolução firme e inabalável. Irá até o fim. Custe o que custar.

Como ele temia a expulsão! Ele, a timidez em pessoa, viverá sob a constante ameaça do chicote, sob o mais severo cerco policial, sempre alerta para não cometer o menor deslize, a menor falta.

O pensamento, só o pensamento do Pe. Carlos o fazia tremer. Comparava-se a um barquinho de papel, boiando no mar, sempre à espera da tormenta. Um tenro cordeirinha. Perdido nas montanhas, à mercê do lobo. Um órfãozinho, morto de fome, coberto de andrajos, recolhido na estrada, por piedade, vivendo em casa alheia, de esmola, sempre receando a rejeição, o olho da rua...

Doente, anêmico, franzino. No inverno, no rude inverno do Rio Grande do Sul, passará horrores, sem poder calçar meias, sapatos. Apenas sandálias. Inverno e verão. Sofria o tormento das frieiras, um dos piores sofrimentos físicos de sua infância e adolescência. Nunca poderá aproximar-se do fogo, de uma estufa, de qualquer espécie de aquecimento. Proibido vestir camiseta, pulôver, flanela ou qualquer agasalho de lã.



Mas irá aos poucos habituando-se ao rigor daquela vida dura, entrando na rotina, no automatismo, como animal de carga, tangido pelo azorrague, marchando inconsciente...

* * *

Durante a segunda semana no convento do Noviciado, logo após a vestição do hábito religioso, sobrevém uma tormenta. Tormenta bravia, ululante, arrasadora. Costumavam os noviços dar notícias aos antigos colegas do Seminário, narrando-lhes as peripécias da viagem de uma localidade para outra, as impressões da viagem, da nova vida, da nova casa.

Frei Paulo, encarregado pela turma, escreveu. Aldérico, um finalista da quarta série ginásial, respondeu. O portador da carta foi o Serafim, um rapaz que ia abraçar o estado religioso como o irmão leigo, devendo fazer o estágio do Noviciado na mesma casa dos clérigos. Pois o Serafim entregou a carta ao Frei Paulo, sem submetê-la ao visto do Pe. Mestre. Aldérico, por sua vez, havia enviado a carta sem mostra-la antes ao diretor. O Pe. João, sucessor do Pe. Carlos no Seminário.

Houve denúncia. Aí o diretor escreveu ao Pe. Carlos, comunicando a transgressão. A direção das duas casas de formação armaram-se em polvorosa, em face de um dos maiores <<crimes>> dos últimos tempos.

Crime monstruoso, que será duramente punido, com extremo rigor. O Aldérico, por este crime, será expulso do Seminário, sumariamente expulso. Mas ele, firme na vocação, demandará outro Seminário, onde concluirá seus estudos com brilhantismo, tornando-se sacerdote exemplar, autêntico orgulho da Diocese.

A tormenta andava rugindo ao redor do Frei Paulo, que vindo a saber do movimento que se esboçava, apressou-se, num



gesto intempestivo e infeliz, a reduzir a cinza aquela carta. Uma carta inocente, inofensiva.

Após dias de angústia, Frei Paulo é chamado ao quarto do Pe. Mestre. Entra. Cai de joelhos. Beija a mão. Treme apavorado. Ouve candente libelo e recebe ordem de redigir a carta que havia destruído.

Redigiu, procurando manter inteiramente o conteúdo, as expressões, os termos, a pontuação. Não havia nela uma vírgula mal empregada. Não havia palavra contra ninguém, o que certamente decepcionou o Pe. Carlos, que chegou a perguntar: Mas a carta não declarava que não era para mostrá-la ao superior?

Não, a carta não trazia referência alguma a este respeito. Principiava em linguagem gauchesca: <<marrado ao palanque da minha obrigação...>> Prosseguia por três páginas, sempre em linguagem gauchesca, pois naquele tempo iniciava-se no Rio Grande do Sul o culto à tradição. Aldérico e Vital eram dois seminaristas apaixonados pelas letras e pelo tradicionalismo.

O crime consistia na transgressão do regulamento, que mandava passar pelas mãos do superior toda e qualquer correspondência, mesmo a dirigida aos pais. Mas o Frei Paulo, por se tratar de correspondência entre noviços e seminaristas, julgou-se dispensado da obrigação. Deste pecado jamais sentirá remorso, jamais se confessará. Agira em boa fé. Na melhor boa-fé. Não havia culpa alguma.

Mas ele não se explicou. Não disse palavra. Era um bobo. Se o superior o acusasse de homicídio, seria capaz de não protestar. Não se defendia. Um autêntico caso patológico. E fobia de autoridade. Fobia que Frei Paulo levará para a sepultura. Para ele, o superior será sempre um carrasco, um tirano, do qual é preciso permanecer à distância. Mais tarde, nunca dará



um passo para conseguir o cargo de superior.

- A falta é gravíssima - esclareceu o Pe. Carlos. - o Aldérico já foi expulso. E você terá o castigo que merece. Fará uma disciplina em público refeitório.

Disciplina! Disciplina em público refeitório! Uma espécie de enforcamento. Um fuzilamento em praça pública.



O Noviciado, assim como aconteceu com o Seminário, despertará no rapaz grandes emoções. Embora ele não se encontrasse espiritualmente e psicologicamente preparado, havia entrado sob intensa vibração. Frei Paulo vibrava ao entrar naquela casa religiosa, tida por ele como um cantinho do céu. Vibrava ao vestir o hábito religioso, a recitar o Ofício Divino, com aquela solenidade, com pausas impressionantes...

Fortemente inclinado à piedade, ao misticismo, a tudo quanto é santo, belo e grande, vai agora sentir uma força maluca, uma vontade veemente de alçar o voo e subir, subir, alcandorando-se nas altitudes da perfeição, da santidade. Não houve lá aquele fantasma do Pe. Carlos, aquele trágico espantalho... Se em seu lugar, estivesse um pai bondoso, humano, compreensivo, um mestre competente, possuidor de uma parcela da pedagogia do Divino Mestre, a quem ele pudesse abrir de par em par, confiadamente, a sua alma, expor-lhe suas ansiedades, suas dúvidas, seus íntimos conflitos...

No Noviciado, o jovem encontrou duas práticas que o faziam sofrer barbaramente e com as quais não podia se conformar: a Disciplina e o capítulo das culpas em pleno refeitório, antes da principal refeição.

A Disciplina. Nunca no Seminário nunca em parte alguma ouvira ele falar em semelhante suplício. Só conhecia o vocábulo Disciplina como sinônimo de ordem, de bom comportamento. Ignorava inteiramente o suplício da Disciplina. Não se encontrava, pois, em condições psicológicas de receber o dramático impacto, que atordoa e sucumbe os desprevenidos.

Foi um choque terrível! Concebeu violenta revolta diante do que considerava uma imoralidade. O Pe. Carlos verberava cruamente a impureza, proibia tomar banho de chuveiro sem



calção... E agora é ele que permite na capela, embora no escuro, aquela sinistra e indecente prática: Disciplinar o corpo seminu. Na capela, diante do Santíssimo, todos os religiosos, todos os noviços, um ao lado do outro. Horrendo sacrilégio! Onde já se viu semelhante monstruosidade, Pe. Carlos?

Mais. Perguntava ele: Para que este sacrifício? Mortificar a carne, flagelando-se à semelhança de Cristo preso à coluna? Mas Cristo - refletia Frei Paulo - não se disciplinou, não se flagelou. Ele foi flagelado. Assim pensava aquele frágil garoto de 16 anos, alma de cristal, que pouco ou nada entendia ainda de ascética, que mal principiava a gatinhar na rampa da espiritualidade.

É claro, não lhe apetecia tão cruel maceração. Aqueles noviçozinhos, praticamente umas crianças, deviam Disciplinar-se todos os dias, todos os dias. Os padres, os professos de votos perpétuos, apenas três vezes por semana. Os noviços, todos os dias. Frei Paulo, atentando para esta discriminação, protestava lá no seu interior.

Acontecia então que alguns noviços, naquele candente fervor dos primeiros dias, entravam logo a Disciplinar-se feroz e apaixonadamente, arrancando sangue sem piedade, salpicando o soalho da capela, o soalho e as paredes da cela!...

O Pe. Carlos não coibia este derramamento de sangue. Antes, com o silêncio, o estimulava. Aquilo parecia ser maravilhoso para ele. Dizia-lhe que seus noviços avançavam a passe de gigante na via purgativa. O inexplicável, entretanto, e que estes intempestivos noviços acabavam quase todos por abandonar o Noviciado, voltando para a casa de seus pais.

* * *



Pois agora, Frei Paulo, com todo aquele horror a Disciplina, vai, em castigo da carta, tomar uma Disciplina, não na escuridão, às escondidas, não na capela, não na cela, mas em pleno refeitório, diante de toda a comunidade, durante a principal refeição.

O Pe. Carlos, decerto para prolongar a agonia do rapaz, determinou que o castigo fosse executado daí a uma semana. Uma semana com dimensão de eternidade, uma semana de incrível sofrimento. Uma semana de insônia, de tremendo desgaste nervoso, de angústia mortal. Dava pena olhar para o franzino noviço, andando de cabeça baixa, profundamente abatido, humilhado, como se tivesse perdido a sua mãe naquele dia.

Enfim, chegou o momento. O Pe. Carlos, de caso pensado, não se encontra presente. Ele vai entrar no refeitório após o cumprimento da pena. Frei Paulo lá está de joelhos, numa prostração mortal. Não consegue colocar pingo de comida na boca. Finda a leitura do Evangelho, feita pelo acólito hebdomadário, o noviço levanta-se e vai ao centro da sala. Está cercado de religiosos por todos os lados, as mesas dispostas ao longo das quatro paredes. Puxa com mão trêmula seu instrumento de maceração e principia a vergastar-se, não nas nádegas desnudas como na capela, mas na barriga da perna...

Por sorte, o guardião da casa, o Pe. Exupério, logo que o Frei Paulo começou a Disciplinar-se, mandou suspender o suplício. Foi um pequeno alívio. Mas ninguém imagina a humilhação daquele rapazinho supersensível, que se ruborizava diante de qualquer palavrinha, vendo-se submetido àquele ignominioso castigo, diante dos colegas, diante do superior da casa, do Vigário, do Coadjutor, dos Irmãos leigos,



dos postulantes. Castigo reservado para as maiores faltas. O último recurso. Basta dizer, que, durante todo aquele ano de Noviciado, o único a sofrer tal castigo foi o Frei Paulo. Os membros da comunidade que porventura ignorassem a falta, decerto concluíram que aquele frágil noviço, tão franzino, tão meigo, era, no entanto, um demônio...

Por um triz não morre de vexame, o miserável. Pois é, Pe. Carlos, o senhor não vê que por um triz não matou aquele noviço?... Mas a morte principia agora. Desde aquele dia, Frei Paulo terá a saúde ainda mais abalada, abalados os nervos, abaladas as faculdades, a inteligência, a memória, a vontade. Ah, a vontade! Quanta falta lhe fará mais tarde essa importante faculdade! <<Entregue a uma obediência inconsciente, absoluta, cega, terá a vontade atrofiada, anulada, como animal amestrado, como uma máquina. Aquele absurdo servilismo, aquela emasculação moral, educava o noviço para a desgraça, para a morte. A morte dos germes da dignidade, da personalidade, da altanaria, da honra...>> (Valfredo Tepe).

* * *

A segunda prática que deixou Frei Paulo aturdido foi o capítulo das culpas. Prática inédita para ele. Inconcebível, absurda. Todos os dias, com exceção dos domingos e feriados, os noviços deviam fazer a culpa, no refeitório, antes do almoço, diante de toda a comunidade.

Entravam em silêncio, em fila, cabeça baixa, mãos nas mangas do hábito. Ajoelhavam, beijavam o chão e, profundamente inclinados, um por um, diziam: Rvmo. Padre, sou um noviço negligente e preguiçoso, acuso-me de ter faltado em particular à caridade, à pontualidade, ao silêncio...

A primeira vez que ele ouviu esta acusação, admirou-se de encontrar no Noviciado tantos jovens negligentes e preguiçosos.



Só mais tarde atinará que não se tratava de negligência ou preguiça formal. Os noviços, fossem ou não fossem negligentes e preguiçosos, faziam um ato de humildade, declarando-se publicamente culpados, embora inocentes.

Frei Paulo não tinha idade nem estudo suficiente para entender aquela escola, escola, aliás, que se esmerava na construção de uma estrutura essencialmente medieval. Humildade, para o Pe. Carlos, formado nesta escola, era abjeção, desprezo de si mesmo, morte ao autoconceito, aos valores individuais da inteligência, do gênio, do caráter. Humildade era matar no noviço tudo que lhe pudesse dar impressão agradável de êxito, de estima e consideração, derrubando todas as defesas do Eu, num trabalho tenaz e demolidor, para inferiorizar, malograr, desanimar. Era cultivar apenas o sentimento da própria inutilidade, deprimindo o indivíduo, inibindo sua alegria e seu elan em todos os terrenos, mormente o espiritual (Valfredo Tepe em <<O Sentido da Vida>>).

Corroborando sua doutrina, o Pe. Carlos não cansava de trazer o testemunho dos grandes santos, que se proclamavam os maiores pecadores do mundo, servos inúteis, vermes nojentos... O Frei Paulo repugnava esta linguagem, esta filosofia, com semelhantes ensinamentos e conselhos, como adivinhando que o levariam à derrota, ao fracasso, à morte, sentindo que seu autoconceito era assim ameaçado.

* * *

Pois no capítulo das culpas, o Pe. Carlos fazia a cada noviço um sermão, por vezes um longo sermão, que todos, de joelhos sobre as frias lajes, cabeça e corpo profundamente inclinados, deviam ouvir. Depois vinha a sentença. O menor castigo era o de rezar um Pai-Nosso e uma Ave-Maria de braços em cruz.



Mas quase todos os dias havia alguém comendo de joelhos no meio do refeitório. Vez por outra, o noviço comia de joelhos com óculos de papelão. Isto por que fora imodesto no olhar, levantando os olhos no refeitório. Ninguém podia olhar fora do prato e da mesa.

Castigo mais pungente era esmolar a comida. O noviço lá está de joelhos, prato vazio na mão. Após a leitura do Evangelho, levanta-se, prato na mão, vai diante do superior, vai ao Padre Mestre, aos demais sacerdotes e religiosos, mendigar um bocado de comida. Então o guardião toma do seu prato umas colheradas ou garfadas de comida e passa ao prato vazio do noviço, que, a seguir, esmola de outros religiosos e volta para o seu lugar, a comer de joelhos.

Algumas vezes, o castigo era ainda mais humilhante. O noviço, que está de joelhos, em dado momento levanta-se e vai beijar os pés do superior e demais sacerdotes presentes. O castigo vinha pela mais insignificante razão. Bastava cruzar os pés durante a refeição, o que facilmente acontecia, por inadvertência. Cruzar as pernas séria crime punido com extrema severidade.

Frei Paulo sofria e se perguntava: Por que tanto rigorismo extravagante e desumano, durante a refeição, que devia ser uma hora de alegria e confraternização? Só o pensamento de ir ao refeitório o punha doente. Perdia a vontade de comer. Engolia uns bocados, mas a comida lhe descia atravessada. Enroscava-se na garganta. Tomava indigestão. Por isso, vivia magro, vivia doente. Vivia tossindo e escarrando.

Uma vez por mês, sentia-se muito mal. Mas era proibido ficar doente. Se pedisse ao Pe. Carlos para ir deitar-se, a resposta vinha áspera: Preguiçoso! Doença de cabra! Era expressão que ele usava para exprimir preguiça, fingimento.



Então o rapaz aguentava rijo por mais uns dias, até que a febre o derrubava. Aí não havia outro jeito. Era a cama. Na cama recebia a única visita do seu grande <<amigo>>, a Pe. Carlos, que fazia de enfermeiro. Vinha ele de cara fechada, caneca de óleo de rícino na mão, onde iam umas gotas de café:

- Isto aqui é para os delicados - esclarecia. – os noviços tomam óleo puro. Só você toma com café.

Além deste remédio horrível, o Pe. Carlos dava outro, dava para todos os doentes. Chá de língua-de-vaca. Um chá ruim e ineficiente, que todos detestavam. E era só. Nenhuma injeção. Nenhum comprimido. Nada.

Frei Paulo carecia de consulta médica, por causa daquele catarro constante que o torturava cruelmente. Vivia pigarreando, cuspiendo no lenço, engolindo catarro. Quanta raiva deste impertinente catarro! A bronquite tornar-se-á crônica e só mais tarde, quando cair no hospital, ele poderá tratar-se.

Até a idade de 20 anos, o corpo dele não sentirá a picada de uma agulha de seringa de injeção. Só depois, quando estudante de Filosofia, atacado por séria enfermidade, é que Frei Paulo receberá a primeira injeção.

* * *



Frei Paulo, piedoso por inclinação natural, estimava altamente a oração, a visita à capela, a devoção à Santíssima Virgem... Mas experimentava séria dificuldade em fazer a meditação diária, mormente pela manhã. Fraco e doente, levantava às quatro e meia, fatigado e com muito sono. Uma soneira sem fim. Todo o tempo da meditação, cerca de três quartos de hora, levava lutando freneticamente contra o sono. Se dormisse, lá vinham as vergastadas do Pe. Mestre.

A meditação, por outro lado, era demasiado especulativa, abstrata, seca, fria, obscura. Não atraía a alma amorosa, emotiva, afetiva, de Frei Paulo, que era um poeta, inimigo da Matemática e da Filosofia. A única meditação proveitosa para ele resultava da aplicação dos sentidos em alguma cena do Evangelho, o que raramente os livros de meditação da comunidade traziam. E ler matéria de meditação em outros livros era proibido. Havia alguns livros belíssimos, que o Pe. Carlos proibia não se sabe por que motivo.

Mais. O Pe. Carlos ralhava os noviços que sentavam durante o tempo destinado à meditação na capela. Exigia a postura genuflexa permanente. Fazer meditação durante cerca de uma hora sempre de joelhos. Não há quem aguente. Como doíam os joelhos, com uma grossa calosidade! Na recitação das orações de braços em cruz, os braços deviam permanecer sempre esticados, tesos como arco. Frei Paulo fazia um esforço hercúleo para aguentar e assim agradecer ao Pe. Mestre.

Frequentemente, sentia ânsias de santificar-se, de lançar-se com sofreguidão montanha acima e atingir o cume da perfeição. Todos os dias rezava pedindo a graça do martírio. Pois é, se houvesse uma mão amiga e segura que o amparasse, que cuidasse de sua saúde, que o amasse, a ponto de abrir-lhe a



alma, manifestar-lhe todo o seu drama interior, aquele imenso drama avassalador, aquele turbilhão de dúvidas, de temores do inferno, de angústias mortais, aqueles absurdos escrúpulos. Ah, os escrúpulos! Que tormento! Frei Paulo seria um santo, ainda durante o Noviciado.

Infelizmente, desanimava. Prosseguia rotineiramente, estupidamente, aquela vida prosaica de oração e penitência. Na missa e comunhão, entretanto, apesar dos pesares, seu fervor era sincero e profundo. Porque o rapaz tinha um coração amoroso, um coração de fogo, capaz de amar alguém com verdadeira loucura. Esse amor apaixonado tinha às vezes o seu autêntico endereço - Deus, Jesus Eucarístico, Maria Santíssima.

* * *

A seus tímidos noviços, o Pe. Carlos pregava uma escatologia tenebrosa, terrificante e trágica. Abria-lhes as portas do inferno com espantosa facilidade, como se fosse uma confeitaria, na expressão de um autor. <<Sua linguagem era vingativa, agressiva, catilinária, filípica, na qual um bom psicólogo descobriria furtivos ressaibos de um sadismo moral>>(Tepe).

Acontece que o Pe. Carlos era lógico na prática. Usava com seus súditos o mesmo processo vingativo, escorchante, iconoclasta, demolidor. Castigos diários por qualquer nonada. Vigílias e jejuns. Trabalhos forçados. Cama dura. A mesma roupa para todo o ano, muita e quente no verão, pouca e fria no inverno. Missa diária sempre de joelhos. Orações e meditações sempre de joelhos. Ofício recitado em voz desmedidamente alta. Durante o cântico dos salmos, sempre de pé, durante uma hora inteira. Silêncio quase total durante todo o dia. Nenhuma leitura recreativa, biológica, científica.

Frei Paulo detestava a citação de exemplos utópicos que o



Pe. Mestre trazia a propósito da obediência. O superior mandava o súdito buscar água com um cesto. O súdito obedecia e trazia mesmo água dentro do cesto como se fosse um balde, sem perder uma gota. Plantar couves com as raízes de fora e soterrando as folhas. O religioso obedecia e a hortaliça vingava. Exemplos de obediência cega e recompensada. Os noviços deviam obedecer cegamente, mesmo quando recebessem ordem de transportar água num balaio de vime.

Exigia-se o perfeccionismo. Nada de humano. Virtudes angélicas. Noviços puros como os anjos, como se não tivessem corpo. Obedientes como os santos que plantavam couves de raiz para o ar...

* * *



A convicção de que o Pe. Carlos o provocava a pedir a sua exclusão, vai recrudescer no Noviciado. Os castigos serão cada vez mais provocantes. Agora, após o ignominioso o próprio da disciplina em público refeitório, Frei Paulo enfrentará outra tormenta não menos escorraçadora.

Durante o tempo do Seminário, Vital, alma voltada para as belezas, sentira forte inclinação para as artes. Inclinação apaixonante. Gostava da pintura, do desenho. Mas desenhar ou pintar uma casa, uma planta, um animal, um pássaro, era absolutamente proibido, e o transgressor severamente castigado. Seria tão lindo pintar! Entretanto, o que podia fazer era apenas caprichar na caligrafia, imitar a letra bonita do Sabino, seu vizinho na sala de estudo. O desenho era disciplina excluída da escola do Pe. Carlos.

Outra grande inclinação artística era a música. Ah, se pudesse pôr as mãos no harmônio, no plano! Imitar alguns colegas privilegiados, os únicos admitidos a tocar instrumentos musicais.

Vai então voltar-se para a literatura. Concebeu logo verdadeira paixão pelo cultivo das letras. Torturante paixão. Adorava a leitura de bons trechos literários, de descrições, poemas. Apreciava, de modo particular, as páginas de José de Alencar, como a introdução de Iracema, que chegou a decorar: Verdes mares bravios... Vivía com o dicionário na mão. Tomava nota de vocábulos. Expressões, metáforas, pensamentos. Copiava inteiros trechos. Copiou quase todo o conto de Monteiro Lobato <<Pedro Pichorra>>, ao qual já nos referimos.

Adorava ser um dia escritor. Um grande escritor. Chegava a rezar todos os dias pedindo a graça de se tornar um bom escritor. E na sua infantil ingenuidade, desejava até poder um



dia entrar para a Academia Brasileira de Letras. A pretensão do garoto, hem?!

Mas aprender a difícil arte das letras sem mestre e sem livros, seria uma temeridade. Ele não dispunha de livros propriamente literários. Apenas os manuais, os compêndios, como a Seleta de Alfredo Clemente Pinto e outra antologia da língua. Nada mais.

Vital levou para o Noviciado a paixão pela Literatura, pela leitura. Paixão que se intensificará mais e mais com o andar dos anos. O Pe. Carlos sabia, desde o Seminário, que o rapaz gostava de cultivar as letras. Pois agora chegou a ocasião de coibir aquela inclinação natural pela arte. Chegou o momento oportuno de impedir o desenvolvimento do germe da vaidade literária.

Então, nas primeiras semanas, tirou-lhe todos os cadernos de anotações, de apontamentos. Todos; até uma caderneta de bolso. Todo o suado labor de anos de pesquisas. Tudo desapareceu um dia da cela de Frei Paulo, misteriosamente. Ninguém lhe falou do autor da façanha. Ele não indagou, mas tinha absoluta certeza de que o ladrão só podia ter sido o Pe. Mestre.

O roubado noviço lamentou sinceramente aquele assalto clandestino, aquela perda imensa. É verdade, ele não podia ser dono de coisa alguma. Não tinha direito de reclamar. E não reclamou.

Entretanto, não parou aí a agressão do Pe. Carlos. Proibiu ao noviço de levar para o quarto livros em língua portuguesa, livros de espiritualidade em português. Para sua leitura espiritual, devia servir-se de livros estrangeiros, de que a biblioteca do Noviciado andava saturada.



Vivia órfão de afeto, de carinho, de amor, o rapaz. O seu único amor, o seu único prazer, eram os livros, era a língua portuguesa. Topar com um vocábulo desconhecido, uma imagem poética, uma metáfora arrojada, era uma festa. Era descobrir uma pérola, um diamante. Era só o que lhe dava alegria. A única alegria em meio a tanto sofrimento. O ideal que o levava a sofrer calado. O ideal que norteava seus passos no áspero caminho que batia, açoitado de raios e trovões...

Roubar-lhe este único amparo espiritual, era o mesmo que tirar o cigarro ao viciado fumante. O álcool ao ébrio. A maconha ao drogado. Uma calamidade! O que não sofreu! Sofreu milhões. Sofreu calado, sempre calado, sem um protesto, sem uma queixa, sem um desabafo.

* * *

Mas sentirá forças para aguentar a dura prova? Poderá suportar para sempre aquele jejum destruidor? Impossível. Impossível matar o germe daquela vocação avassaladora, incontrolável. Impossível dominar, estrangular aquela impetuosa paixão.

Como viandante do deserto, morto de sede, bebendo em poças imundas, o rapaz recolhia qualquer recorte de jornal velho, às escondidas. E lia, lia tudo, na esperança de descobrir uma palavra desconhecida, que pudesse enriquecer o seu vocabulário.

O papel higiênico dos sanitários eram recortes do Diário Oficial da União. Jornal que traz apenas decretos, portarias, relatórios. Nada de literatura. Nada de poesia. Entretanto, por felicidade, como algo tombado do céu, como raio de sol em meio à tormenta, inesperadamente, Frei Paulo descobre triunfante um dia o discurso que Jorge de Lima proferira sobre o Pe. Anchieta, no Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro. Procurou,



procurou e encontrou felizmente todos os recortes, contendo o discurso inteiro. Colocou no bolso. Levou para a cela. A tremer, leu e releu. Tão lindo! Aquilo não podia se perder. Deveria guardar fechado a sete chaves. Mas guardar onde? Não havia onde esconder. O Pe. Carlos não deixaria de descobrir. Então resolveu ir guardando no bolso.

Dias depois, oh, beleza! Outro discurso sobre o mesmo Apóstolo do Brasil, agora de Perilo Gomes. Discurso magistral, como o anterior. Ia guardando ambos no bolso. Ia lendo e relendo, sempre às escondidas.

Já assaz amassados e cheios de orelhas andavam, que pensou em colocá-los em lugar seguro, a salvo do ladrão. Depois de muito excogitar, julgou ter descoberto um lugarzinho estratégico, inatingível. Colocaria os recortes dentro do colchão de palha de milho. Bem escondido, no meio das palhas, mas para o lado da parede e bem em baixo. Aqui ele não descobrirá. Nem que tenha o faro mais apurado do mundo. Ah, Frei Paulo! Você é ainda muito ingênuo! Você ainda não conhece o Pe. Carlos.

Foi logo no dia seguinte. Voltando do trabalho, entra na cela e vai imediatamente examinar o seu tesouro escondido. E - oh, espanto! - sumiu! Sumiu, sim senhores. E agora? E agora, Frei Paulo? Agora é o fim, meu caro. Vou ser expulso, no duro. Pois o Pe. Carlos só busca motivo para me colocar na rua. Chegou o momento.

Noite de insônia, de angústia, de agonia! No dia seguinte, chamado ao gabinete do superior, cai de joelhos, beija o chão, tremendo como um condenado à morte. Ele não fala. Escuta em silêncio a terrível catilinária. Mas, por fim, um largo suspiro de alívio, coisa vinda do céu:

- Você tem sorte, Frei Paulo. Tem sorte, porque eram



escritos sobre a vida de um santo. Mas se você lê isto, que mais não lerá?

O rapaz lera e relera os dois discursos, não tanto para conhecer a vida do Apóstolo do Brasil. Lera por causa da forma literária das peças oratórias. Entretanto, o Pe. Carlos encontrava-se em situação escabrosa. Se ele expulsasse o noviço, deveria expor as razões. E, não resta dúvida, haveria um protesto unânime e solene: Então o Pe. Mestre expulsa um noviço porque ele leu a vida de um santo?!...

* * *



Desta vez me escapei. Graças a Deus! Frei Paulo passou uns dias sem pensar em novas aventuras em favor de sua doida paixão. Dias de atroz martírio. Era duro resistir à sedução dos livros, da leitura. Paixão violenta. Mais forte que o vício do jogo, da bebida.

Deu, então, de quebrar a cabeça no afã de saciar aquela fome canina. Como ébrio que de longe sente o cheiro da taberna, Frei Paulo descobriu a biblioteca. A biblioteca do convento, que ficava por cima da sacristia, mas sempre fechada à chave, lá na extremidade do enorme casarão, longe de qualquer cela. A capela com a sacristia e a biblioteca formavam a ponta de uma ala do convento. Fácil chegar à biblioteca sem ser notado.

Frei Paulo rondava-lhe a porta. Espiava pelo buraco da fechadura, por onde entrevia livros de capas vistosas, sobre as prateleiras, dando-lhe um prazer sem fim. Sentia o cheiro gostoso de papel velho, cheiro de biblioteca.

Quase todos os dias, dava uma espiadela a ver se encontrava a porta aberta. Pois uma tarde sombria de inverno, teve forte coraçoadada no peito. Viu a chave na porta. Decerto fora esquecida ali pelo Pe. Coadjutor, que volta e meia entrava lá. Bendito esquecimento! - murmurou o noviço, erguendo os olhos para o céu.

Com a mão a tremer, muito devagar, sem fazer ruído, girou a chave, com a maior facilidade. Que bom! Deus está me ajudando. O coração aos pinotes, entrou triunfalmente, vindo no meio daquele mundo de livros, quase todos em língua francesa e italiana.

Uma gostosura aquele odor de livro! Que delicioso perfume de biblioteca! Delicioso e inesquecível perfume de



livros! Nunca mais esquecer a agradável sensação daquele maravilhoso odor.

Encontrava-se no ambiente encantado das mil e uma noite, no reino de sonho, de magia e sortilégio, tonto de prazer, como o alcoólatra no meio de milhares de garrafas das mais inebriantes bebidas. Como o ébrio, ele também gemia sob o peso da escravidão. A escravidão dos livros, da leitura. A escravidão que o Pe. Carlos vinha tentando abolir a qualquer preço.

Para saciar a louca ânsia, a ânsia descontrolada de leitura, a sua agonizante paixão, o rapaz enfrentava todos os riscos, o perigo mortal. Se porventura fosse surpreendido na biblioteca por qualquer pessoa, seria inapelavelmente expulso... Ele gostaria de ficar morando naquele encantado palácio de fantasia e ilusão, de encanto e mistério, de sonho e quimera. Passar a vida inteira no meio de montanhas de livros. Deitar e dormir sobre um leito dourado de livros... Ah, a paixão, a estranha e louca paixão daquele jovem!

* * *

Viu ali um livro de capa colorida. Beleza! Livro do seu autor predileto, José de Alencar. <<O Tronco do Ipê>>. Um romance. Coisa proibida. Proibidíssima. Mas ele não vacilou. Agarrou sofregamente, a mão trêmula, o coração aos saltos. Guardou no bolso, no amplo bolso do hábito religioso. Fechou a porta. E, feliz e a tremer, correu para o banheiro. Deu uma olhadela. Leu umas linhas. E com ele voou para o quarto. Era a primeira vez que tinha em mão um romance. Dia histórico, inesquecível.

Mas e agora, como ler o livro? Era proibido trancar a porta por dentro. Devia estar sempre destrancada a fim de que o Pe. Mestre pudesse entrar de sopetão, sem bater. Pegá-lo-ia em flagrante, com a boca na botija.



O fruto devia ser saboreado. Não podia deixar de ler o livro, agora que a difícil batalha fora vencida. Então lia um trechinho e guardava no bolso ou por trás do quadro, em cima da prateleira da escrivaninha.

No dia seguinte, como prevendo um assalto, resolveu confiar o romance ao colega Frei Tarcísio. Uma santa inspiração, divinamente providencial. Pois naquela tarde, o Pe. Carlos entra de repente no quarto do noviço. Quase desmaiou o rapaz diante do olhar do Pe. Carlos dirigido para o quadro, Pronto - pensou - ele já descobriu tudo.

- Vamos colocar a mesinha para mais perto da janela, na claridade - disse o superior. - E tratou de remover o quadro, que se escorava na parede e atrás do qual ainda há pouco se encontrava <<O Tronco do Ipê>>.

Abençoada ideia de passar o romance ao colega! Como Deus é bom! Deus é meu Amigo, Amigo com letra maiúscula. Ele me protegeu na hora H, espetacularmente. Me defendeu de maneira escandalosa. O Pe. Carlos é meu inimigo, mas Deus é o grande Amigo da gente.

Quantas vezes, mais tarde, verá o Pe. Paulo nitidamente a mão de Deus protegendo-o amorosamente, em oportunidades escabrosas, quando a descoberta seria uma desgraça, o fim do mundo, diante dos superiores, de mentalidade medieval. Nosso Senhor defendia-o, tomando sempre o seu partido, como para mostrar que ele não andava mesmo no caminho errado...

Foi um susto mortal. Uma advertência - pensava o rapaz. - Não, não posso continuar nesta minha arriscada aventura. Devo esquecer de retirar livros da biblioteca. O Pe. Mestre vai acabando por descobrir e me expulsa. Chega, chega de viver em tamanho sobressalto.



* * *

Pediu o livro ao Frei Tarcísio e o repôs na biblioteca, que durante alguns dias permaneceu com a chave na porta. Agora Frei Paulo entrou a sonhar com outros castelos. Imaginar outras aventuras. Aventuras menos perigosas. Só para atender aos reclamos de sua paixão.

Não demorou nada, surgiu-lhe uma ideia luminosa. Um noviço, o Frei Virgílio, um rapaz muito inteligente, assentara abandonar o Noviciado e voltar para a casa paterna. Aquela vida austera não lhe servia. Aí o Frei Paulo vai e fala:

- Frei Virgílio, sabe de uma coisa? A chave da biblioteca está na porta. Não quer ir lá buscar algum livro? Você lê e depois passa para mim. Se o Pe. Mestre descobrir, a culpa é de você, que está para sair.

- Ótimo, Frei Paulo! Que boa ideia! Eu andava mesmo morto de vontade para ler algum livro. Vou lá agora mesmo.

E foi assim que Frei Paulo conseguiu ler <<O Tronco do Ipê>>, <<O Ubirajara>> e <<O Sertanejo>> de José de Alencar. Mais <<Os Humildes>> de Manuel Duarte e <<O Vaqueano>> de Apolinário Porto Alegre.

Leu às pressas, sem tomar apontamento algum. Leu entre horríveis sobressaltos. Um olho no livro, outro na porta. Os ouvidos sempre atentos a qualquer ruído de passos no corredor.

* * *



Com o andar dos meses, o Pe. Carlos foi atenuando um pouco o seu rigoroso policiamento. Já não controlava tanto as leituras de Frei Paulo, que agora podia levar para o quarto livros em língua portuguesa, livros de leitura espiritual. Poucos e sem literatura, pois na biblioteca do Noviciado, era reduzidíssimo o número de hagiografias em vernáculo, assim como de espiritualidade.

Frei Paulo lia com sofreguidão, sempre que tivesse tempo. Mas o tempo livre era muito escasso, mormente no verão, quando os dias de bom tempo vinham destinados à lavoura. De manhã à noite, trabalhando na roça.

Ah, se pudesse ler de noite! Era absolutamente proibido. E não havia luz elétrica nem velas nas celas dos noviços. Luz, apenas nos corredores e na cela do Pe. Mestre. Se um noviço acendesse vela, era imediatamente descoberto e punido, pois a claridade se observava através da basculante, da bandeirola da porta.

Uma ocasião, em dias quentes de estio, Frei Paulo cuidou haver descoberto a pólvora. Pegou diversos vagalumes, encafuou num vidro e levou para o quarto, a fim de ler à noite com a luz dos pequenos holofotes. Uma decepção. Os bichinhos, como carro estacionado, apagaram as luzes, para não gastar bateria.

Em noite de lua cheia, o noviço tentou mais de uma vez ler ao clarão do luar. Em balde. Não era possível. Por isso, passará o ano do Noviciado, os três anos de Filosofia e os quatro de Teologia sem nunca poder ler à noite, sem poder saciar a sua sede de leitura.

Que aos noviços se negasse o benefício da luz – refletia Frei Paulo - ainda passa. Mas aos estudantes, aos filósofos,



aos teólogos, francamente, é um abuso. E aí do estudante que ousasse acender vela! Frei Paulo tentou uma vez. Ergueu uma armação com toalha e camisa, para impedir a difusão da claridade. Lá pelas tantas, passa o diretor e golpeia a porta com três violentas pancadas.

Todavia, alguns colegas conseguiram burlar a vigilância dos superiores. Trouxeram a rede elétrica para o quarto clandestinamente, sem ficarem descobertos. Trabalho notável! Os fios elétricos vinham conduzidos ao longo do assoalho, por baixo das tábuas do rodapé, até à porta da cela. Por dentro, dois furinhos na moldura da porta. As extremidades da tomada consistiam em dois parafusos, que se enfiavam nos buracos, fazendo a ligação. A lâmpada, dentro de uma caixinha de madeira, colocada em cima dos livros, coava a luz por uma fresta, incidindo sobre o texto.

Com esta genial descoberta, fruto de um estudante entendido em eletricidade, alguns teólogos amanheciam curvados sobre os grossos volumes da Teologia Moral de Noldin. Gostoso, o fruto proibido! Meia dúzia dessas instalações clandestinas podem ser observadas ainda hoje no velho casarão do convento.

* * *



Durante todo o tempo do Noviciado, não aconteceu modificação alguma no total desconhecimento de Frei Paulo acerca do sexo. A situação permanecia a mesma do tempo do Seminário. Ignorância completa acerca dos mistérios da vida, dos trâmites da concepção e do nascimento de uma criatura humana. Ele só sabia que o homem ao nascer sai do ventre materno. Nada mais.

A preocupação de manter intato o sentimento de pureza levava-o a não pensar em soluções. Todos os dias pedia a Deus e a Nossa Senhora que o fizessem puro como os anjos, que lhe mandassem a morte antes de cometer o pecado impuro, como recomendava o Pe. Carlos. É verdade que por vezes sentia vontade de não ser tão exigente, porque tinha dúvidas acerca da autenticidade da doutrina daquele mestre. Seria ele mesmo digno de crédito? A religião que ele pregava parecia-lhe absurda e desumana. Religião que girava exclusivamente em torno desta virtude.

Mais tarde, sacerdote, Frei Paulo sofrerá as tristes consequências desta deletéria doutrinação. Para ele só haverá um pecado na vida do homem: o pecado impuro. Tanto para si como para os seus penitentes. Durante as confissões, o Pe. Paulo atentará tão somente para os pecados contra a pureza, contra o sexto mandamento. Se o penitente não se acusasse de faltas contra esta virtude ou contra este mandamento, se não se confessasse de maus pensamentos ou maus desejos, se, ao final da acusação, não tivesse pelo menos declarado algum pecado impuro da vida passada, aquele penitente era inocente, um santo que não carecia de absolvição.

* * *

Os ataques incessantes e violentos do Pe. Carlos contra



a mulher tornavam-se intoleráveis. Já não havia noviço que não estivesse convencido da maldade da mulher, que ela é um demônio, que devemos evitar a todo transe. Se, porventura, durante os passeios ou durante o trabalho, surgia um vulto feminino, o alarma, o grito, o alvoroço, tomava conta do bando de noviços ou estudantes.

Seminaristas, noviços, filósofos e teólogos, viviam num regime de total segregação humana. Nenhum contato com pessoas estranhas, com pessoas do mundo, fosse mesmo o operário que trabalhava na construção de alguma obra. Nem bom dia nem boa tarde. Nada. Ai do noviço que o Pe. Carlos surpreendesse a trocar uma palavra com um operário!

Ensinara-se aos noviços uma expressão em língua francesa, com a qual se devia prevenir a turma contra a aproximação de alguma pessoa estranha, sem que ela se desse conta: *à y a de monde*. Vale dizer: inimigo à vista.

Convém lembrar que todas as pessoas com quem os noviços podiam topa, eram de famílias exemplares, profundamente católicas, de costumes irrepreensíveis, para as quais seria honra insigne trocar uma palavra com pessoas religiosas, mesmo com os noviços. Mas não eram do convento. Viviam no mundo, viviam com mulheres em casa...

Frei Paulo andava tonto, desorientado, atrozmente atormentado por escrúpulos, em virtude desta doutrinação. Terrivelmente atormentado, sempre esmagado pelo terror do inferno, angustiado pela dúvida referente à sua salvação. Por isso, em todas as confissões, acusava-se de pecados da vida passada, pecados contra o sexto mandamento, que ele na realidade, formalmente, jamais havia cometido. Tivera apenas umas brincadeiras inocentes com seu irmãozinho, coisa sem a menor malícia.



Um dia, julgando que de tantas vezes Se acusar destas faltas, já estaria absolvido, resolveu acabar com a acusação dos pecados da vida passada. Omitiu somente uma vez esta acusação. Já na segunda vez, o confessor exigiu, alegando prescrição do regulamento.

Com isso, o rapaz se convencera de que o pecado impuro é mesmo o maior pecado do mundo, pecado - como dizia o Pe. Carlos - que precipita no inferno milhões de almas. O mestre costumava repetir que todos os condenados ao inferno tinham cometido o pecado impuro.

Para Frei Paulo o único pecado possível era o toque, o olhar ou o pensamento acerca da forma e da diversidade do sexo no homem e na mulher. Ele ignorava a masturbação. Nunca ouvira falar em cópula, em ato conjugal. Desconhecia inteiramente a significação das palavras: prostituição, meretriz, mulher da vida, pecado solitário. Só mais tarde, já sacerdote, adquirira conhecimento do alcance destes vocábulos, porque só então se dará conta dos fatos que representam.

A mulher era inofensiva para ele. Não via nela maldade alguma. Por isso, não compreendia a insistência das cargas do Pe. Carlos contra a mulher. Ele condenava os bailes. Mas que mal pode haver no baile? - perguntava-se o rapaz.

Levou tempo matutando sobre o significado da palavra castidade, voto de castidade. Por fim, descobriu que voto de castidade é voto de não casar. Ah, é só isso? Eu julgava que fosse muito mais escabroso e difícil. O que ele não podia entender eram os tais prazeres a que se referia o Pe. Mestre falando do voto de castidade e do matrimônio. Que prazer pode existir no matrimônio? Sinceramente, não entendia. Claro, só podia não entender.

* * *



Frei Paulo não se encontrava absolutamente em condições psicológicas para mergulhar nos segredos da vida conjugal. Em condições de ouvir, assim como foi, de sopetão, sem outra preparação, a explicação do ato sexual. De maneira alguma. Cairá das nuvens. Fragorosamente. Espetacularmente. O fim do mundo.

Vésperas da profissão religiosa. Avisado, o rapaz entra na cela do Pe. Mestre. Depois de beijar o chão, permanece de joelhos, atitude que dramatiza a presença daquele temível superior.

O Pe. Mestre declara então que ele necessita inteirar-se dos prazeres que vai renunciar ao proferir o voto de castidade. A seguir, dando a entender que se encontra diante de grave perigo, o superior coloca diante do rapaz uma estampa da Santíssima Virgem, que certamente o defendera do risco.

E o Pe. Carlos começa por fazer-lhe uma pergunta arrojada, escandalosa. Pergunta-lhe se sabe que o homem vem da mulher. O noviço lembrou-se da gargalhada do Ademar e da descoberta que depois fizera no dicionário. Respondeu sem hesitação: Sim.

- E sabe como é feito o corpo da mulher?

Está perdido, o pobre do rapaz. Será que o padre quer saber para me ralar? Mas eu não tenho culpa. Eu vi a menina por acaso, não foi de propósito. Mas que atrevido, que sem-vergonha, que está hoje o Pe. Carlos! Parecia um santo, não é? Então santo fala em assunto tão pecaminoso?

Esta apavoradíssimo. Precisa de um sedativo, de palavras atenuantes. Mas o Pe. Carlos não tem pena. Não o previne, não o acautela. Não lhe diz que não se assuste. Não declara que



vai falar de coisa importante, de coisa sagrada. Que foi Deus que assim determinou. Que o que Deus faz é bem feito. Nada disso. Pelo contrário, para tornar o caso mais dramático, mais apavorante, mais trágico, reza com ele uma Ave-Maria. Nunca rezava a Ave-Maria durante a direção espiritual. Só agora. Quer dizer então que o que se segue vai ser terrivelmente espantoso, perigosíssimo.

Aquele mestre havia já criado na alma jovem e simples do frágil noviço um verdadeiro tabu contra o sexo. Falar em sexo, era falar no demônio. Por isso, o rapaz se perguntava por que Deus criará o sexo, se ele é sinônimo de pecado?

O Pe. Mestre, certamente convencido de que Frei Paulo nada mais sabia acerca de sexo, não formula outras perguntas. Mais nada. Sem outro preâmbulo, larga-lhe nas mãos a bomba de hidrogênio da notícia do ato conjugal...

Inenarrável, indescritível, intraduzível, o impacto traumatizador, arrasador, assassino, na alma do rapaz. Impacto que o deita por terra, literalmente prostrado, por semanas a fio, a debater-se na agonia de uma angústia mortal.

Não sabe o que dizer, não sabe o que pensar. Pergunta-se: Como pode Deus permitir semelhante monstruosidade? Então os homens casam para praticar tão nefando sacrilégio? E não pode explicar como seus pais, tão santos, tivessem cometido aquela hedionda ação... Eu não ia casar. Mas agora, juro, juro que não casarei. Jamais poderia cometer tamanho crime! Jamais! Ele que vivia naquele ambiente beatífico dos anjos, naquela doce ilusão, no mundo extraterreno da inocência, nunca imaginara houvesse no mundo tanta maldade, tanta ignomínia. E admirava-se de como o Pe. Carlos, sempre tão severo, tão intransigente nestes assuntos, escorregasse agora nesse abismo de tanta miséria.



Então era esse o prazer, o decantado prazer do matrimônio?
O prazer que se renuncia com o voto de castidade? Então haverá
alguém que possa chamar de prazer ao mais negro tormento, a
ato tão perverso, tão cruel, como o de matar uma pessoa?

* * *



Frei Paulo não era o único noviço inocente. Havia outros ignorantes, ingênuos, que sofreram o mesmo impacto, ao ouvirem as palavras de esclarecimento do Pe. Mestre. Os outros, que não recebiam o Pe. Carlos, que podiam fitá-lo, levaram agora semanas sem olhar para a cara dele, de tão envergonhados que ficaram. Frei Paulo nunca olhava para o rosto do superior. Tinha medo. Ele nunca mais poderá olhar para qualquer superior. Ficará a vida inteira reservado, sempre com receio deles.

Mas e agora? A explanação dada pelo Pe. Mestre acerca do mistério da vida matrimonial foi rapidíssima, superficialíssima, incompletíssima. Criara o caos na mente do noviço. Uma confusão tremenda, obrigando-o a fazer a si mesmo inúmeras indagações. Ele não dispunha de livros para consulta. Não ousava fazer perguntas aos colegas e muito menos ao Pe. Mestre ou ao confessor.

O Pe. Carlos falara um tanto constrangido e dando a entender que o ato sexual, mesmo nas pessoas casadas, é pecaminoso, abominável. Ato praticado no quarto de dormir, portas fechadas, pois o diretor não falou em leito conjugal, não falou em cama. O noviço imaginou que o ato se pratica rapidamente, atrás da porta, de pé... O Pe. Mestre não falou em amor, em afeto. Deu a entender que os cônjuges agiam a contragosto, contrariados. Falou ligeiramente em testículos, num líquido. Perguntou ao noviço se notara à noite a roupa molhada. Mas isso só acontece durante um mês – esclarece o Mestre. - E o rapaz, que ainda não tivera poluição noturna, mais tarde se convencerá de que o diretor a ele se referia, criando outro drama, que por um triz não o levará à loucura, como veremos.



O Pe. Carlos não falou em inseminação, em fecundação do óvulo feminino, em concepção, em engravidamento. Nada, absolutamente nada acerca da formação de um ser humano no ventre materno. Limitou-se na descrição da cópula, a cujo inerente prazer o noviço deve renunciar ao proferir o voto de castidade. Não se referiu ao período de gestação, nem ao parto, deixando ainda o jovem ignorante acerca do nascimento de uma criatura humana. O rapaz ainda não sabia e não podia imaginar de que maneira uma criança sai do ventre da mãe.

Entretanto, o mais inexplicável, o mais inconcebível para ele era poder inteirar-se, convencer-se, do prazer existente num ato tão abominável e execrando. Mais tarde ele ficará desconfiado da validade do seu voto de castidade. Professar às cegas, sem saber o que fazia, o voto deveria ser nulo, absolutamente nulo.

Cerca de um mês antes da emissão dos votos, o Pe. Carlos ordenou que todos os noviços redigissem e entregassem a ele uma série de resoluções, como um compromisso de honra. Frei Paulo dizia consigo: A resolução que ele quer é a seguinte: Prefiro a morte a cometer um só pecado impuro. Pois o noviço não hesitou. Redigiu e entregou esta gravíssima resolução.

Com isso, parece que o Pe. Carlos ficou satisfeito. Daí por diante atenuou a sua perseguição, dando a entender que já não pensava na expulsão do rapaz. No entanto, um dia, retornando do trabalho, Frei Paulo encontrou sobre a escrivaninha uma cruz de papelão, de palmo e meio. Exclamou logo: isso só pode ser obra do Pe. Mestre. Ele quer me assustar. Revoltado, o noviço agarrou-a e fê-la em pedaço, não para mostrar aversão à cruz, mas para desaprovação daquela estranha atitude do seu superior.

* * *



Sua pronta obediência, cega, incondicional, seu espírito de piedade, seu máximo interesse em não desgostar o superior, seu esforço gigantesco em superar a fraqueza física, o sono, o frio, o calor, o trabalho pesado, tudo isso levou o noviço a ser admitido aos votos religiosos.

Todavia, não resta a menor dúvida, ele não se encontrava em condições de pronunciá-los conscientemente, validamente, porque lhe faltava a indispensável maturidade psíquica, afetiva e religiosa. Para a observância da continência perfeita, não tivera nenhuma provação suficiente, não havendo sido instruído, conforme sabemos. Faltava-lhe a indispensável formação adequada, motivo por que o futuro lhe reservará verdadeiras tragédias de desajustamento e infantilismo.

Era uma criança. Como criança se portava, ingênuo, inocente, emotivo, profundamente emocional. Como criança portar-se-á muitas vezes pela vida fora.

A escola do Pe. Carlos funcionava conforme moldes medievais. <<Uma concepção angélica da pessoa humana, e uma concepção materialista, que deforma e mata os germes da personalidade, desrespeita os direitos fundamentais da pessoa>>.

Com esta falha doutrinação acerca da ascese cristã, mormente da humildade, com a mentalidade negativista e pessimista acerca da natureza humana, ele, ao findar o Noviciado, sentia-se esmagado pelo sentimento de inferioridade, de masoquismo, de inadequação.

<<A prática da obediência cega, incondicional, a dependência total do superior, fizeram-no vítima do espírito de massa, do mecanismo, criando nele a indecisão, a insegurança



quase impossibilidade de agir por si, como se fosse uma eterna criança, como se fosse uma máquina>> (Valfredo Tepe).

Atormentado por conflitos íntimos, despedaçado pelo sentimento de culpa advindo de pretensas faltas de pureza, torturado avassaladoramente por outros sérios problemas que se criaram ou se agravaram durante o ano do Noviciado, o rapaz chega ao final dele mais despreparado e imaturo do que o era na entrada.

* * *

Agora, ao proferir os votos religiosos, não sentia nenhuma ambição de progredir na perfeição, não media responsabilidades. O que o animava e lhe dava certa alegria, era o pensamento de ver-se livre do jugo do Pe. Carlos. A liberdade que vinha perseguindo com tanto afã, derramando lágrimas, rorejando sangue, havia seis longos anos. Quem sabe, longe desse superior, modifique sua ideia acerca da vida religiosa. Longe dele, esperava a libertação daquele despedaçante sentimento de culpa causado por insignificante brincadeira de criança, libertação do terror do inferno, sempre de portas abertas para tragá-lo...

O Noviciado fora um fracasso. A bancarrota, a falência total de suas ambições, de suas ilusões. Aqueles ardorosos anseios de sua alma de fogo, do seu coração em brasa, nos saudosos dias do retiro preparatório à vestição religiosa. Tudo, tudo ruína por terra, tragicamente. Ruína por terra, melancolicamente, aquele soberbo castelo de ilusão, o castelo encantado de seus sonhos, do mundo de magia, de sortilégio, de quimera.

Ruíra porque não encontrara a firmeza dos alicerces.



Erguido às pressas, precipitadamente, argamassado com lágrimas, por arquiteto incapaz, improvisado, que lhe deu frágil estrutura, continuamente agitado por rudes procelas, acabou tombando. Um montão de escombros, onde brilham cacos de sonhos de ouro, de diamantes de virtudes, de turquesas de sublimes ascensões, de ametistas de amor, de esmeraldas de esperanças...

Agora, só lhe restava uma esperança, a de encontrar ambiente para começar tudo de novo, começar a reconstrução do seu palácio espiritual, do seu palácio de amor, sob as ordens de outro arquiteto capacitado e idealista, arquiteto moderno, amante das novas estruturas, inimigo das estruturas medievais, tão incompatíveis com a índole progressista do Frei Paulo.

Quem sabe, longe do Pe. Carlos, talvez consiga mesmo realizar o seu ideal. Talvez encontre um pai amoroso que lhe conserte o coração dilacerado pelas rudes asperezas, que lhe acalente o coração enregelado pela frieza glacial a que andara sujeito durante longos e tenebrosos anos.

Não levará saudade alguma do ano do Noviciado. Levará consigo, por toda a vida, a mancha lúgubre do pégaso onde naufragara o batel de suas ilusões. Ele verá todas as tardes, ao pôr-do-sol, sobre as ondas de ouro do horizonte, a negra silhueta dos penhascos contra os quais se quebrara o barquinho de seus sonhos...

* * *

Teve pouco aparato a cerimônia da profissão religiosa. Da família só esteve presente o pai. Emoção não provou nenhuma. Pronunciou os votos quase maquinalmente, sem medir-lhes o valor, sem ligar-lhes importância, ignorando inteiramente o



sublime alcance do belo e santo gesto. Para ele os votos religiosos nada significavam. Que valor podia ter para ele o voto de castidade, que era como voto de não matar? Um absurdo. Não experimentou alegria alguma, ele tão emotivo. A única alegria era de não ter agora como superior e diretor o Pe. Carlos - a mais negra figura do porão do seu inconsciente.

* * *



Frei Paulo vai agora iniciar os estudos filosóficos, na mesma casa do Noviciado, ainda sob o olhar do Pe. Carlos, na capela, no refeitório, nos corredores. Ele já não tem jurisdição alguma sobre os estudantes. A sua missão é lá no Noviciado, para o qual acabava de chegar uma nova turma de seminaristas, que serão seus discípulos, durante um ano.

Encontra-se o Pe. Carlos inteiramente desligado dos estudantes. Mas continua policiando o procedimento do rapaz, aquele jovem cuja alma ele marcara a fogo. Às escondidas, vasculha o quarto. Examina os livros. Mexe e remexe a cama, até que descobre uma <<grave>> irregularidade, imediatamente levada ao conhecimento do diretor dos estudantes.

Acontece que o Frei Paulo, vendo-se livre daquele superior, tratou agora de substituir o duro travesseiro de palha de milho por outro de penas. Durou pouco tempo o macio travesseiro de penas. O diretor, que também comungava os mesmos princípios medievais do Pe. Carlos, retirou-lhe o travesseiro de penas, passando-lhe violenta reprimenda.

Pois é, naquela casa onde mora o Pe. Carlos, o rapaz não consegue libertar-se do espírito de escravidão, de revolta, de indignação. Espírito deletério e desagregador que prosseguirá minando-lhe as combalidas forças.

Introvertido, sem coragem de indagar, fechado em si mesmo, inimigo de solicitar esclarecimentos de dúvidas, era ainda assaltado por vãos escrúpulos. O tormento dos escrúpulos datava do tempo do Seminário. Durante o primeiro retiro espiritual, aconteceu-lhe um caso assaz curioso. Ouvindo os terríficas sermões escatológicos, tropejados ao sistema medieval, surgiu-lhe de repente a ideia absurda de que cometera em criança horrível pecado. Uma blasfêmia. Blasfêmia que para



ele seria um gravíssimo pecado mortal.

Não era blasfêmia alguma. Apenas um nome feio contra uma vaca, que resistia de entrar na estrebaria. Fia da puta. A única vez na vida que proferira esta <<enorme blasfêmia>>. Recordou-se agora e não teve mais sossego. Deixou de comungar. No final do retiro foi se confessar. O confessor, um santo e bondoso sacerdote, decerto desconfiando da ignorância do rapaz, quis saber que blasfêmia era.

- Não é nenhum pecado, meu filho - tranquilizou-o. - Você não disse a Nosso Senhor ou a Nossa Senhora, pois não?

Agora, durante os estudos, continuará sob a mesma trágica opressão dos escrúpulos, a mesma angústia, mormente acerca da questão sexual. Até aqui nunca ouvira falar em masturbação. Ignorava a poluição noturna, que ainda não tivera. Pois com tal ignorância aconteceu-lhe um dia, ao combater forte coceira, provocar, inconscientemente, a masturbação. Ficou apavorado. Nunca imaginara que seu corpo pudesse expelir aquela massa misteriosa. Ficou apavorado, mas não pediu explicação. Não se confessou. Não se julgou culpado.

* * *

Agora, com seus 18 anos, sobrevinham-lhe, durante o sono, frequentes poluições, que lhe causavam uma tristeza infinita, uma angústia imensa, além da perturbação nervosa e enfraquecimento de energias. Cada poluição noturna provocava-lhe duas ou três noites de insônia.

Tomava, por isso, dramáticas medidas de precaução. Colocava pedras, pedaços de madeira na cama, visando impedir o decúbito dorsal involuntário, que era a posição mais provocante. Apesar disso, o drama persistia torturante.

Aos poucos, em vez de atenuar-se, a opressão entrou a



agravar-se em face de um pensamento absurdo, perturbador, que lhe surgiu estupidamente. Lembrou-se do esclarecimento do Pe. Carlos acerca da secreção sexual noturna que não devia durar mais de um mês. Quem sabe, o Pe. Mestre referia-se à poluição. Pois é, deve ser. Meteu a ideia imbecil na cabeça, obstinadamente.

Não era apenas um mês, eram muitos meses. Sem jeito de parar. Ele precisava acabar com aquela tortura, liquidar aquela <<desordem>>. Mas acabar de que maneira? O único meio de que podia lançar mão era a oração. Pedir a Deus que o livrasse daquela terrível calamidade. Rezava a Deus, a Nossa Senhora, com todo o fervor, com toda a fé, com toda a confiança, chorando, feito criança, diante do altarcinho da Virgem Maria. De noite, sozinho, permanecia longo tempo na capela, dando expansão aos seus desesperos, com grandes gestos, com grossas lágrimas, dobrando o corpo até o chão...

O tempo foi passando. Professou solenemente. Votos perpétuos, emitidos com a mesma imaturidade, com o mesmo despreparo. E agora, professo de votos solenes, estudante de Teologia, continuava tendo cada 15 ou 20 dias uma poluição noturna. Que angústia! Que tortura! Que sofrimento! O que não pagaria por ver-se livre da maldita hipocondria da poluição! Indignava-se por ter nascido homem. Queria ser mulher. Mulher decerto não tem destas coisas...

Veza por outra, surgia-lhe uma ideia tremendamente absurda. Ouvira falar que um religioso leigo, não podendo resistir à tentação, apelou para a autocastração. Se tivesse coragem, se fosse possível, Frei Paulo faria a mesma coisa. Para quê? Apenas para ver-se liberto da poluição noturna, inconsciente, durante o sono!...

Parecia incrível que Nossa Senhora não escutasse aqueles



gemidos lancinantes, não atendesse a tantos frenéticos apelos, de dia e de noite. Realmente, ao cabo de longos meses, os céus se comoveram.

O diretor, sem que Frei Paulo expusesse o seu drama, mas decerto adivinhando-o, esclareceu um dia, durante a direção espiritual, que não se preocupasse se de noite lhe sobrevinha a poluição. Não era nenhuma desordem. Nenhum mal. Aquilo era necessário. A natureza o exige... Ah, bendito diretor! Tão diferente do Pe. Carlos.

Foi um dos maiores alívios, a sábia orientação do diretor. Que sossego agora! Podia assim dedicar-se com mais proveito à oração, ao estudo. Mas havia outro estorvo. Três vezes por semana, a comunidade levantava à meia-noite para recitação de Matinas e Laudes, parte principal do Ofício Divino, do Breviário. Levantar à meia-noite, no melhor do sono, não é nada. O caso é que Frei Paulo, retornando à cela, não conseguia mais conciliar o sono. Impossível. O resto da noite sem pregar o sono.

Nesses três dias ele quase não podia estudar. Sono e cansaço incriveis. Se pelo menos pudesse seguir o exemplo de certos padres que trabalhavam até a meia-noite, só indo deitar após a recitação do Ofício... Mas os estudantes, como sabemos, não tinham luz elétrica na cela e não podiam acender velas.

Continuava sempre adoentado. Não era enfermidade de matar. Mas ele, naquela sua incrível timidez, julgava-se condenado à morte. Para ela estava preparado. Estava até anelando voar para o céu, juntar-se a Deus, a Nossa Senhora, a Santa Teresinha. Pedia apenas a esta santinha que lhe concedesse a graça de se ordenar e celebrar uma santa missa. Uma só missa e depois morrer...

* * *



O regime truculento acerca das leituras perdurava ainda agora durante o tempo dos estudos. Uma ânsia insaciável de ler, e sempre aquele maldito jejum, sem um livro propriamente literário. Nem livro, nem revista, nem jornal. Apenas a frieza glacial dos compêndios didáticos, quase todos em língua latina. Livros de leitura espiritual, poucos e antiquados. Nenhum livre de orientação sexual, de psicologia, de higiene mental. Nada.

Com dificuldade acompanhava o curso de Filosofia e o de Teologia. Estudar sempre na língua de Cícero. Detestava estudar a lição nessa língua, falar latim, escrever em latim, ele que enfrentava dificuldades nos estudos. Estudante medíocre. Não era o último, o mais atrasado. Outros havia menos inteligentes, menos estudiosos. Poderia ser até um aluno brilhante, se tantos lamentáveis conflitos sentimentais não lhe houvessem embotado as faculdades.

A saúde fraca, a má digestão, a má circulação do sangue, a insônia, as fortes e desagradáveis emoções, a contínua angústia, a opressão, a falta de afeto, de amor, de compreensão, e tantos outros fatores emocionais dificultar-lhe-ão sobretudo a lucidez do raciocínio, a presença de espírito, a atenção, a concentração mental. Uma incrível dificuldade de concentração. Uma contínua distração nas orações, na missa, no Ofício Divino. Inacreditável!

Contudo, não desanimava. Seu fervor nas orações, apesar das distrações, não decrescia. Rezava com fé, com confiança, com perseverança. Encantadora devoção a Santíssima Virgem. Era decerto o que lhe valia no meio de tantas tormentas.



Desta maneira, pode ser ordenado presbítero. O bispo, no dia da ordenação sacerdotal, como se estivesse prevendo, fez grave advertência contra o mau procedimento de certos padres. Frei Paulo dizia: Eu não quero ser infiel. Jamais. Deus me livre. E levou a vida a debater-se pressionado pela ideia fixa, com medo louco de chegar um dia a praticar aquilo que tanto temia e detestava. Dito e feito. Preocupou-se tanto, que caiu justamente onde não queria cair. Uma fatalidade! Cruel fatalidade!

O seu ponto fraco continuava sendo o problema sexual. Ignorância assombrosa. O estudo dos últimos seis meses fora de sexto. Estudo superficial e ruinoso, por lhe faltarem os indispensáveis conhecimentos científicos, que nunca lhe foram ministrados. Lamentável desconhecimento da natureza humana, da anatomia.

Ainda estudante, levando um dia pela mão um menino de cinco anos, e sentindo a flacidez da pele de criança, experimentou violenta excitação venera, fato que o deixou desnordeado. Realmente, era a primeira vez que tocava a mãozinha sedosa de uma criança. Mas aquela violentíssima sensação sexual involuntária não era normal. Algo patológico, absurdo. Como poderá ele então enfrentar a vida, cumprimentar, não apenas crianças, mas mulheres e moças?

Logo viu que se encontrava inteiramente despreparado para iniciar o trabalho pastoral, o ministério sacerdotal. Teria necessariamente de lutar contra terríveis situações, arrostar perigosas procelas. Que será de mim com tamanha imaturidade afetiva e sexual, com tão alarmante desequilíbrio emocional, com um temperamento nervoso e hipersensível?

E assim vai ele agora atirar-se ao mar largo, mar insidioso para o jovem e insinuante sacerdote, formado na escola puritana



e medieval do Pe. Carlos. Mas repleto de recifes, dragões, de sereias. Ele, infantil, ingênuo, inocente, abocanhará incauto a isca que encerra o mortal ferrão.

* * *



O ideal que o atormentou desde os 15 anos, o ideal de dedicar-se às letras e exercer o apostolado da pena como escritor, não o abandonou durante todo o tempo dos estudos filosóficos e teológicos, embora nunca pudesse encontrar mestres e livros. Durante os estudos, sempre que podia, rabiscava alguns versos, compunha algum poema, colaborava numa revista dos próprios estudantes.

Ao Frei Paulo deve-se a iniciativa da tradução de cânticos religiosos da colônia italiana do Rio Grande do Sul. Iniciou a tradução dos cânticos italianos e o bispo prosseguiu completando e publicando um livrinho sob o título de <<Cantai ao Senhor>> livrinho que foi usado por mais de 25 anos em muitíssimas paróquias. Alguns dos cânticos traduzidos por ele são cantados ainda em 1990 em todo o Brasil.

Concluídos os estudos, dedicará obrigatoriamente todas as horas ao ministério pastoral, não lhe sobrando tempo para leituras, estudo e escritos. Vivendo em ambiente tão desfavorável, chegará mesmo a perder a esperança de um dia realizar o seu apaixonado sonho de escritor.

Entretanto, não deixará de promover a boa leitura, fundando uma dezena de bibliotecas públicas, inscrevendo-as no Instituto Nacional do Livro, recebendo deste grande quantidade de boas obras. Uma dessas bibliotecas receberá o nome de <<Biblioteca Padre Paulo>>.

* * *

Isolado da sociedade durante tantos anos, sem experiência alguma do mundo, deverá agora lutar com esforço ingente para vencer as primeiras dificuldades no ministério. Assim mesmo, vai entregar-se de corpo e alma ao serviço pastoral. Incansável!



Dia e noite, percorrendo a imensa paróquia, no lombo do cavalo, sob sol abrasador ou sob os guascaços do minuano, sob os rigores da neve e da geada. Horas e horas a fio, altas horas da noite, no confessionário, naquele tempo em que nenhum católico comungava sem prévia confissão. Exhaustivas aulas de religião nas escolas, durante a semana e aos domingos na matriz ou capelas. Atividade exorbitante.

Diante dos superiores portar-se-á com respeitosa reserva, sempre com certo receio, desconfiado, com aquele seu eterno medo patológico. Os superiores daquele tempo eram, mais ou menos, autoritários à moda do Pe. Carlos, assumindo por vezes atitudes agressivas, incompreensíveis. O Pe. Paulo não entendia os superiores.

Urna ocasião, pedem-lhe o favor de subscrever uma carta para uma jovem que estudava num colégio de freiras. Subscreveu assim: à gentil senhorinha. O superior viu a carta. Ao meio-dia, durante a refeição, publicamente, pergunta quem foi que escreveu aquilo.

- Fui eu. Por quê? - falou o Pe. Paulo. - Então isso é coisa que se escreva?

E o superior, junto com o pároco, abrem fogo cerrado contra o jovem sacerdote, por haver usado uma expressão tão profana, indigna de sair da pena de um religioso.

Segundo caso. O pároco encontrava-se ausente. O diretor de um circo, que havia uma semana dava bons espetáculos na cidade, procura o vigário. O Pe. Paulo atende. Hoje de noite - diz o diretor do circo - a metade da renda do espetáculo será em benefício da igreja. Gostaria que o padre viesse assistir.

Foi. Assistiu. Espetáculo com grande público. Um bom espetáculo. Nada de reprovável. Decentíssimo. Naquele tempo,



atriz alguma se apresentava em circo trajando maiô ou biquíni como hoje.

Dias após, retorna o vigário, Desdenhosamente, com desprezo, recusa o donativo do diretor do circo, que o Pe. Paulo fora entregar. O coadjutor está perplexo, assustado, sem palavra.

Ao almoço, no capítulo das culpas, o superior desembesta furioso contra o escândalo clerical do Pe. Paulo. Onde já se viu semelhante despropósito? Um padre indo ostensivamente ao circo, escandalizando toda a paróquia?

E depois de contundente sermão, castiga-o com três disciplinas, o mesmo castigo que lhe marcara a alma no limiar do noviciado. O Pe. Paulo agira em boa fé, julgando até que era de sua obrigação honrar os benfeitores com sua presença. Não esperava, por isso, a rugidora tormenta. Chora. Vai ao quarto do superior, cai de joelhos, pede mil desculpas. E o superior então não perde a oportunidade para passar-lhe outro amargo carão.

Vive dias com a alma agoniada, noites de insônia. E nunca mais se esquecera do trágico evento, que também lhe marcara o espírito, aumentando nele a convicção de que realmente os superiores não o entendem. Ele trabalha, cumpre seu dever. Pensa estar agindo acertadamente. No entanto, lá vêm os superiores a declarar que cometera gravíssimo pecado.

* * *

O Pe. Paulo era progressista. Tinha ideias revolucionárias, mas não ousava pô-las em prática, por receio. De algumas práticas, tomava ele mesmo a iniciativa, às escondidas, à revelia dos superiores.

Por vezes, domingo de tarde, dava aula de catecismo na matriz. As crianças, saindo da igreja, iam ao cinema. Ele



ainda nunca na vida assistira a uma sessão de cinema. Passara a semana ocupadíssimo, numa trabalhadeira demolidora. Uma distração, um divertimento, domingo à tarde, parecia-lhe justo e merecido.

Dava-lhe então uma grande vontade de ir ao matinê com as crianças. Gostaria mesmo de examinar pessoalmente os motivos por que do púlpito tanto se combatia o cinema. Mas ele, um padre, ir ao cinema? Seria um escândalo. O superior e o vigário viriam logo a descobrir, como ocorrera com o circo.

Mas desta vez, o Pe. Paulo encontrou jeito de ir ao cinema, sem que ninguém notasse. De acordo com o Seu Antônio, proprietário do cineteatro, muito seu amigo, entrava pelos fundos, depois de iniciada a apresentação do espetáculo. Ia à cabine das máquinas e lá, oculto às vistas do público, assistia de pé a algumas cenas da tela. Fazia isto a tremer, como quem rouba, com medo de uma denúncia. Se os superiores viessem a saber, seria o fim do mundo.

Gostaria de ler alguma revista profana, como o <<Cruzeiro>>. Ler para colocar-se ao nível das atualidades, para inteirar-se dos motivos por que as revistas eram condenadas pelo clero. Mas se fosse surpreendido com uma revista nas mãos ou no quarto, podia contar como certo um terrível castigo.

Um dia recebera de presente um exemplar da extinta <<Revista do Globo>> Revista decente, quase sem ilustrações, mas que trazia na capa um lindo rosto de mulher. Levou-a para casa. Dias após, encontrou a revista sem capa, que havia sido arrancada pelo superior.

* * *

O jovem sacerdote aborrecia a intolerância clerical vigente contra certos usos e costumes. Por ele, o púlpito, o



confessionário, não seriam o pelourinho onde se vergastavam com tanta crueldade modas, bailes, cinemas, revistas, namoros.

Todas as modificações introduzidas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, na liturgia, na catequese, na Teologia, na comunicação com outros credos, nas relações dos padres com o mundo, todos os usos e costumes, antes proscritos e duramente castigados e depois aprovados e aplaudidos, sempre foram a velha aspiração do Pe. Paulo, desde o primeiro ano de vida sacerdotal, naquele longínquo ano de 1941.

Notável! Todas as suas aspirações, todas as suas ambições, seus anseios de reforma, de renovação e de atualização, realizar-se-ão ao pé da letra, desde a liturgia até ao traje clerical. Algumas cerimônias que o Concílio modificou depois, como a supressão da imposição da saliva no batizando, o Pe. Paulo já praticava em seus primeiros anos de vida pastoral.

Curioso! Anos depois, superiores e colegas, que se insurgiam contra as atitudes revolucionárias do Pe. Paulo, eles mesmos acabarão aplaudindo e adotando.

Absurdo achava ele a recitação do Breviário em latim. Pudesse rezar em língua vernácula, ele que não era nenhum latinista, que maravilha! Poderia rezar com maior fervor, aplicando a atenção aos sentimentos de louvor, de petição, de arrependimento. Mas em latim, todo o esforço se vai no trabalho de tradução. E quantos hinos e mesmo salmos ele não conseguia traduzir!

Bateu palmas quando soube que a Santa Sé autorizou a recitação do Ofício Divino em língua vernácula. Solicitou logo licença para seguir esta norma, mas os superiores negaram... O Pe. Paulo parecia continuar ouvindo as terríveis e palavras de Cristo: Este povo me louva com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.



* * *

Achava absurdo negar a absolvição às mulheres que limitavam a natalidade por justas razões. Ele nunca na vida despedirá um penitente sem absolvição. Ouvindo a confissão dos rapazes, especialmente estudantes, e notando que praticamente todos se acusavam de masturbação, dizia consigo: Mas se a masturbação é um pecado tão abominável como dizem, Deus não poderia suportar tantos milhões de pecados que se cometem todos os dias no mundo. E concluía: Mas se Deus não castiga a humanidade, deve ser sinal de que o pecado não é tão grave como o fazem os moralistas.

Para o Pe. Paulo, alma feita de amor e perdão, de generosidade e misericórdia. Deus não seria tão vingativo e inexorável. Jamais pode, por exemplo, se conformar fosse o Purgatório tão cruel como se alegava. Um minuto no Purgatório - explicava o Pe. Carlos - é mais doloroso que o sofrimento de todos os mártires.

O grande crucifixo dominando toda a parede, por trás do altar mor, com aquela imensa imagem de Cristo morto, nu, pregado na cruz, falava-lhe de uma religião de morte, religião fracassada, como se Cristo ainda estivesse morto. Um símbolo da Ressurreição ou da Ascensão deveria presidir nossos altares, para representar nossa religião. A cruz, sem Cristo morto, ainda vai, como pano de fundo, mas, em primeiro plano, Cristo ressuscitado ou subindo ao céu.

* * *



O Pe. Paulo encontra-se agora exercendo o seu primeiro ano de ministério sacerdotal. Sedento de amor, de carinho, de compreensão, não encontra, como sabemos, nos superiores, o apoio afetivo de que precisa. Não encontra, sobretudo, compreensão, nenhum estímulo por parte das autoridades eclesiásticas e religiosas. A vida assim não tem sentido. É um tormento.

Faltando-lhe a adequada formação, ele, com aquela sua incrível imaturidade sexual, com aquele seu infantilismo religioso, sentirá gritar dentro de si o instinto sexual, o seu violentíssimo instinto sexual, quase incontrolável.

Se encontrasse alguém que lhe desse o carinho de uma sadia e forte amizade, poderia certamente amortecer os terríveis golpes do instinto brutal e controlar de algum modo seu terrível desequilíbrio emocional.

Passará todo o tempo dos estudos sem ver mulher, sem falar em mulher, sem pensar em mulher, porque a mulher é <<pior do que o demônio>>. Agora que vive trabalhando entre pessoas do sexo feminino, descobre que a mulher não é tão ruim, é até melhor do que muitos homens. Sentir-se-á, por isso, atraído a buscar entre elas uma compensação. Prefere tratar com as moças a fazê-lo com as rapazes. Elas, por sua vez, ficarão simpatizando com aquele padre jovem, insinuante, de fino trato social, afável, tão diferente dos outros padres que em geral aborreciam a presença da mulher.

Era, entretanto, preciso usar de muita cautela. Qualquer deslize, qualquer desconfiança, seriam logo levados ao conhecimento dos superiores, que eram inexoráveis. E ele poderia até acabar fechado num convento, quiçá por toda a vida.



Assim mesmo, não pode evitar de acarinhar uma criança, muito às ocultas. Tocar no braço de alguma menina, experimentando então terrível excitação. A primeira vez aconteceu durante sua ação pastoral pelo interior da paróquia. Hospedava-se em casa de famílias. Famílias exemplares da região colonial italiana.

Sentado na sala, à noite, com toda a família, colocou a mão no ombro e no pescoço de uma jovem, experimentando violenta excitação venérea, que julgou pecado grave. Aquela noite foi terrível. Sonhou com aquela moça...

Perturbadíssimo, angustiado, suspirava pelo momento de cair aos pés do confessor, a fim de libertar-se daquela horrível opressão e aliviar sua consciência. Mas temia que o confessor, ciente da sua demasiada liberdade com moças, o denunciasse ao superior, podendo sobrevir daí o seu afastamento da pastoral.

Consultou a Teologia Moral de Noldin e, com agradável surpresa, descobriu que o penitente acusando um pecado presente como da vida passada, estando com o devido arrependimento, seria perdoado. Foi um alívio. O confessor não exigiu maiores esclarecimentos, dando assim por encerrado o gravíssimo incidente, que lhe custara dias de incrível angústia e tortura.

Era adorado pela juventude feminina. Quando, ano e meio mais tarde, for transferido para outra paróquia, verá na hora da despedida, correr muita lágrima dos olhos de tanta moça.

Foi promovido a pároco de uma paróquia na Capital do Estado do Rio Grande do Sul. Zona de operários, populosa e humilde. Para igreja matriz, uma escola. Residência, um modesto casebre.



Auxiliado por zeloso sacerdote, que mais tarde se transformará num dos grandes apóstolos do Brasil e da Europa, o Pe. Paulo é todo zelo e dedicação. O Arcebispo, instalando a Ação Católica na paróquia, ficará encantado com o ardor apostólico do jovem pároco. Um bispo, como mais tarde acontecerá com outro na Europa, o escolherá para seu confessor.

Ah, estivesse o Pe. Paulo amadurecido para a luta, cantaria épicas vitórias, conquistaria esplendores de glórias espirituais, andaria a passos largos na escalada da montanha da perfeição. Seria, sem dúvida, um grande apóstolo como seu irmão, o Pe. Mário.

Infelizmente, seu apostólico ardor sofrerá ingente provação, que o porá à beira do abismo.

* * *



Entre as famílias da nova paróquia, destacavam-se umas quantas de condição social assaz privilegiada, da classe média. Famílias modelares, religiosas e de certo nível cultural superior. Famílias, em geral, de origem lusa, de temperamento oposto ao dos antigos paroquianos, de origem italiana. Extrema simplicidade. Criaram logo intimidade com o jovem vigário. Moças bonitas, sempre bem trajadas, dispensavam-lhe atenções e cordialidade.

O Pe. Paulo nunca na vida imaginara pudesse andar cercado de gente tão carinhosa e pudesse privar da confiança e amizade de tão distintas famílias. Sentia-se feliz no meio desse ambiente fraternal. Coisa estonteante! Aquelas jovens vestidas tão elegantemente! Loiras e morenas. Olhos azuis. Olhos verdes. Olhos castanhos. Olhos negros. Um deslumbramento!

Rapazes e moças de algumas famílias auxiliavam nas obras da paróquia em formação. Davam espetáculos teatrais de subido valor artístico em benefício da igreja. Nenhum constrangimento. Nenhuma cerimônia. Tão diferentes das moças da zona colonial italiana, arredias, reservadas, respeitosas. Gente mais afetuosa, mais carinhosa, mais amável, mais confiante, mais aberta.

O Pe. Paulo ficou logo amigo de todos, sem distinção. Mas havia uma família numerosa cujos membros se destacavam na colaboração à recém-criada freguesia. Rejane pertencia a esta bela família. Era a jovem mais ativa, mais atenciosa, mais carinhosa, mais dedicada, mais chegada, mais disposta. Uma linda morena de 18 anos. Muito inteligente. Era funcionária da Livraria do Globo.

Alma límpida, profundamente religiosa, de comunhão quase diária. Tornou-se logo um dos esteios do núcleo da Ação



Católica, fundado pelo jovem pároco. Amorosa, extremamente afetiva, alma gêmea do Pe. Paulo. Depois de alguns meses, simpatizaram. Uma simpatia mútua, inocente, fraterno. Simpatia e grande amizade. Um verdadeiro amor. Quase paixão.

A princípio, amor respeitoso, embora distinto, claro, amor que se podia observar. O Pe. Paulo sentia-se num mundo de sonho, de felicidade, com aquela estonteante amizade. Jamais tivera algo semelhante na vida, ele, o humilde coloninho, órfão de afeto. Por que até aqui ninguém lhe quis tanto assim? Por que ninguém lhe proporcionara tanta alegria? Agora, finalmente, encontrará alguém que o fazia infinitamente feliz.

Foi tomando cuidado para que o amor não se tornasse carnal, sensual. Tomando cuidado para que não se perdesse aquele tesouro, aquele precioso amor. Que medo de que notassem! Medo de que o denunciassem, que o roubassem!...

Até aí Rejane nunca dera um carinho, um abraço, nada. Ela não se atrevia a tomar a iniciativa. Mas um dia, enquanto a jovem ia assentando os batismos no livro de registro, o Pe. Paulo, a tremer, colocou a mão no ombro dela, depois no braço, sentindo a maciez da pele de veludo. Rejane, sorrindo, emocionada e feliz, pegou-lhe a mão. E falou:

- Pe. Paulo, por que é que a gente não pode manifestar um pouco de afeto, de amor, por meio de um abraço, de um beijo?

- Se fosse sem malícia - respondeu o padre - sem maldade, assim como a mãe abraça e beija o filho.

- Que bom - exclamou Rejane, levantando-se e dando-lhe um abraço. O Pe. Paulo continuou: Rejane, omnia munda mundis.

- Que é isso?



- Para os puros todas as coisas são puras.

- Pe. Paulo, o senhor não imagina como estou feliz! Eu lhe quero tanto, tanto, mas quero a sua felicidade. O senhor será o meu irmãozinho, o meu maninho. Eu tinha um irmão que adorava. Morreu num acidente. Agora o senhor veio enfim ocupar o vazio do meu coração. Sou feliz!

Convencida de que não havia mal algum naquela amizade, Rejane sentia-se plenamente à vontade para manifestar seus sentimentos de amor, com carinhos, com abraços e beijos. A princípio, tímidos, rápidos. A seguir, quentes e demorados.

Naquele tempo, no ano de 1943, não se cogitava ainda em dispensa do celibato ou dos votos religiosos, permitindo, como depois aconteceu, o desligamento, a laicização dos padres, que por falta de vocação abraçassem a vida matrimonial. Seria um crime. Uma apostasia, punida com excomunhão.

Rejane disse um dia: Pe. Paulo, esta noite tive um sonho horrível. Sonhei que o senhor ia lançar a batina às urtigas. E sabe o que eu fiz então? Peguei do revólver e - pum! - lhe matei.

* * *

O Pe. Paulo lutava energicamente para que aquele afeto espiritual não se profanasse. Procurava não consentir no pecado, coisa que ele detestava. Queria apenas um pouco de afeto, de amor. Sentia que fora roubado no afeto. Que ele merecia um pouco de carinho na vida. Sua vida fora um tormento contínuo. Nunca tivera uma alegria autêntica, duradoura.

Afinal, seria mesmo pecado? Ele não queria de forma alguma ofender a Deus, que fora sempre seu Amigo, seu Pai. Não queria ofender com aquele amor. Ele tinha certeza absoluta de que sua intimidade com Rejane jamais atingiria o extremo, que nunca visaria a satisfação carnal.



Passou o resto daquele dia e toda a noite feliz. Uma felicidade infinita. Que coisa grandiosa o amor! Entretanto, havia no fundo algum temor. Receio de que ele acabasse consentindo no pecado.

Rejane, por sua vez, estava ainda mais feliz. Quase todos os dias, retornando do serviço, no centro da cidade, dava um jeito de visitar o padre, levando-lhe um livro, uma revista, uns bombons, recebendo em troca uma prova de amor.

Os carinhos eram por vezes demorados, de sorte que acontecia ao hipersensível sacerdote de 27 anos sentir forte excitação involuntária. Nestas ocasiões, ficava abatido por suprema angústia e forte remorso. Abalava então para o centro da cidade a procura de um confessor. Ele não consentira mesmo no pecado, mas tinha lá suas dúvidas. Por isso, ia confessar-se.

* * *



Mulheres houve que, notando a demasiada intimidade entre ambos, fizeram denúncia ao superior. Mais, o próprio superior provincial e até o arcebispo foram cientificados. O superior local ordenou então ao Pe. Paulo que proibisse as visitas de Rejane.

Recebendo a dramática comunicação, Rejane, chorando, num desespero supremo, exclamou: - Eu sabia! Eu sabia, Pe. Paulo, que iriam me roubar o se

nhor!

Impacto violentíssimo, arrasador. A moça tombou na cama, numa angústia mortal. Durante uma semana, não dormiu, não comeu e não compareceu ao serviço. Chorou praticamente toda a semana, dias e noites sem parar. A família chamou o médico, que não descobriu doença alguma.

O Pe. Paulo sofreu, sofreu milhões. Mas sofreu mais pela Rejane. Nunca poderia imaginar que fosse um choque tão terrível, quase fatal. Se soubesse, ele teria procedido com cautela, com prudência, a fim de evitar aquela triste situação.

Passou longo tempo sem ver a moça. Estava aborrecido com os superiores, aborrecido contra si mesmo, por não se haver portado com maior reserva e cuidado. A seguir, entregou-se ao trabalho e à oração com ardor.

Mas nunca pôde esquecer os momentos venturosos que Rejane lhe proporcionara, Agora, volvido algum tempo, sempre que encontrasse alguma moça de confiança, convencida de que não havia mal algum em semelhante intimidade com ele, o Pe. Paulo, como que desforrando-se do castigo imposto a si, tornava a viver novas aventuras amorosas, com carinhos, abraços e beijos.



Ele concordava: aquela não era vida de padre, de um pároco. Por isso, vivia angustiado, martirizado. Por vezes, perguntava a si mesmo não iria Deus castigá-lo. Celebrando a missa, lembrava-se de fato ocorrido a um sacerdote que, ao partir a hóstia, teria visto correr sangue sobre o corporal. Não acontecesse o mesmo para ele...

Imaginando-se vítima de faltas graves, dizia: Eu peço todos os dias a Deus que me tire a vida antes de cometer um pecado de impureza. Como é então que Deus não me tira a vida?

Deus era seu Amigo. Sempre o fora, desde o tempo de Noviciado. O grande Amigo. O melhor Amigo. Vezes sem conta tivera ele a prova cabal desta autêntica amizade protetora.

Vivia um drama terrível. O coração disputado por duas forças irresistíveis, antagonicas, visivelmente irreconciliáveis. De um lado, aquela paixão avassaladora, aquela amizade que lhe proporcionava horas de completa ventura. Aquele carinho embriagador. Aquela ternura de mãe. Doutro lado, o pensamento de que poderia desagradar a Deus. Deus que fora sempre o seu melhor Pai. Não queria ofender a Deus. Seria tão bom se pudesse continuar com aquela gostosa amizade e ser ao mesmo tempo agradável ao Senhor.

Celebrando a missa, sentia-se não raro invadido por forte arrependimento e contrição. Uma grande vontade de ser fiel a Deus. De não ofendê-lo. Rezava então com extraordinário fervor: Senhor, tende piedade de nós. Tende piedade de mim.

No momento da consagração, era às vezes assaltado por aqueles absurdos pensamentos. Se da sagrada hóstia saltasse mesmo o sangue para o amedrontar, para decidi-lo de uma vez por todas a santificar-se, a amar unicamente a Nosso Senhor! Deus, entretanto, nunca lhe manifestará sinal de desagrado, de



desaprovação.

Pelo contrário, defendia-o sempre que fosse necessário. Mais de uma vez poderia ter sido surpreendido aos abraços e beijos. Se aquela pessoa chegasse um minuto antes, seria o fim do mundo. Seria novamente denunciado ao superior, ao provincial, ao arcebispo.

Quando alguém tentava uma denúncia, esta em geral sortia efeito contrário, por inconsistência das razões alegadas. Uma ocasião escreveram ao provincial, reforçando a carta com telegrama pedindo imediatas providências. O provincial, apreensivo, escreveu então ao Pe. Paulo uma carta alarmante, anunciando a iminência da remoção e surpreendendo o Pe. Tarcísio, o coadjutor, que residia na mesma casa. Ele, que podia dar as melhores informações, tornou-se o advogado do Pe. Paulo junto do provincial, desarmando assim, inapelavelmente, qualquer intriga. Magistral defesa.

Quando, após três anos à frente da paróquia, julgava-se que o Pe. Paulo seria degredado a cargo inferior ou encerrado num convento, ele será elevado ao alto posto de cura da catedral de importante diocese.

Outros sacerdotes que cometeram apenas uma leve imprudência, sofriam as mais degradantes punições. Para o Pe. Paulo, que merecia certamente o maior castigo, havia sempre um ótimo advogado, o melhor advogado. Deus era de fato seu Amigo, seu Advogado.



Destacado para trabalhar na Europa, viveu momentos de fortes emoções, em Roma, recebendo a benção do Papa Pio XII; em Lourdes, em Lisieux, em Pompéia, em Cáscia, em Caravágio. Celebrou missa na santa casa de Loreto. Visitou mais de uma vez a vidente Alexandrina da Costa, em Portugal. Recomendou-se às suas orações, como também à Ir. Lúcia de Fátima e duas irmãs de Santa Teresinha do Menino Jesus.

Piedoso por natureza, pedia preces a todas as pessoas amigas. E tinha muitos amigos, especialmente entre a juventude feminina, que o admirava. Uma dezena de jovens apaixonaram-se por ele. Jovens corretas, honradas, religiosas. Com algumas manteve sempre respeitosa amizade, um intercâmbio espiritual de alto valor. Umas chegaram a abraçar a vida religiosa, sendo hoje freiras exemplares que rezam por ele. Algumas destas ocupam cargo saliente na congregação.

Num congresso em Belo Horizonte, conheceu uma jovem professora, que logo se enamorou dele. Alma entregue a Deus, desejando a santificação do Pe. Paulo, ofereceu-se como vítima por ele. Fato que virá a saber só mais tarde.

Em sua viagem para o velho mundo, ao passar pelo Rio de Janeiro, entrou numa livraria para comprar livros. A balconista que o atendeu, uma linda morena, cantora de rádio e de igreja, embrulhou os livros em papel celofane e entregou dizendo: Um presente, para que o senhor não se esqueça de mim.

De noite, Marisa, a balconista, foi visitá-lo na casa onde estava hospedado. Entregou-lhe então uma caixa de finos bombons e dinheiro para gastar na viagem. Repetiu a visita por mais de uma semana, todos os dias. Por fim, compareceu



ao cais de Mauá. Deu-lhe mais dinheiro, outros presentes, permanecendo várias horas ao pé do barco, até que desatracou e sumiu, já de noite.

Em alto mar, o Pe. Paulo, com surpresa, recebe um radiograma. Era de Marisa. Dizia apenas: Saudades. Chegando à Europa, ele encontrará volumosa correspondência, com as mais amorosas juras. Marisa confessava que já se lhe haviam apresentado diversos pretendentes à sua mão, mas nenhum lhe conquistara o coração tão irresistivelmente como ele, naquele primeiro encontro casual na livraria.

Durante cinco anos de vida apostólica na Europa, felizmente teve apenas um caso semelhante ao de Rejane, assim mesmo por alguns dias. Mas, regressando ao Brasil, e trabalhando num colégio, enfrentará rude procéla, da qual só se livrou prometendo celebrar mensalmente uma missa a Nossa Senhora.

Quantas vezes, chorando, pedia a Deus que operasse o milagre de sua conversão! Que o fizesse santo. Mas a conversão não era fácil. Ele fazia promessas. Passava meses de fervor, de comportamento exemplar. Mas lá um dia surgia uma ocasião e ele caía outra vez aos abraços e beijos.

Nunca deixou de confessar suas faltas, embora sem pormenores, a fim de não se complicar diante dos superiores. O arrependimento, às vezes ineficaz, como o propósito, durava pouco tempo. Nunca deixou de rezar o terço diário, o Ofício Divino. Nunca deixou de fazer sua breve meditação, de ler trechos da Bíblia, de visitar diariamente o Santíssimo Sacramento...



Que Deus tivesse pena do Pe. Paulo. Que desse um jeito de convertê-lo. Que ele se transformasse espiritualmente, que se realizasse plenamente na vida. Que o Senhor mandasse um anjo para conduzi-lo ao bom caminho, o caminho da casa do pai.

* * *



E Deus lhe enviará um anjo. O Pe. Paulo, lecionando no colégio, costumava aparecer pelo hospital adjacente, onde, por vezes, fazia de capelão. Era com prazer que entrava em contato com as freirinhas que lá soerguiam a alma e o corpo dos enfermos, sendo ele mesmo um sofredor, um imenso sofredor, atormentado por conflitos, por graves problemas de ordem psicossomática e moral.

Já não era novo. Quase vinte anos de vida sacerdotal, sempre trabalhando incansavelmente, semeando o bem, a sorrir e a cantar, a sofrer e a chorar, sempre enfrentando aquelas violentas refregas no campo sentimental, sempre em contínuos conflitos do coração.

Mas vinha lutando. Vinha lutando heroicamente, vinha buscando mão amiga que pudesse arrancá-lo do lodaçal. Vinha suando lágrimas de sangue, sob o fragor do chicote da tentação, naquela imensa tragédia moral. Vinha exausto.

Nesse hospital ele vai enfim encontrar a prodigiosa mão amiga, que o afastará da boca do inferno, para encaminhá-lo rumo às estrelas. Mão poderosa que removerá montanhas de pedras que o esmagavam. Mão portentosa e macia, que o recolherá, com ternura material, entre os destroços da tragédia, e o colocará em leito de plumas e de rosas, em perfumada antecâmara do céu.

Esta mão amiga será uma freirinha do hospital, um anjo, um anjo branco, a Ir. Vera Lúcia, que Deus colocará no seu caminho. Colocará milagrosamente, misteriosamente, nas mãos de quem possui o segredo das grandes conquistas, o segredo do amor. Ela lhe conquistará por completo o coração, dando-lhe



aquele puro e santo amor que andar  buscando durante tantos anos.

* * *

As mocinhas do hospital por vezes se queixavam   madre superiora da demasiada confiança do Pe. Paulo com elas. Umas, exagerando, disse um dia: Madre, o Pe. Paulo me pediu um beijo. A queixa foi logo levada ao superior, que interpelou o súdito. Se isto é verdade - respondeu enérgico o Pe. Paulo - eu quero morrer agora e ir para o inferno.

Era verdade, ele nunca pedira beijo algum às mocinhas do hospital, embora andasse apaixonado por alguma. A Irm. Vera Lúcia tinha informaçoes dessa espécie de namoro do Pe. Paulo. Por isso, rezava por ele. Rezava muito. Oferecia sacrifícios diários, a via-sacra, missas, comunhões, Dedicava-lhe viva compaixão.

Gostava dele, mesmo por que entre ambos existiam coisas semelhantes. O mesmo caráter. O mesmo temperamento. A mesma bondade. A mesma generosidade. A mesma excessiva emotividade. A mesma sensibilidade. A mesma ternura. A mesma insaciável sede de afeto, de carinho, de amor. Até as mesmas tentac es tiveram, as mesmas terríveis batalhas. Uma dezena de rapazes e até homens casados se apaixonaram por aquela freirinha sedutora.

Como ela, o Pe. Paulo encantava-se diante de tudo quanto   belo. Por isso, nasceu logo nele incrível simpatia pela fascinante irmãzinha. Adorava encontrar-se com ela ao balcão da farmácia, onde ela trabalhava. Trocar um sorriso, uma palavra, uma brincadeira.

Fazia meses vinha ele pensando em prestar-lhe uma homenagem de amor. Compor-lhe um poema, poema grandioso



como ela, que era um poema vivo. O mais lindo poema para cantar toda aquela epopeia de encantos e virtudes.

Reconheceu-se, todavia, incapaz de compor um poema condigno. Não era nenhum Castro Alves, e nem Manuel Bandeira. Resolveu, então, escrever um conto. Um conto que traduzisse toda a sua admiração, todo o seu amor, fazendo-a a heroína de uma história empolgante.

Personagens centrais: a Ir. Vera Lúcia e o Dr. Ricardo, um advogado que sofrera grave acidente, indo parar no hospital onde ela trabalhava. A composição agradou à freirinha, que não pode conter as lágrimas, quando a história foi lida na sala da comunidade, entre suspiros e pranto das religiosas.

O Pe. Paulo pensou até na publicação do conto. Apesar do pouco valor literário da peça, seria deveras maravilhoso, tornando pública a homenagem à sua freirinha. Como ela não haveria de vibrar vendo a história publicada na imprensa! O Brasil inteiro poderia tomar conhecimento.

A direção da revista, à qual remetera o conto, uma revista do Rio de Janeiro, respondeu agradecendo e elogiando a composição, declarando que seria publicada no mês de agosto.

Há um detalhe muito mais interessante do que a simples publicação da história do Dr. Ricardo, que se desastrara indo parar no hospital, onde a Ir. Vera Lúcia vai lhe curar as feridas do corpo e da alma. Acontece que, volvidos dois meses, precisamente quando a revista chegava com o conto estampado, tudo quanto o Pe. Paulo escrevera acerca do Dr. Ricardo, vai agora acontecer com ele. Maravilhosamente. Misteriosamente.

Quem vai cair enfermo no hospital é ele mesmo, o Pe. Paulo. E quem vai curar-lhe as feridas do corpo e da alma é ela, a Ir. Vera Lúcia. A tragédia e as operações de salvamento



de ambas as vítimas vinham perfeitamente retratadas nos mínimos detalhes. Inclusive a vida daquele personagem fictício, respeitadas as devidas proporções, era a vida do Pe. Paulo.



<<O Dr. Ricardo - dizia o conto - se acalmava como um cordeirinho e sorria ao sorriso insinuante, fascinador, da Ir. Vera Lúcia, a encantadora freirinha que vira diante de si, quando acordou da inconsciência em que o prostrara o mortal acidente...

Jovem, bonita, rostinho oval, de acetinada tez muito clara, olhos castanhos e cintilantes, cílios e sobrancelhas negras, num contraste a realçar a celestial formosura. Dentadura alvíssima e perfeita. E um eterno sorriso à flor da boca, pequena e graciosa. O lábio superior vinha naturalmente, perenemente, suavemente, arregaçado, sorrindo, sempre sorrindo.

Nunca ninguém vira jamais tamanha sedução cantando em rosto de mulher.

Os singulares atrativos físicos refletiam a beleza, a candura, a generosidade, a ternura, o amor e tantas outras virtudes que primorosamente exornavam a alma daquela eleita do Senhor. Dir-se-ia um anjo vindo à terra com a missão de aliviar os que sofrem. O seu ideal, o seu prazer, a sua felicidade, era tornar felizes a quantos dela se aproximavam.

Quando, em seu imenso hábito branco, muito branco como a alvura de sua alma cândida, penetrava no quarto frio do enfermo, o sorriso cantando nos lábios de carmim, os olhos de cristal brilhando como rubis, o poema da beleza do rosto clareando como sol, - as dores desapareciam como por encanto. Um bem-estar físico e moral inundava a alma sofredora. As sombras da tristeza se desfaziam, batidas por intenso clarão. Os miasmas infetos de hórridas pústulas sumiam diante da suavidade dulcíssima de um frasco de perfume inebriante,



derramado à flux. A garganta em febre, sitibunda, sorvia em largos haustos o licor gelado do refrigerio. O ambiente gélido de cruel inverno transformava-se em primavera em flor, à bênção cálida daquele coração de fogo. O ânimo prostrado em desespero pela tormenta atroz, ressurgia alegre, sorrindo, entoando radiosos cânticos. Maravilhosas flores brotavam logo em tropel pelo soalho, e passarinhos, pousando no beiral da janela, cantavam infantis a canção da felicidade.

Mas o festival das almas superava sempre a orgia do corpo exangue. O espírito sucumbido sentia verdadeira volúpia com a presença da Irmãzinha. Sua voz de mel entoava, com música do céu, ao coração desesperado, o cântico sublime do Consolador dos aflitos: <<Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Vós que andais afadigados, vós que gemeis sob o peso de um fardo pesado, vinde todos a mim. Eu vos aliviarei...>>

Aos pobres infelizes, cuja estrela da fé se apagara, andando perdidos pelas estradas da vida, sem rumo certo, repetia ela, com doce acento de voz, o admirável estribilho divino: <<Eu sou o caminho, a verdade e a vida>>...

<<Todas as religiosas, as enfermeiras e serviçais faziam novenas pela conversão e salvação daquele preclaro enfermo. A Ir. Vera Lúcia lançava mão de todos os expedientes. Chegava a colocar sob o travesseiro do doente, enquanto dormia, relíquias de santos, relíquias da Madre Justina Inês, do Padre Réus...

Por fim, o Dr. Ricardo mesmo pediu a presença do capelão, a fim de resolver seus problemas espirituais e dirimir dúvidas. Passava horas conversando amigavelmente com o sacerdote. Depois, confessou-se, derramando abundantes lágrimas de contrição e arrependimento.

No dia seguinte, fez um esforço e levantou-se. Foi à



capela para comungar, ao lado da esposa. As freirinhas haviam enfeitado profusamente o altar. Durante a missa entoaram os mais lindos cânticos. Era um hino de gratidão pela graça sem par da conversão daquele extraordinário causídico. Ricardo chorava. Chorava a esposa. Chorava a lr. Vera Lúcia...>>

* * *

Aí estão alguns tópicos do conto do Pe. Paulo, com o qual pretendia mimosear o seu querido anjo branco, a lr. Vera Lúcia. Obreiro bisonho da difícil arte das letras, faltou-lhe capacidade para expressar com técnica e vigor literários toda a sua admiração, todo o seu imenso amor pela freirinha. Fraco trabalho de um autodidata, que decerto não merecia a honra da publicação.

Entretanto, fora publicado, e seu autor vivia assim um dos grandes momentos de sua vida. A lr. Vera Lúcia chorou de emoção. De emoção e gratidão. De gratidão pelo gesto amoroso do Pe. Paulo.

Ele, todavia, enaltecendo com a pena a sua freirinha, jamais imaginara tivesse escrito profeticamente um fato que breve se realizaria com ele ao pé da letra. Pois é, aí está pintado, perfeito e surpreendente, o quadro de tudo quanto sucederá agora com o Pe. Paulo e a lr. Vera Lúcia.

* * *



Em que pese sua debilitada saúde, o Pe. Paulo trabalhava dia e noite. Cerca de 35 aulas semanais. Secretário de todo o colégio. Auxiliar do serviço pastoral na Paróquia. Redator de um jornal semanário. Correspondente de vários jornais... Difícil encontrar momento de descanso. Chegava a acordar altas horas da madrugada para rezar o Ofício Divino, fazer a meditação, seus exercícios de piedade ou alguma leitura.

Doente, esgotado ele estava, mas não tinha coragem de pedir aos superiores alguns dias de licença para se tratar. Não pedia nada a seu favor. Agora é necessário que alguém interceda por ele. Esse alguém será o seu anjo branco, a Irmã Vera Lúcia, ela que ultimamente mais se compadecia do sacerdote, que mais lhe queria. Agora, além de tantas, mútuas simpatias entre ambos, além da gratidão pelo conto escrito e publicado em sua homenagem, a freirinha encontrou outro forte motivo para dedicar-se a ele apaixonadamente.

Acontece que, neste meio tempo, chegará a cidade, para pregação de um curso do movimento conhecido por <<Mundo Melhor>>, às alunas da escola das freiras, o Pe. Mário, irmão do Pe. Paulo.

O Pe. Mário, sacerdote diocesano, era a simpatia em pessoa. Sacerdote ilustrado, culto, atualizado, virtuoso e carismático. Sobretudo, virtuoso. A afirmação era unânime: O Pe. Mário é um santo.

Fabuloso sucesso, o curso dele às normalistas e ginásianas! Por semanas e meses, o Pe. Mário foi a conversa obrigatória do dia em toda a pequena cidade.

Mas o Pe. Mário não falou apenas às alunas da escola. Proferiu palestras às religiosas do colégio e do hospital. Palestras



eletrizantes, abordando temas de renovação, de atualização, algo novo, diferente de tudo quanto fora pregado até aí, sempre revestido de encantadora unção.

O jovem sacerdote, sete anos mais novo que o Pe. Paulo, pôs fogo na alma das alunas, na alma das religiosas, mas pôs fogo de modo especial na alma da Ir. Vera Lúcia. Era de ver o entusiasmo da superiora do hospital. Vibrava como poucas vezes na vida.

Por isso, agora o Pe. Paulo vai crescer no conceito de todos. Vai crescer por causa do irmão, do Pe. Mário. Ele era irmão daquele fabuloso pregador, daquele tão simpático e jovem sacerdote. Vai crescer na admiração de todos, mas vai crescer avassaladoramente na estima da Ir. Vera Lúcia. Até aqui ela estimava o Pe. Paulo. Agora, entretanto, saltava aos olhos o entusiasmo da freirinha. Quando o encontrava pelos corredores do hospital ou na farmácia, era uma festa. Festa que alvoroçava o padre, que o tornava feliz, imensamente feliz.

O Pe. Mário fora logo embora, retornando à sua diocese. Ele foi embora, deixando um rastro de luz, de amor, de saudade. O Pe. Mário foi embora, mas o seu irmão ficava. O Pe. Paulo era um pedaço do seu irmão. Era carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue. Agora, pois, todas as atenções voltavam-se para ele.

* * *

A curta permanência do Pe. Mário na cidade fora um toque de clarim para o irmão. Fora uma mensagem. Um convite para a conversão. Uma séria advertência. Era mais uma grande bênção do céu para aquele sacerdote trepidante, indeciso, incapaz de assumir uma atitude enérgica, de mudar de vida.

O Pe. Paulo chegara a conceber uma espécie de inveja,



uma santa inveja do irmão. Uma revolta contra o lastimável estado moral em que vivia. Por que não era ele também assim como o Pe. Mário, tão piedoso, tão virtuoso, tão ilustrado, tão santo? Poderia operar idênticos prodígios. Seria um contínuo triunfo, inflamando a alma da mocidade para a luta, para o amor, para o heroísmo.

Dava-lhe então uma raiva louca. Raiva de si mesmo. Uma vontade incontrolável de acabar de vez com aquela angustiante opressão. Aquele inexorável sentimento de culpa. Aquela furibunda paixão que lhe roía as entranhas, que o esmagava, que o tornava infeliz, miserável, desgraçado. O mais infeliz, o mais desgraçado dos padres! O mais desgraçado dos homens!

Ai, meu Deus, até quando viverei nesta execranda prisão? Até quando continuarei a rastejar na lama? Quando me libertarei deste demônio maldito que me oprime, que me sufoca, que me vai matando cada dia? Todos os dias essa escravidão! Essa hedionda escravidão!...

Voltava-se então para Deus, para a Santíssima Virgem, para os Santos de sua predileção. Prostrava-se diante do altar e chorava. Chorava feito criança. Pedia a graça. A graça não. Pedia o milagre. O milagre de sua conversão. De sua reabilitação. De sua realização. Sim, um milagre. Não havia outra alternativa. Só um milagre. Um grande milagre!

Mas o milagre virá. Virá de mansinho, num quarto de hospital, trazido do céu pelas mãos seguras de um anjo, de um anjo branco, da Ir. Vera Lúcia.

* * *



Continuava cada dia mais doente. Uma dor incrível de estômago. Uma fraqueza, uma prostração infinita. Quase diariamente ia a farmácia em busca de medicamentos. Quem lhos dava era ela, a Ir. Vera Lúcia, toda compaixão, toda bondade, toda carinho, toda amor!

Uma tarde, o Pe. Paulo chegou precisamente quando na farmácia se encontrava o Pe. Alfredo, o superior. A Ir. Vera Lúcia não perdeu tempo. Falou com voz compungida de súplica:

- Pe. Alfredo, o Pe. Paulo está aí morrendo em pé. O senhor precisa determinar que ele baixe ao hospital para se tratar. Ele não pode mais, coitado!

- Pois não, senhora Madre. Quando quiser.

Mas o Pe. Paulo continuou trabalhando infatigável, aguentando firme aquela vida ingrata, aquelas aulas cansativas, com alunos rebeldes. Todos os dias. Até que enfim entregou-se. A dor era insuportável. Não havia outro jeito. Era a cama, o hospital. Mandou, pois, avisar que baixaria.

A Ir. Vera Lúcia, visivelmente satisfeita, feliz, saiu apressada. Convidou uma servente, e, ambas, prepararam o melhor apartamento. Um apartamento na maternidade, por falta de outro naquele dia. Apartamento quentinho, do lado do sol, pois era inverno.

Pela janela do quarto, mesmo para quem estivesse de cama, via-se ao longe a lírica poesia dos pinheirais gemedores, a bucólica poesia dos campos. O gado pastando. Caminhões desfilando, a roncar, pela rodovia federal. Uma delícia para a alma de poeta do Pe. Paulo!

* * *



Indo para o quarto do hospital, levou consigo o Breviário, a Bíblia, o livro de meditação e um tratado de moderna pastoral. Nada mais. Só livros de orações, livros de espiritualidade. Nenhum livro de literatura que sempre o fascinou. Nenhum dos últimos lançamentos que acabara de receber e cuja leitura havia iniciado.

Deitou-se com aquela horrível dor no estômago. Mas, ao contato acariciante daquela aconchegante cama, tão macia, os lençóis perfumados, bordados de flores, travesseiros fofinhos, fronhas igualmente bordadas, a colcha de seda, linda, sentiu logo alívio. Um alívio sem fim.

Sentiu alívio físico. Moral ainda não sentia. Ainda não chegara a hora da graça. Era ele o incrédulo advogado do conto, o coração voltado para as baixeiras, a alma denegrida pelos prazeres materiais. O clarão do raio o havia derrubado do cavalo, prostrando-o naquele leito, onde jazia impotente. Jazia caído, mas ainda não convertido. Os olhos da alma cerrados. Cego como Saulo, como o Dr. Ricardo.

Lá mesmo, naquele ambiente do céu, cercado de anjos, ainda suspirava por um prazer da carne. Até mesmo a presença de uma linda freirinha lhe dava ímpetos de paixão. Procurava roubar-lhe um carinho, pegar-lhe a mão. Pois é, não era fácil o trabalho da graça na alma embrutecida do Pe. Paulo.

* * *

Entretanto, chegava o anjo branco, a querida freirinha, a Ir. Vera Lúcia. Quando ela surgia naquele imenso hábito branco, o sorriso nos lábios, o perfume das flores sorrindo nos olhos, brilhando no fundo negro de suas olheiras, a suavidade da voz dos pássaros cantando na sua voz de mel, o sol entrava no quarto, espancava as trevas da tristeza, afugentava os horrores dos sofrimentos, e um raio de luz principiava a tocar-lhe o



coração, iluminando-lhe, aos poucos, ternamente, o caminho da volta a casa do Pai, o caminho da conversão.

Ela vinha com o medicamento na mão, acompanhada pela Ir. Helena, que trazia a seringa da injeção. Quando a agulha penetrava na pele, a Ir. Vera Lúcia se arrepiava, com um gemido, ai, coitadinho! Como dói, não é, Pe. Paulo?

A enfermeira saía e ela ficava. Ficava dizendo palavras de conforto: Agora, Pe. Paulo, o senhor vai ficar aqui um mês inteirinho, descansando. Só poderá sair daqui quando estiver completamente restabelecido. Agora o senhor é nosso.

- Muito obrigado, Madre. A senhora é um anjo. Um anjo branco. Deus lhe pague.

Com ternura de mãe, carinhosamente, ela tomava a mão do sacerdote, acariciando-a. Era um carinho suave, tão puro, tão angelical, que provocava um prazer embriagador, estonteador. Prazer corporal que se sublimava, que se espiritualizava. Uma volúpia!

Aquela dedicação, aquela bondade, aquele carinhoso amor, destilava-lhe na alma sofrente uma gota de intraduzível felicidade. Prazer autêntico, legítimo, dado por uma pessoa de autoridade, pessoa santa. Prazer que vinha do céu, providencialmente.

Jamais tivera um momento tão feliz. Vivera órfão de afeto, de carinho. E as poucas horas felizes que tivera não continham a doçura autêntica daquele amor inocente, verdadeiro, daquela pura afeição, daquele santo amor. O carinho que tivera acabava transformando-se em tormento, porque lhe parecia proibido. Transformava-se em sentimento de culpa, em sentimento opressor, que o envelhcia precocemente, que o matava, que o levava a caminho da irreparável desgraça.



Deveras, não deixa de ser lamentável - dizia a Irmã Manoelita, companheira da Ir. Vera Lúcia - não deixa de ser lamentável o abandono afetivo em que vivem tantos padres. Eu tenho pena deles! Sempre sem um afeto familiar, sem uma gota de carinho materno, sem a companhia de uma irmã, de uma alma feminina, que os conforte, que os anime!

Pois o Pe. Paulo vai agora sentir toda a força mágica do afeto materno. Vai ter, ele que era uma criança, vai ter ao seu lado, aliviando-lhe as dores, física e morais, vai ter um coração de mãe, da mais carinhosa das mães, a fim de que ele saboreie intensamente, plenamente, a doçura atordoante de um momento de completa felicidade.

* * *



Logo após o almoço daquele primeiro dia no hospital, ouviu no corredor um coro feminino cantando, com requintes de maviosidade, lindíssima canção. Súbito, abre-se a porta do quarto e aponta o radioso cortejo de neve, tendo à frente a Ir. Vera Lúcia, puxando o cordão de todas as Irmãs do hospital, todas vestidas de branco.

Entram cantando. Cantando, cercam o leito. Sempre a cantar o <<Trovador da Santíssima Virgem>>, bela composição de uma religiosa carmelita:

Mãe de Deus, ó doce estrela,
Mãe querida, Mãe de Amor!
Sou teu filho pobrezinho,
Teu pequeno trovador.

Em silêncio dorme a terra,
Dormem flores ao luar.
Ouve a minha serenata,
Ó doce estrela do mar.

Se na noite procelosa
Falta um raio de luar,
Não me falte a tua estrela,
Não me falte o teu olhar.



E as freirinhas, tão atenciosas, tão amáveis, naquele dia passaram a hora do recreio lá no apartamento do Pe. Paulo. Ele se admirava de vê-las assim tão amiguinhas, todas tão suas amiguinhas, pois nunca foram assim.

- Pe. Paulo, nós cantamos e rezamos para que o senhor se sinta bem. Para que se restabeleça e possa trabalhar bastante.

E a superiora, aquela encantadora Irmãzinha que ele conseguira enfeitiçar tão intensamente, acrescenta:

- Hoje mesmo, Pe. Paulo, iniciamos uma novena pelo senhor. Toda a comunidade, Irmãs, enfermeiras, serventes, todas, estamos fazendo uma novena em comum na capela.

- Muito obrigado, Madre. Muito obrigado, Irmãzinhas. Deus enviou do céu um esquadrão de anjos para me salvar, para me fazer feliz. Deus vos pague.

* * *

As religiosas saíam. A Irmã Vera Lúcia apressava a execução de seus afazeres e a cada pouco corria ao quarto do Pe. Paulo. Incrível como ela, sempre tão ocupada, desse jeito de visitar o seu doente tantas vezes.

Ele parecia uma criança quando vê a mãe. Esquecia-se até das dores, que não raro eram atrozes. Sim, as dores de estomago desapareciam como por encanto, logo que a Irmãzinha entrava no quarto.

Aquele anjo branco detinha o dom de tornar as pessoas felizes. O seu olhar, o seu sorriso, a sua bondade, a sua ternura, o seu amor, constituíam o segredo de suas conquistas. Criminoso algum, por mais revoltado, por mais empedernido, ficaria



impassível diante do seu convite sedutor.

Ela conhecia o ponto fraco, o calcanhar-de-aquiles do Pe. Paulo. Possui agora o segredo de operar o milagre. O amor, o carinho, o afeto da Ir. Vera Lúcia decidirá definitivamente, cabalmente, a questão.

Havia-lhe já conquistado por inteiro o coração. O sacerdote concebeu-lhe uma afeição profunda, um amor apaixonado. Nunca sentira por alguém tanta simpatia, tanto afeto, tanta paixão, como por aquele anjo branco.

Ah, ele quisera ser como aquele anjo branco! Queria ser também um anjo assim como aquela freirinha. Mas ele se julgava um condenado, um demônio. Uma alma irrecuperável. A freirinha levará vinte anos escrevendo poemas de amor a Deus e aos homens. Vinte anos de benemerências. Vinte anos cantando a beleza, as flores, os pássaros, as crianças, os doentes, os sofredores. Vinte anos semeando prodígios, rosas, perfumes, luz e sorrisos.

E ele, quase vinte anos de lutas incríveis, sem poder conquistar o prêmio do sossego, da paz de espírito, da felicidade. Vinte anos de inexorável fatalismo; vinte anos de horrível tantalismo, rolando, rolando sempre, todos os dias, montanha acima, a pesada pedra de Sísifo. Quando lá no alto surgiam os primeiros clarões do sol, no cimo da montanha, quando se encontrava prestes a galgar o último degrau, prestes a se libertar daquela infame opressão, lá vinha de repente o rude golpe dos fados, precipitando-o de novo no abismo.

No entanto, ela, a Ir. Vera Lúcia, possuía o mesmo temperamento impetuoso, o mesmo coração de fogo, a mesma veemência do instinto sexual, a mesma insaciável sede de amor. Ela também enfrentará idênticas procelas, quicá mais furibundas. E, contudo, vencera a todas. Vencera sempre.



Um dia narrou-lhe ela algumas passagens tenebrosas de sua vida, o furor da tentação, da qual triunfará sempre: Graças a Deus - exclamava - nunca profanei meus lábios!

O padre sentia então aquela santa inveja, inveja que o dominava inteiramente, que lhe dava coragem de se arrepender e ser daí para o futuro igual ao seu anjo branco.

Quanta pena, que imensa pena ele sentia por não ter vivido santamente como ela, por ter fraquejado, por não haver triunfado. A Irmãzinha passava horas narrando-lhe os meios que empregava para cantar tantas vitórias. A oração, a devoção à Eucaristia, à Santíssima Virgem. A vigilância. Os bons livros...

À noite, após o jantar, voltava o coro dos anjos brancos. Cercando o leito, entretinham-se em alegre palestra com o Pe. Paulo. Depois pediam a bênção e despediam-se cantando:

Boa noite, minha Estrela,
Abençoa, Mãe de Amor,
O teu filho pobrezinho,
Teu pequeno trovador.

* * *



Afinal, que doença era essa que maltratava tanto o Pe. Paulo e o retinha de cama, no hospital, cercado de tanta solicitude e de tantos cuidados? O médico, igualmente atencioso e cordial, lamentava não poder diagnosticar ainda com exatidão a enfermidade que punha em alvoroço todas as freiras.

Por que motivo o médico não descobria o mal? Ora, simplesmente porque não existia mal algum. O Pe. Paulo não apresentava sintoma algum de enfermidade física. O mal dele não era físico. Era psíquico. Doença psíquica, que semanas depois se manifestará com uma úlcera duodenal. Úlcera de origem emocional. Apenas um princípio de úlcera.

Contudo, a prostração, o esgotamento, era terrível. Em certos momentos o padre se contorcia de dores. Dores lancinantes, que só se acalmavam com a presença da Irmã Vera Lúcia.

Uma ocasião, altas horas da noite, o Pe. Paulo, não suportando a veemência da dor, chamou a superiora, que acorreu solícita com os melhores medicamentos. Notável! A dor passou logo. Passou sem esperar pelo efeito da medicina.

E ela, o bom anjo branco, perdendo o sono da noite, lá permanece longo tempo, ao lado do seu querido enfermo, com amorosos cuidados, com santas palavras. Para quê? Para consolá-lo, narrando casos de sua vida religiosa. Casos ora escabrosos, ora sublimes. Falando-lhe de suas aspirações, do seu apostolado. Vai assim dispendo a alma do sacerdote para a graça, para o milagre, o grande milagre.

Era tamanha a felicidade que o Pe. Paulo vivia com os maternos cuidados daquela freirinha, que já não suportava a sua ausência. Uma hora sozinho, sem a presença do seu anjo



branco, parecia-lhe uma eternidade. Como suspirava pelo momento ditoso da visita!

De manhã, a campainha soava festiva, acordando a comunidade. Pouco depois a Ir. Vera Lúcia subia ao quarto do seu doente para saber como se encontrava. Aquele delicioso toque de campainha penetrava-lhe a alma como a mais alegre notícia. Uma autêntica volúpia! Ele anunciava que o anjo branco vinha aí. E vinha sempre. Nunca o decepcionou. Nunca. Se não fosse vê-lo, seria um desespero para o pobre enfermo.

* * *

Volvidos mais uns dias, já convalescente, encontrava-se em condições de levantar-se e celebrar. Iria celebrar, em lugar do capelão, a missa comunitária. Era domingo. Domingo XII depois de Pentecostes, conforme a liturgia da época. Domingo qualquer. Nenhum acontecimento. Nenhuma festa. Um domingo como todos os domingos, com a alegre rotina dos domingos. Por isso, ninguém podia explicar por que motivo a capela estava tão linda e profusamente enfeitada. Sábado à noite, houve mesmo quem estranhasse: Mas que festa é amanhã, que enfeitaram assim o altar?

Ninguém sabia esclarecer a razão daquele belo gesto. A única explicação seria a bíblica: para que se cumprisse a Escritura. Isto é, para que se cumprisse o que vinha previsto no conto do advogado, o Dr. Ricardo.

O Pe. Paulo levantou-se. Vestiu roupa nova. Batina nova. Camisa nova. Calças novas. Tudo novo. Uma enorme estreia. Misteriosa, toda essa novidade!



Entrou na capela. Ajoelhou. Colocou a face entre as mãos, os cotovelos apoiados no banco. Balbuciou umas preces. Mas sentia-se tão fraco, tão mesquinho, tão criança, quase a tremer, naquela convalescência.

A comunidade vinha entrando na capela. As Irmãs, as enfermeiras, as serventes, homens, mulheres e crianças, os parentes dos enfermos hospitalizados. Súbito, algo misterioso acontece com o Pe. Paulo. Forte estremeção lhe sacode freneticamente a alma, o coração, o organismo todo. Uma espécie de calafrio, de arrepio, inexplicável. Uma como descarga elétrica permanente. Algo intraduzível, enigmático, nunca visto.

E, sem mais preâmbulos, rompe a chorar, a chorar desesperado, irresistivelmente. Um pranto com violência maluca, incontrolável, avassaladora, como uma avalanche, uma torrente impetuosa de gigantesca represa que se rompe e vai levando tudo de roldão. Não há mais contê-la. Impossível.

Mas o que foi, Pe. Paulo? Por que todas essas grossas e copiosas lágrimas? Todo esse pranto escachoante? O que é que está acontecendo, hein? Ele não sabe. Ele não pode explicar. Misterioso!

O seu pensamento volta-se para a Ir. Vera Lúcia, o anjo branco que tanto queria imitar. Pensa em Deus que tantas vezes ofendera. Pensa em sua vida de desordem. Toda aquela existência que deveria ter sido a própria inocência, a própria santidade, e, no entanto, foi uma profanação, um sacrilégio, um escândalo. É então invadido agudamente por uma tremenda sensação de tristeza e angústia, de dor e contrição. E chora copiosamente. Um desespero!

* * *



E, agora, como celebrar nessa excitação? Nessa terrível tremedeira, afogado nesse mar de lágrimas? Faz um esforço. Balbucia uma prece, banhada naquela onda de pranto. Puxa do lenço. Enxuga os olhos. Assoa o nariz. Depois, com passo trepidante, dirige-se à sacristia. Paramenta-se abafando a emoção, sempre sacudido por aquele terrível estremecimento.

Sobe lentamente o altar, o rosto desfigurado, os olhos vermelhos, violentando-se para não cair outra vez no pranto, embora a missa naquele tempo fosse celebrada de costas para o povo. Inicia as palavras com voz fraca, trêmula, voz de choro.

Consegue controlar-se durante a recitação do salmo *Judica me*. Em latim na época. Ao pronunciar as palavras do *Confiteor*, entra outra vez numa explosão de lágrimas, que lhe embargam a voz. Acontece que, às contritas palavras do eu pecador, sente-se atingido por agudo arrependimento de seus desvarios. E torna a chorar, desabafando-se, durante a recitação do *Confiteor* pela freira que então fazia de acólito.

Sobe gravemente os degraus do altar. Beija-o com vagar, com impressionante unção, comprimindo fortemente os lábios contra a mesa, enquanto experimenta ainda mais vivo todo aquele impetuoso tropel de estranhas emoções, que lhe sacodem freneticamente as entranhas.

As palavras do intróito - vinde, Senhor, em meu auxílio - parecem talhadas de encomenda para aquele festival de emoções, enquanto o coral entoava o cântico *Em teu coração, venho buscar...* O coral é composto da Irmã Vera Lúcia, Irmã Marineusa, Irmã Helena, por todos os anjos brancos, aquelas almas tão suas amiguinhas, que há vários dias o acompanham com seus belos gestos de carinho e amor. Não resiste. Rompe-se-lhe novamente o coração, misteriosamente. E o pranto torna a jorrar.



Mas o que é que está acontecendo, meu Deus? Eu nunca senti uma coisa dessas. Jamais celebrei com lágrimas. Mas então que é que eu tenho hoje?

A Ir. Vera Lúcia, lá do meio da assistência, nota logo o pranto do celebrante, embora ele estivesse de costas. Ela também não se contém. Entra a chorar, fazendo coro ao Pe. Paulo...

As palavras da Epístola, do Gradual e, sobretudo, do Evangelho, parecem escolhidas de encomenda para impressionar o celebrante: Ditosos os olhos que vêem o que vós vedes... Ditosos os meus olhos que contemplam agora todo o esplendor da maravilha da graça trabalhando dentro de mim...

O cântico do Ofertório, entoado pelo coral - Pelas mãos do sacerdote - dir-se-ia dirigido expressamente a ele, a ele que sentia nitidamente a mão do Senhor a cutucá-lo, a convidá-lo...

Ao levantar a hóstia, no momento da elevação, dá com os olhos na linda imagem de Nossa Senhora, lá no alto do altar, o que nunca lhe sucedera antes. Lembra-se então dessa Mãe carinhosa que sempre o abençoou com tantas graças, graças a que ele nem sempre soube corresponder. Novo sentimento de dor, de contrição, de arrependimento. Novas lágrimas.

* * *

Agora, após a consagração, o coral entoa e repete muitas vezes, com entusiasmo, com vibração: Ó meu Jesus, sou vosso enfim! Ó meu Jesus, sou vosso enfim!

Aí o Pe. Paulo, sempre mais sufocado pela emoção, repete mentalmente: Ó meu Jesus, sou vosso enfim! Agora, finalmente,



só agora sou vosso, ó meu Jesus! Só agora, meu Jesus! Sim, mas quero sê-lo de verdade, quero sê-lo para sempre. Ó meu Jesus, sou vosso enfim! As lágrimas, nunca tão abundantes, selam aquele solene juramento: Ó meu Jesus, sou vosso enfim!

No memento dos mortos, o pensamento voa logo para a sua inesquecível mãezinha. O pensamento parte-lhe o coração em pedaços: Ó minha querida mãe! Coitada de minha mãezinha! Morreu por minha causa! Morreu por causa de meus pecados! Fui eu que a matei! Ela deu a vida pela minha salvação, pela minha conversão! Agora sou todo de Jesus. Ó meu Jesus, sou vosso enfim!

Ao distribuir a comunhão, vê o pranto nos olhos da Ir. Vera Lúcia. O rosto vermelho. Coitado do meu anjo branco, ele também chora por mim!

Não foi fácil chegar ao final do santo sacrifício. Por derradeiro, ao descer do altar, o coro entoava o mais belo cântico a Nossa Senhora, o cântico novo, de que o Pe. Paulo tanto gostava:

Quem poderá definir o encanto

Que há no espelho do teu olhar? ...

Apressadamente, entra na sacristia. Vendo-se oculto às vistas da assistência, explode, dando vazão, larga, completa vazão ao pranto. Um vulcão vomitando lágrimas, aos borbotões. Montanhas de lágrimas rolando montanha abaixo.

Depois, ajoelhado no banco, para a ação de graças, as lágrimas prosseguem jorrando, jorrando à flux. No final, chega perto dele o anjo branco, com o semblante iluminado, sorridente e compassivo:

- Que foi, Pe. Paulo?



- O que foi, Madre? Eu também não sei. Não posso mais de tanto chorar...

Era o dia 28 de agosto de 1960, festa da conversão de Santo Agostinho... Pois foi só no outro dia que ele verificou a assombrosa coincidência. A sua conversão ocorrera precisamente no dia da conversão do grande Santo de Hipona. O dia 28 de agosto marcará data inolvidável no calendário de sua vida, como se fosse o dia natalício.

* * *



Realizara-se o milagre. O tão suspirado milagre de sua conversão. Agora, durante várias semanas, o Pe. Paulo vai celebrar a missa com lágrimas, com lágrimas todos os dias, que irão decrescendo aos poucos até estancarem.

Piedade e fervor encantadores. Dir-se-ia um santo. Se algum dia, daí por diante, lhe faltar o fervor para o santo sacrifício, ele dispõe agora de um meio eficiente, sortílego, para se abrasar, para se afervorar. Enquanto vestir os paramentos, repetirá o prodigioso verso do cântico: Ó meu Jesus, sou vosso enfim! Pronto. O fervor, a unção, a piedade, o recolhimento, voltavam misteriosamente, avassaladoramente. Aquelas palavras possuíam poder mágico. Era a varinha de condão que operava milagre. E a sua missa era então celebrada com impressionante piedade, que afervorava toda a assistência.

Mais. Descobrira outro meio de se afervorar durante a celebração. Era o beijo sobre o altar. Jamais na vida atentara ele nessa força fabulosa do ósculo. Do poder gigante, misterioso, que jazia escondido sob o carinhoso gesto do beijo. Cada vez que beijava o altar, sentia agora aquela descarga elétrica, aquele gostoso calafrio que lhe comovia o âmagão das entranhas, dando-lhe um fervor, um delírio, uma espécie de loucura.

Não podia explicar como durante toda a vida nunca dera por aquele arcano poder do beijo. Só agora. Só agora viera a descobrir o segredo. Beijava o altar com o maior respeito, lentamente, apertando com força os lábios contra o corporal ou as toalhas do altar, como que saboreando gulosamente gostoso bocado. Era uma injeção de fervor. Um como entorpecente que lhe penetrava a alma e a transformava. O Pe. Paulo aplaudirá febrilmente a reforma litúrgica. Entretanto, não deixará de



lamentar a supressão de quase todos os beijos durante a celebração da santa missa.

A missa era agora um momento de paraíso. Suspirava pela hora do santo sacrifício. Se, aos domingos e dias santos, lhe cabia celebrar duas missas, vibrava. Tão diferente de outrora, quando achava pesada a binação!

A sua alma estava, segundo o verso lapidar de Guerra Junqueiro, <<deslumbradoramente espiritualizada>>. Transformação total. Transformação espiritual. Ele renascera em espírito. Nascera de novo, ali, no quarto da maternidade. <<Aquele que não renascer de novo, esse não entrará no reino dos céus>>.

* * *

O Pe. Paulo era um reservatório de energia, de fabuloso potencial de amor, de trabalho, de fogo. A selva de sua violenta libido despencava-se de alucinantes alturas. Uma força maluca a perder-se inutilmente e, quando não se perdia, quando não se desviava, provocava desastres. Verdadeiras catástrofes. Eram furiosas correntes descontroladas, deslocadas, desviadas de sua rota.

Pois era urgente canalizar estas águas fecundas, que tantos anos rolaram em vão, atroando furibundas. Longo tempo aguardaram um engenheiro perspicaz que, descobrindo-lhe o potencial escondido, construísse a usina. O engenheiro providencial foi a Ir. Vera Lúcia. Ela montou a máquina que fornece energia, luz e calor.

Todo o furor da libido do Pe. Paulo, as virtudes do seu sensibílíssimo coração, toda a furiosa sede de amor, que lhe roíam as entranhas, sublimavam-se agora em força motriz, para as arrancadas do espírito. Seu coração, que se inflamava tanto



de amor pelas criaturas, inflamava-se agora de amor por Cristo, esbraseando-se em fervor nas orações, na recitação do Ofício Divino, nas meditações, nas visitas ao Santíssimo Sacramento, na devoção ao Sagrado Coração de Jesus, à Santíssima Virgem... A leitura dos Evangelhos, as leituras espirituais, a palestra diária de Eurípides Cardoso de Menezes, na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, tudo tinha agora um sabor novo, que empolgava, que animava, elevando-o para Deus.

* * *

Todavia, a mudança mais radical observou-se na estima, no amor e na prática da virtude da santa pureza. Como achava agora encantadora esta bela virtude! A Ir. Vera Lúcia, as Irmãs do hospital, eram adoráveis notadamente pela sua grande pureza virginal.

Veio ele agora a conceber vivo horror ao vício impuro, ao pecado. Tornou a vestir o pudor primitivo, dos tempos de infância. Naquele mesmo dia, ao ver uma jovem sentar-se com as pernas um tanto descompostas, desviou imediatamente o olhar, como fazia em criança.

Acabara-se, finalmente, toda aquela maldita, aquela infernal e diabólica inclinação para a maldade, para a sensualidade, que tanto o atormentava e de que parecia impassível libertar-se. Autêntico milagre da graça divina! Só um milagre podia operar tamanha transformação.

O sossego, a paz, a alegria, até aqui tão arredios e quase sempre ausentes, vieram agora firmar sua morada permanente e segura no coração do Pe. Paulo. O medo, o rubor das faces, aquele terrível rubor patológico que lhe incendiava as faces a cada passo, a insegurança, a tristeza, a angústia, tomaram o caminho do mato, fugindo desabaladamente.



* * *

Saindo do hospital para retornar à sua casa, para o seu colégio, viu horrorizado o desalinho do seu quarto, a mesinha obstruída de papéis, cadernos e livros em confusão. Pôs-se logo a colocar tudo em ordem, todas as coisas no seu lugar, deixando a escrivaninha bem limpa, as prateleiras com os livros alinhados, todo o quarto na maior ordem e limpeza.

O espírito de pureza, de limpeza, invadiu-o por completo. Agora não podia deixar de tomar banho todos os dias ao levantar e muitas vezes ao deitar. Sempre limpinho na roupa, não dispensando desodorantes e água-de-colônia, porque agora já estava libertado do tabu de que o perfume é pecado.

Invadiu-o ainda intenso espírito de zelo, de apostolado. Nos primeiros dias de aula, após um mês de interrupção, o mês do hospital, o mês do advogado do conto, era de ver com que enternecedora unção falava aos alunos, como lhes falava do bem, da virtude, de amor de Deus, da santificação.

Sempre que podia, contava às pessoas amigas o milagre de sua conversão. Referia-se a fantástica previsão simbólica através do conto. Não deixava de salientar que onde abundou a malícia, superabundou a graça. Repetia as palavras de Santo Agostinho: O inquieto coração do homem só em Deus encontra sossego. Ó beleza eterna, quão tarde te conheci!

Procurou logo algumas jovens que ele havia escandalizado com suas atitudes irreverentes. Narrou-lhes a milagrosa conversão e pediu-lhes mil desculpas, falando com humildade e compunção, quase sempre derramando lágrimas. A moças distantes, igualmente contou por carta a sublime epopeia de sua transformação.

* * *



Naquele domingo, dia 28, saindo da capela, após a missa, voltou ao quarto do hospital, o apartamento da maternidade. Voltou cantando, felicíssimo. Naquele dia, tudo para ele era alegria e festa. Lá fora, sob a cristalina limpidez do céu, um sol embriagador. Pelas avenidas da cidade, rufam tambores, espocam foguetes nos ares. Os estudantes desfilam marchando, celebrando a festa do patrono do seu colégio.

A Irmã Vera Lúcia entra no quarto, e o Pe. Paulo, já deitado na cama, solta uma exclamação de júbilo, levantando os braços: Escute só, Irmã. Está ouvindo lá fora os tambores, os foguetes? Toda esta festa é para mim. É para celebrar a minha felicidade. É um hino de ação de graças cantando nas ruas.

E a freirinha, o semblante iluminado, sorridente, embora ainda não inteiramente ao par do que acabava de se passar na alma do seu doente, partilha daquela vibração e traz uma bela notícia:

- Pe. Paulo, hoje de manhã terá uma visita importante. É da Irmã Ana Maria.

A Irmã Ana Maria, da mesma congregação da Irmã Vera Lúcia, era uma psicóloga, uma psiquiatra de fama nacional, que operava prodígios. Uma sumidade em Psicanálise, em Psicologia e Psicoterapia.

Assim que ela soube da doença do Pe. Paulo, foi espontaneamente ao hospital, causando surpresa sua inexplicável atitude. Atitude inexplicável de ir exatamente naquela hora, imediatamente após o tombo do cavalo, no momento mais propício, de maior emoção e disposição para o seu improvisado cliente. Mesmo na hora da graça.



Toda solicitude e bondade, a Irmã Ana Maria prontificou-se logo a auxiliar o padre naquela sua campanha de libertação espiritual, de renovação e transformação, o que não ocorreria sem a presença daquela abalizada orientadora.

O sacerdote, então, gratíssimo para com a Irmã Vera Lúcia, diz-lhe, mostrando a revista, que o conto sobre ela vinha publicado naquele número. E juntos leram uns tópicos. Então a Irmã Ana Maria, mandando suspender a leitura, pergunta:

- Sabe, Pe. Paulo, de quem é essa história que o senhor escreveu? É a sua história. O Dr. Ricardo é o Pe. Paulo. Não reparou? Veja, por exemplo: Como o Dr. Ricardo, o senhor não foi também cortejado pela juventude feminina? Não foi?

Todos riram. A seguir vão confrontando outras passagens. É a própria Irmã Vera Lúcia que revela a coincidência da ornamentação do altar. A choradeira do Dr. Ricardo e a choradeira do Pe. Paulo. A novena da comunidade. Até mesmo a Irmã Ana Maria vinha representada na história pela pessoa da esposa do advogado...

- Bom, Irmã Ana Maria - diz o padre - quero agora que a senhora me ajude. Preciso de seu auxílio. Quero que descubra todas as minhas misérias. Quero limpar inteiramente minha alma. Depois, como o Dr. Ricardo, quero fazer uma confissão, uma ótima confissão geral. Quero chorar meus desvarios. De hoje em diante, quero ser outro. Muito outro. Quero ser santo como o Pe. Mário. Quero ser o primeiro entre os colegas.

- Isso, Pe. Paulo - exclama a Irmã Ana Maria, numa alegria incontida. - O senhor será o primeiro. Será um santo. Que maravilha! Viva!

* * *

A profunda afeição do Pe. Paulo pela Irmã Vera Lúcia



continuará crescendo, crescendo de modo extraordinário e misterioso, a ponto de ele achar impossível viver longe dela, assim como uma criança de colo, que não suporta a ausência da mãe.

Certa manhã, indo à capela, viveu um momento de aflição. Entrou. Olhou para o lugar da Irmãzinha. Ó tristeza! O lugar estava deserto, desocupado, tragicamente deserto. Foi uma punhalada. Não se conteve. Saiu imediatamente em busca do seu anjo branco, o coração aos pulos. Felizmente, ela vinha vindo. Foi um suspiro de alívio e alegria. Que grande felicidade encontrar-se com ela logo ali no corredor!

Não saberia calcular o que sucederia se lhe faltasse o seu anjo branco. Aos poucos, no entanto, a afeição irá decrescendo, decrescendo, transformando-se numa perene e santa amizade e uma eterna gratidão. Jamais a esquecerá um dia durante a celebração da missa. No memento dos mortos, recordará os pais dela.

A mesma homenagem de gratidão terá diariamente para com a Ir. Ana Maria, pois o bem imenso dela recebido num momento histórico, inolvidável e emocionante, merece um monumento.

* * *

Agora, a Ir. Vera Lúcia vai pasmar, vai sofrer horrivelmente, vai chorar copiosamente, quando, ao lado da Ir. Ana Maria, ouvir a espantosa confissão de tudo quanto se passava na alma daquele sacerdote. A coitada, chegará a assombrar a comunidade com seus olhos rubros de tanto pranto, o rosto desfigurado pela dor que lhe esmagará o coração. Inacreditável o que agora o Pe. Paulo vai revelar à luz da Psicanálise!

Por outro lado, entretanto, não será pequena a alegria



da Ir. Vera Lúcia por verificar que ela cooperara eficazmente, decisivamente, que ela fora o providencial instrumento de Deus, o lírico instrumento do Senhor nessa prodigiosa transformação espiritual de um padre que andava à beira do abismo.

Principiando o seu trabalho, a abalizada psicóloga lhe fará a mais surpreendente revelação. Revelação sensacional, que lhe soerguerá prodigiosamente a alma, naquela hora decisiva.

Pois até aqui, o Pe. Paulo julgava-se o grande culpado, o único responsável por todo o seu infundo fracasso, por sua desgraça. Ele, ele tão somente, por exclusiva e deplorável negligência, por culposa e satânica má vontade, por danosa apatia, cavara a própria ruína. Encontrava-se à beira do abismo porque fraquejara. Ele fora um fraco, um pusilânime, um abúlico, um crápula gratuito e abominável.

Ele jamais na vida pensará em culpar alguém. Jamais julgara, jamais imaginara houvesse outra pessoa no caminho barrento de sua vida, que tivesse colaborado na sua desdita. Não, não havia alguém. Ele vinha rolando morro abaixo, impetuosamente, por sua culpa exclusiva.

Depois de revelar-lhe que andava a caminho da mais desastrosa neurose, que o ia levando para a desgraça fatal, para o hospício, tendo-lhe já afetado as faculdades, a Ir. Ana Maria, com aquele seu meigo sorriso encantador e compassivo, o consolou com esta estupefaciente declaração categórica:

- Pe. Paulo, não se espante. Coitado! A culpa não é sua, padre. A culpa não é sua, ouviu, Pe. Paulo? A culpa, muita culpa, talvez toda a culpa, reside na má formação que lhe ministraram. O culpado não é o senhor, Pe. Paulo. O senhor é inocente como uma criança. O senhor é um anjo, Pe. Paulo!

- Ir. Ana Maria, a senhora está brincando comigo. Sim,



deve ser verdade: Eu sou um anjo, mas um anjo negro, desses que foram precipitados no inferno.

- Não, Pe. Paulo, não estou brincando. Estou falando sério. Nunca falei tão sério. Os culpados, Pe. Paulo, sabe quem são? São a escola, o ambiente, a época. O senhor foi apenas a vítima, a grande vítima dessa ruinosa escola.

Não se pode imaginar a infinita extensão de alívio que estas sábias, autorizadas e santas declarações infundiram na alma do sacerdote, como o mais dulcificante bálsamo. Tiraram-lhe dos ombros montanhas de chumbo. Um alívio inefável, delicioso, embriagador, indescritível. Quem estava ali falando pela boca daquela freirinha querida era um anjo do Senhor, com palavras do céu, animando-o a prosseguir com alegria e entusiasmo a regeneradora obra de sua libertação. Oh, bendito anjo do Senhor! Deus lhe pague, Ir. Ana Maria. Muito obrigado.

* * *

A Ir. Ana Maria, a bondade em pessoa, com seus vastos conhecimentos pedagógicos e psicológicos, foi descobrindo tudo, auxiliada por testes de projeção, em que o subconsciente falava com pasmosa eloquência, revelando o monturo de pestíferos miasmas longamente acumulados no porão do inconsciente. Verdadeira montanha de detritos os mais deletérios, desagregadores, capazes de dar cabo de toda uma existência humana.

O teste de Koch, o teste da árvore, por exemplo, trouxe uma infinidade de fortíssimas impressões. Impressões da infância, da adolescência, do tempo do Seminário, do Noviciado, do ministério sacerdotal. Figuras de gente. Mulheres nuas. Iniciais de nomes.

Uma pessoa de óculos, cujo nome principiava com a letra



C, veio logo a ser identificada como sendo o superior do Pe. Paulo durante longos anos de sua formação, no Seminário e no Noviciado. Era o Pe. Carlos.

Aqui também a revelação foi uma surpresa imensa. Nunca o Pe. Paulo imaginara que à sua formação devesse a desgraça que vivera. Nunca jamais lhe ocorrera atribuir a qualquer pessoa e muito menos a qualquer mestre ou superior as danosas deficiências de sua vida.

Pois é, agora, somente agora, após o maduro exame psicológico daquela mestra, é que o Pe. Paulo vai ficar sabendo que estava ele tremendamente despreparado para enfrentar a vida. Que todo o seu lamentável problema de ordem sexual provinha de uma tremenda frustração afetiva e emocional e de uma imaturidade humana espantosa, sobretudo de uma grande imaturidade sexual.

* * *

Era urgente descobrir todas essas causas, todos esses defeitos, a fim de que se apagassem as perniciosas e letais impressões, a fim de que o Pe. Paulo, que recém-iniciava a sua recuperação, a sua realização, pudesse levá-la a bom termo.

Era preciso descobrir a origem de tanta desordem, de tanto mal. Saber de que modo foram parar naquele porão tanta imundície, tantos monstros assassinos, tantas serpentes asquerosas e peçonhentas. Urgia imperiosamente proceder a completa limpeza daquele porão infeto, nauseabundo, deletério. Urgia dar cabo de todos aqueles pavorosos monstros. De outra forma, os monstros e os asquerosos miasmas culminariam matando toda a sua personalidade, levando o pobre do padre para o negro opróbrio de um manicômio ou para o inferno da apostasia.



Para exame de tanta monta, exame minucioso, completo, risível seria dedicar apenas umas horas de estudo. Um estudo sério e profundo reclamaria tempo, devendo remontar à infância, à casa paterna, ao Seminário, ao Noviciado, ao Seminário Maior, aos primeiros anos de ministério.

Então a Ir. Ana Maria, durante vários dias, ao lado da Ir. Vera Lúcia, seguiu passo a passo toda a vida pregressa do Pe. Paulo, devendo atravessar soturnos corredores, assistindo a um filme verdadeiro, filme que as telas ainda mal conhecem, porque ultrapassa a imaginação criadora dos ficcionistas.

Tudo quanto ocorreu durante longos anos, especialmente os vinte anos de vida sacerdotal. Cerca de vinte anos de tragédias, de escuridão, de trevas da alma e do coração. Vinte anos de exaustivas correrias em busca do segredo do sucesso. Vinte anos de tombos, de frustrações, de batalhas infrutíferas. Vinte anos quase perdidos para ele, embora realizando obras meritórias em favor do seu rebanho. Os anos de vigor juvenil, anos que deviam sublimar-se em gestos de heroísmo, de virtude, em triunfos de apostolado.

Vinte anos de loucas tentativas de realizar o sonho dourado de seus ardentes anos, o sonho apaixonado de galgar a serra da conquista, de hastear a bandeira da glória no cimo irisado da montanha. Vinte anos de sacrifícios mal aproveitados, de preces incessantes dele e de tantas almas amigas. Vinte anos de revolta, anos de lágrimas, de angústia, de insônia, de horrores, de inferno.

Vinte anos de impaciente inquietude, no enalço da quimera, do milagre. Vinte anos em busca do anjo branco, do seu anjo branco, o anjo que se escondia na solidão dos hospitais, por trás dos gemidos dos enfermos e moribundos. O anjo branco, que, a semelhança do Bom Pastor, o buscava por



montes e vales, rasgando as tenras carnes nos silveirais.

O anjo branco sob a figura do pai do filho pródigo, que todas as tardes subia ao último andar do hospital, a fitar longe a curva da estrada, na esperança de ver surgir a figura maltrapilha e macilenta do filho desgarrado, do filho que andava à procura de amores, quando o amor era ele, o anjo branco, o amor que o conduziria ao verdadeiro amor, ao mais puro e santo Amor.

Ó meu querido anjo do Senhor, perdoa-me a agonia da longa espera de vinte anos. Vinte anos de ansiados olhares para aquela distante curva da estrada. Há vinte anos que rezavas e choravas pelo regresso do teu ingrato filho pródigo. Vinte anos sentada à beira do poço de Jacó, aguardando alguém para dar-lhe de beber a água viva. Vinte anos oferecendo, ao lado de tantos outros anjos, o heroísmo de tua vida obscura, entre os gemidos dos hospitais. O heroísmo obscuro de tuas preces fervorosas, de teus sacrifícios ignorados, de tuas renúncias caladas.

E vós, queridos anjos brancos, que gemestes os desvarios deste cruel anjo negro. Rejane e Marina, Marisa e Ione, e tantos outros, perdoai ao Pe. Paulo as indignas atitudes ao vosso lado, as suas escandalosas atitudes. Vós que todos os dias rezais por ele. Vós que tivestes o supremo heroísmo de oferecer a vida, a vossa jovem e esplendorosa existência pela santificação do Pe. Paulo, perdoai-lhe tantas fraquezas e tantas misérias.

Anjos brancos, alegrai-vos agora, porque foi encontrada a ovelha perdida. Cantai hinos de louvor, banquetear-vos com as carnes do mais saboroso cordeiro. Dançai a valsa mais bela, porque a família festeja a volta do filho pródigo. A volta à casa do Pai.

Entoai hinos de abrasado ardor, cantai a epopeia de bênçãos que o céu derramou sobre o Pe. Paulo, sobre o vosso Pe. Paulo. Perdoai-lhe tantas fraquezas humanas. Esquecei-vos dos



seus desvarios ao longo da jornada de vinte anos, lembrados de que o Pe. Paulo foi discípulo do Pe. Carlos. Jornada penosa, aos tombos, rasgando as vestes nos espinhos, faminto, alimentado pelo duro pão amassado com lágrimas de dor, carregando a sua pesada cruz.

Alegrai-vos com o Pai que rejubila com o encontro da ovelha desgarrada, mais alegre, mais feliz do que com a festa que lhe dão 99 justos que não precisam de penitência.

O Pe. Paulo, celebrando o santo sacrifício, chora mais de alegria do que de arrependimento. Deus usou de misericórdia para com ele. Nele abundou o pecado, mas superabundou a graça. A multidão de seus crimes jamais suplantarão a multidão das misericórdias divinas...

Anjos brancos, acompanhai agora com as vossas preces, com o heroísmo do vosso amor, do vosso holocausto, acompanhai o Pe. Paulo na realização do seu sonho de apostolado. Seja ele realmente o primeiro entre os colegas.

Goze ele da suspirada liberdade de cumprir sua missão. Liberte-se de sua longa prisão, para levar a cabo a sua obra. Deixe, uma vez por todas, de ser prisioneiro.

No dia de sua total libertação, no dia em que descobrir o caminho da liberdade, o Pe. Paulo andarão a passos largos pela estrada real de sua vocação. Cantará sublimes triunfos. Porque <<o homem livre é aquele que encontra significado em seu trabalho>> (Saint-Exupéry).

* * *



Após o tombo do cavalo no caminho de Damasco, o coração do Pe. Paulo era um vulcão expelindo cataratas de luz e calor. Uma vontade doida de sair a incendiar o mundo com o fogo de seu ardor. Uma sede infinita de fazer o bem, de socorrer os sofredores, tombados na beira do caminho, sem um samaritano que os levantasse.

Dias após a sua conversão, proferindo a convite uma palestra no maior clube da cidade, realizou trabalho magistral, que empolgou pais, mestres e alunos. As raras homilias que pregava na igreja matriz surtiam efeito notável. Penitentes deram de procurá-lo no confessionário. Doentes pediam-lhe a bênção, quase sempre efficacíssima, operando autênticas curas. Na capelania do colégio de religiosas era apreciadíssimo, pela edificante piedade com que celebrava a missa e a unção com que pregava.

Retomou a estafante trabalhadeira da secretaria da escola e das aulas. Lecionava e trabalhava dia e noite. Agora, inflamado como andava de amor de Deus e das almas, suspirava por libertar-se da escravidão de um trabalho que qualquer leigo desempenharia melhor. Ele, um ministro do altar, condenado a vida inteira a ministrar aulas profanas... Suspirava por um púlpito, onde pudesse irradiar o fogo do seu coração e a luz dos seus conhecimentos. Ah, se pudesse, ao menos, dispor de um programa na emissora de rádio local, o Pe. Paulo obraria prodígios. Poderia até encontrar o caminho régio de sua realização, o caminho de sua autêntica vocação de apóstolo.

* * *

Felizmente, no ano seguinte à sua conversão, em 1961,



depois de ingentes tentativas, pode ver realizado o velho sonho que vinha perseguindo desde os 15 anos. Durante 30 anos, buscara ele, com frenética inquietude, aquela incomparável conquista, aquele triunfo estonteante - a publicação do seu primeiro livro, graça que ele agora atribuía ao fato da sua conversão. Se eu não me convertesse, jamais poderia publicar um livro - esclarecia ele.

Para ele e mesmo para tanta gente, aquele foi um triunfo inédito! O livro, prefaciado por um dos grandes escritores gaúchos da época, recebia candente consagração da crítica. Muitos capítulos, quase todos os capítulos do livro, mereceram publicação no suplemento literário do <<Correio do Povo>>, no qual colaboravam eminentes escritores do Brasil.

Naquele mesmo ano de 1961, foram publicadas mais duas obras de sua autoria. A primeira de importante editora de São Paulo e a segunda de Minas Gerais. O lançamento da editora paulista, uma novela infanto-juvenil, uma história de amor e aventuras, com envolvente cenário brasileiro, contou com a cobertura de várias estações de rádio e televisão, esta em fase inicial.

O lançamento coincidiu com o aniversário de sua ordenação sacerdotal. Precisamente no dia do 20º aniversário de sua ordenação sacerdotal. Uma feliz coincidência que o comoveu. A novela, publicada em capítulos por uma revista de São Paulo, mereceu sucessivas edições, tendo sido escolhida para livro de texto de numerosas escolas, inclusive de nível superior. Serviu ainda de roteiro de cinema.

Agora, cada ano o Pe. Paulo escrevia um ou dois livros, que eram publicados pelas editoras, sem que houvesse despesa alguma por parte da congregação religiosa a que pertencia. Os livros encontravam leitores em todos os Estados do Brasil



e mesmo da Europa. Ao cabo de dez anos de vida literária, apesar das limitações literárias, pois, como vimos, era um autodidata, sem nunca ter contado com mestres e livros para a aprendizagem da arte das letras, ao cabo de dez anos, a obra do Pe. Paulo ultrapassava tiragem de duzentos mil exemplares.

* * *

Todos estes livros, com duas dezenas de títulos, foram escritos às pressas, em tempo destinado a outras tarefas, cuja execução ele apressava. Nunca teve à disposição um minuto destinado exclusivamente às lides da pena. Geralmente, o trabalho era efetuado às escondidas, clandestinamente, muitas vezes à revelia dos superiores.

O voto de obediência tolhia-lhe os passos. Mesmo para ir à rua, à livraria, ao correio, ali perto, necessitava de autorização do superior local. Para viajar à cidade vizinha, era indispensável a autorização do superior provincial. Autorização por escrito, não raro difícil de se obter.

Quando tratou de viajar ao local do cenário da novela infanto-juvenil, foi mister que um colega esclarecido advogasse a causa diante do provincial. Escrever um livro não constituía razão plausível de viagem. Por isso, ele procurava lançar mão de outros motivos para obter autorização de viajar.

Pretendia, certa oportunidade, escrever uma novela para divulgação de uma empolgante atração turística do Estado do Paraná. Para viajar ao local, alegou ao superior a celebração das bodas de ouro de um casal de tios residentes na cidade catarinense de Chapecó e a tomada de hábito de uma sobrinha em Curitiba. O superior autorizou a primeira e negou a segunda, precisamente a indispensável ao seu objetivo.

Todavia, ele viajou sem licença mesmo, às escondidas,



às pressas, em sobressalto, com grande receio de vir a ser descoberto. Colheu dados, informações, visitou o cenário de sua história e escreveu o livro. O superior local, ciente da aventura, lembrou ao Pe. Paulo a proibição do provincial. Lembrou sem, contudo, efetuar a denúncia.

Por causa desta desobediência, viverá longos meses de apreensões, com medo de que o provincial viesse a sabê-lo. Temia, além disso, que, ao examinar os originais para o imprimatur, o superior descobrisse a transgressão. Mas este, pouco dado a leituras, confiou a tarefa a um censor, sem tomar conhecimento do conteúdo do livro. E, assim, o livro foi publicado em Minas Gerais sem maiores incidentes.

As Cataratas do Iguaçu estavam também na mira da sua pena. Uma novela com o soberbo cenário daquela maravilha da natureza, que tentação para a alma de poeta do Pe. Paulo! O motivo que alegaria para obter autorização de viajar, parecia-lhe convincente. Por ocasião de suas bodas sacerdotais, pediria um prêmio ao superior. O prêmio seria a autorização para viajar às Cataratas juntamente com seus colegas de casa, correndo as despesas por conta de seus livros, dos direitos autorais, sem que houvesse alguma implicação financeira para a congregação. Depois de várias tentativas, conseguiu autorização do provincial, mas o superior local negou. Negou fazendo assim fracassar a programada excursão e o livro projetado.

* * *

Após cada tormenta semelhante com os superiores, ferviam azedumes na alma do Pe. Paulo. Semanas de cruel sofrimento. Noites de insônia. Revolta contra eles, os superiores, que sempre foram seus grandes inimigos, que lhe tolhiam a liberdade, a liberdade de praticar boas obras. Debalde pedirá ele autorização para frequentar cursos de especialização, de



atualização... Por fim, ele não pedia mais nada. Passava as férias em casa, trabalhando na secretaria da escola, servindo-se, apenas, para distração, do esporte de pesca e caça, aos domingos de tarde.

Tendo numa viagem apostólica se desviado um pouco da rota, a fim de visitar um tio e padrinho, que não via há 16 anos, recebeu violentíssima carta do superior provincial, que o castigou com três disciplinas.

Sendo que os homens não lhe valiam, voltava-se para Deus, para Nossa Senhora, para os Santos de sua predileção. Principiava a rezar arduamente com seis meses de antecedência. A vitória então lhe sorria sempre. Com Deus, era um sossego, uma tranquilidade. Os homens eram maus para ele. Os superiores eram ruins para ele. Deus, contudo, era seu Amigo. O melhor Amigo.

Foi assim que, depois de seis meses de preces, conseguiu, não apenas autorização, mas até um companheiro, na pessoa de um colega, o Pe. Eurico, que dispunha de carro. Viajou ao local do cenário, procedeu a um levantamento completo e escreveu o livro. Uma história real, romanceada, acerca da vida da fundadora de uma congregação religiosa. O livro, com várias edições, chegou depois a ser traduzido e publicado na Europa.

Publicados os livros, o autor recebia frequentes convites para visitas a colégios, seminários, noviciados, conventos. Imediatamente surgia o fantasma da licença dos superiores. Muitas escolas, muitas cidades, aguardam, por isso, até hoje a prometida visita.

* * *



O voto de pobreza era outro laço que lhe amarrava os pés, tolhendo-lhe os movimentos e impedindo o exercício de sua missão. Os superiores, com exceção dos dois últimos, que eram desprendidos, bondosos e generosos, primavam por suas qualidades de bons financistas, avaramente zelosos de amealhar dinheiro para realizar obras grandiosas e impressionar os superiores maiores.

Ao regressar da Europa, tratou de adquirir, com dinheiro que trazia, fruto de suas economias e negócio de livros, uma lâmpada de cabeceira. Coisa simples e barata. Fez depois ciente ao superior, como era obrigação. Este revoltou-se e reprovou duramente aquele desperdício... Ele nunca deixava de ler na cama antes de dormir. Precisava daquela lâmpada. Modesta, baratíssima. A mais barata que encontrou. Três cruzeiros. Três cruzeiros que não eram da casa, nem do superior. Dinheiro que ele havia trazido, fruto de seus trabalhos...

Outro superior negou-lhe autorização para adquirir um par de botas, para usar em suas longas caminhadas, em dias de chuva, neve e geada, em atendimento à capelania. Durante cinco anos, andou a pé, todos os dias, enfrentando violentas chuvaradas que o encharcavam até os joelhos, provocando-lhe gripes e resfriados.

Era-lhe, a princípio, vedada a compra de livros, sobretudo livros de literatura, de que necessitava para aperfeiçoar-se na prática das letras. Nunca pode dispor de uma condução. Seu estado emocional não se coadunava com o bom desempenho de motorista. Entretanto, com a devida licença, adquiriu um dia um jipe velho e barato, sem despesas para a congregação. Jipe que o superior e os colegas usavam. Corridos uns meses, os



superiores vendem o carro, sem prevenir o Pe. Paulo, declarando apenas, posteriormente, que assim haviam procedido porque o carro fora comprado com dinheiro estranho à congregação...

Ao rever as contas, durante a visita canônica, o provincial reprovou a compra de uma arma de caça, adquirida com dinheiro de seus livros. Ao fazer entrega de certa soma, fruto da venda de livros e de direitos autorais, a Pe. Paulo notou que o superior deixava de registrar a procedência daquele dinheiro.

Com o produto de seus livros, à revelia dos superiores, formou bolsas de estudos para seminaristas pobres, beneficiando a congregação. Doava suas obras às bibliotecas das casas de formação. Todas as despesas de medicamentos, roupas, livros, viagens, corriam sempre por conta de sua caixa. No fim do mês, procurava entregar tudo quanto recebia do seu ordenado de professor, capelania, ministério, jornalismo, espórtulas de missas. Entregava tudo, sem descontar as despesas, que ficavam sempre por sua conta. No último ano, 80% das refeições efetuava fora de casa, sem causar despesas aos superiores. Nunca fumou um cigarro na vida... Jamais a consciência o reprovará por faltas contra o voto de pobreza.

* * *

O medo patológico dos superiores levava o Pe. Paulo a apoiar as iniciativas deles, com grave risco de expor-se a verdadeiros vexames. Pois, uma vez, surgindo um desentendimento entre o provincial e o bispo diocesano, com o afastamento das religiosas que atendiam uma escola da congregação, tomou logo o partido do superior. Correspondente de jornais da Capital do Estado, publicou então uma notícia que mereceu os aplausos do superior e as iras do prelado. Noticiara que as religiosas haviam sido afastadas por determinação da autoridade eclesiástica.



Por haver falado a verdade, por este simples motivo, o Pe. Paulo receberá o mais cruel e degradante castigo: suspensão a divinis. Inapelavelmente suspenso do exercício das ordens sacras. Fato inédito na província religiosa. Fato que carregará montanhas de sofrimentos para o zeloso sacerdote, que durante cerca de um ano ficará privado de auxiliar os párocos no trabalho de pastoral, nas confissões, sobretudo durante a Semana Santa, quando, naquela época, elas exorbitavam.

Passado algum tempo, serenavam os ventos e os mares principiavam a espelhar a placidez do azul do firmamento. Mas aquele feliz estado de paz era efêmero. Ele sabia que outra tormenta vinha a caminho, sem demora. Era sempre assim. Ele parecia nascido sob o signa do sofrimento, da perseguição.

Agora a bomba vai explodir no campo da política. Dois vereadores, por diversas vezes, levantaram a voz na câmara Municipal, ameaçando processar o Pe. Paulo, injustamente acusado de haver publicado notícias contrárias aos interesses do município. Felizmente, ele gozava de estima de quase todos os vereadores, encontrando, pois, poderosos amigos que o defenderam com brilhantismo, esmagadoramente, provando a reta intenção, a intenção patriótica do jornalista.

Decorrido cerca de um ano, durante os festejos jubilares de vida sacerdotal, os estudantes encaminharam à Câmara solicitação visando a concessão do título de cidadão local ao professor e escritor, pelos numerosos serviços prestados à comunidade, especialmente à classe estudantil.

Os dois vereadores, fragorosamente derrotados em sua campanha anterior, abriram fogo violento outra vez. Durante duas semanas, o poder legislativo ocupou-se exclusivamente do Pe. Paulo, pró e contra. Por fim, sobrevivendo a promulgação de Ato Institucional do governo da Revolução de 1964, os dois



parlamentares meteram a viola no saco e se encafuaram no mato, dada a razão política das discussões. Posteriormente, em outra legislatura, sendo os vereadores quase todos seus discípulos, ser-lhe-á conferido, por unanimidade, o título de cidadão emérito do município.

* * *

Todas estas procelas nada significam diante do cataclismo que, pouco mais tarde, se desencadeará sobre o Pe. Paulo, acabando por demovê-lo do posto que ocupava havia quase vinte anos. Principiavam a acumular-se nuvens negras no horizonte. Ventos sopravam ameaçadores. Coriscos e relâmpagos riscavam o negror dos céus. Trovões roncavam sinistramente. Súbito, estala o fragor da procela, soando por todos os recantos do Brasil.

Imprensa, rádio, televisão, todos os veículos de comunicação, em todos os Estados, anunciavam a fantástica notícia: O Pe. Paulo, professor do ensino médio, acusado de corrupção no exercício do magistério, foi cassado por ato do Ministro da Educação. O «Correio do Povo», de Porto Alegre, estampava a notícia na primeira página, no alto, à direita. Quem porventura não ouvira através do rádio e TV, tinha agora a comunicação bem quente sob os olhos, num dos mais importantes órgãos da imprensa do País.

Congregavam-se agora todas as fúrias religiosas, eclesiásticas e políticas, para cair em cheio, impiedosamente, sobre o Pe. Paulo. Outro fato inédito em toda a história da congregação. O nome do Pe. Paulo, já conhecido em muitas partes do Brasil, acabava de ser coberto de lama. Implacavelmente. Escandalosamente: Cassado por corrupção!

Ninguém sabia ao certo o verdadeiro motivo da cassação. Cada qual arquitetava as mais variadas conjecturas. Afirmava-



se até que ele havia escrito e publicado um livro contra a Revolução de 64. Por toda a parte, diante de qualquer pessoa, o Pe. Paulo sentia-se humilhado, arrasado, envergonhado. Um bispo amigo, num encontro casual por aqueles dias, saiu-se com esta pergunta acabrunhante: Mas o que é que você está fazendo, rapaz?

Escrevendo aos superiores educacionais, dizia ele, entre outras coisas: «Deus é testemunha, todos os meus alunos são testemunhas, de que jamais aceitei um centavo para trair a minha missão de mestre e secretário...» Concluindo, escrevia ao Diretor do Ensino Secundário: Sr. Diretor, como escrevi ao sr. Ministro da Educação, repito a V. Exa.: <<Não se preocupe com a desgraça que ruiu sobre mim. Decerto Nosso Senhor quer algo de tudo isso...>>

Quando o Inspetor Federal esteve na escola, dando em primeira mão ciência do fato, ao despedir-se do Pe. Paulo, diante do diretor e de outro colega, ele quase desmaiou, ao presenciar o tremendo acesso de choro de que fora acometido o infeliz professor. Nunca na vida chorara tão copiosa e desabaladamente, chegando a empapar de lágrimas vários lenços.

Assim como acontecera com a suspensão eclesiástica, a cassação de um de seus registros de professor era fruto da dedicação à sua causa. O Pe. Paulo era vítima do dever. O que motivara a cassação fora um acontecimento banal, inocente, de rotina. Acontece que uma aluna casou antes da conclusão do ano letivo. Havendo-se transferido para o interior do município, numa fazenda, e não podendo frequentar todas as aulas, o Pe. Paulo, em sua bondade, sem que fosse solicitado, abonou as faltas, por se tratar de uma aluna brilhante, mais preparada que muitos alunos que frequentavam todas as aulas.

Como se vê, não se justificava tão escorchante punição,



alardeada aos quatro ventos. Por isso, o Pe. Paulo, sentindo-se injustamente insultado em sua honra, usou, pela primeira vez na vida, do poder que lhe conferia o sacerdócio: o exorcismo. Se a cassação fosse injusta, se a atitude das autoridades tivesse sido abusiva, se ele não merecesse tamanho castigo e humilhação, que Deus fizesse justiça, punindo o responsável. Pasmem o leitor: Passado pouco tempo, alguns meses apenas, a autoridade federal responsável pela cassação, acometida de séria crise patológica, num gesto tresloucado, ainda em pleno exercício de seu alto cargo, fêz um tiro de revólver desfechado contra si mesmo...

* * *



Mas não era só a perseguição dos homens que abalava o estado emocional do Pe. Paulo, que, em consequência de tantos conflitos, vivia quase imprestável. Outros fatores desagregadores de suas energias e do seu sossego surgiam no campo familiar.

O primeiro - como sabemos - aconteceu ainda antes de sua conversão. Aconteceu há tempo, mas os seus efeitos faziam-se sentir. Foi a morte repentina de sua mãe, que desaparecia aos 62 anos, inesperadamente. O golpe desabou tão inopinado e rude, que a vida para ele, durante algum tempo, perdera o sentido. Durante mais de um mês, não passou um dia sem lágrimas nos olhos. Chorava de manhã no momento da missa. Chorava após o sacrifício, ao fazer a ação de graças. No encontro com pessoas amigas, que lhe externavam condolências. Ao escrever a amigos, narrando a triste ocorrência...

Ele vivera poucas horas na vida ao lado de sua querida mãe, depois de sua separação, ainda em criança. Mas a sua santa mãe era tudo para ele. Agora, em visita ao pai e irmãos, parecia encontrar a casa vazia, tragicamente vazia, apesar da presença amiga dos familiares. Ele não podia entender como seus colegas, ao perder os pais, pouco ou nenhum sentimento manifestavam. Uns, no dia seguinte à morte da mãe, já andavam descontraídos, contentes, felizes.

O segundo dramático acontecimento foi a morte trágica de seu irmão, aos 42 anos, pai de três encantadoras garotas, uma de dois anos. Um acidente brutal, em vésperas do Natal, roubara-lhe a vida instantaneamente, estraçalhando-lhe o corpo e disseminando os miolos sobre o asfalto da estrada. O Pe. Paulo, por acaso, encontrava-se naquele dia em casa deste seu inesquecível irmão, o fundador e gerente de poderosa



empresa industrial e comercial. O irmão que lhe organizara a mais comovente festa por ocasião do seu jubileu sacerdotal. O Pe. Paulo chorou por longo tempo a morte do seu mano, o seu grande amigo, a quem tanto devia.

* * *

Todos estes acontecimentos traumatizantes, entretanto, não abalavam tanto o seu espírito e o seu organismo como os decorrentes de seus gravíssimos problemas de ordem afetiva. O terrível drama afetivo do Pe. Paulo é um capítulo fora de série, capaz de embaraçar os estudiosos da alma humana.

Corridos alguns anos após a sua conversão, a Ir. Vera Lúcia, o seu querido anjo branco, fora transferida para outra cidade. O Pe. Paulo não podia viver sem um grande amor ao lado. Ele era assim. Por maiores lutas que travasse para corrigir seu temperamento, para endurecer um pouco o seu coração, por mais que orasse a Deus e aos Santos, ele nunca pode modificar sua natureza. Como ele invejava os colegas que possuíam equilíbrio emocional, maturidade afetiva! Ele somente, ele tão somente, seria o eterno sofredor. A vida inteira. Um sofrimento inacreditável. O mais cruel dos sofrimentos, o sofrimento do coração.

As sucessivas tormentas, que lhe estraçalhavam o físico e a moral, debilitando-lhe terrivelmente a saúde, acabaram por afetar-lhe a vida espiritual, a vida de piedade. O fervor na celebração da santa missa, na recitação do terço do rosário e demais orações, ia aos poucos decaindo. O seu afeto, o seu amor, que de humano se havia sublimado em amor de Deus, acabou por esfriar no meio do fragor da procela.

Além disso, como sabemos, as suas ocupações diárias eram exclusivamente profanas. Dia e noite ministrando aulas profanas. Dia e noite na secretaria da escola, lidando com



boletins, relatórios, atestados, correspondência, sem oportunidade de uma pausa para meditação, para um curso de renovação...

Ele sabia, sobrevivendo o esfriamento na vida espiritual, se ele deixasse de amar apaixonadamente a Deus, a sublimação do seu afeto acabaria desmoronando inapelavelmente. E então voltaria a amar os homens mais do que a Deus.

Mas em todos estes acontecimentos, o Pe. Paulo, com sua fé profunda, sem vacilações, encontrava uma justificativa: Deus sabe o que mais me convém. Tudo quanta acontece, é vontade de Deus. São os caminhos do Senhor.

* * *

Desta maneira, voltaram os amores. Os amores voltaram. Voltaram em consequência de tanta frustração, de tanta insatisfação, de tanta contrariedade, de tanta perseguição. Então, muito cautelosamente, às escondidas, clandestinamente, tomava-se de amizade com esta ou aquela mocinha. Com alguma, previamente prevenida contra qualquer pecado, graças às novas orientações sobre amor e sexo, mantinha intimidade, com abraços e beijos. Amizade e liberdade com as alunas internas do colégio de sua capelania, com descontentamento e protesto de algumas freiras. Como ele mudara ultimamente. *Quantum mutatus ab illo!*

Vai até que a bomba explode. O superior local, irritado com a aceitação do Pe. Paulo em paranimfar os formandos da escola, reclama contra seu comportamento com certas jovens. Reclama, sobretudo, contra a sua familiaridade com as alunas internas, com escândalo das religiosas, que apresentaram protesto ao superior.

Escreveu, então, humildemente, à superiora provincial:



<<Reconhecendo que não me encontro mais à altura de atender devidamente ao importante cargo de capelão, havendo mesmo solicitado várias vezes o meu afastamento, é com lágrimas nos olhos que faço esta comunicação, lembrando-me com infinita gratidão de tantas e tão amáveis atenções de que fui alvo por parte dessa querida e santa comunidade, das ótimas noviças, postulantes, juvenistas e internas, durante cinco anos de capelania.

Guardarei com a maior saudade, por toda a vida, a deliciosa lembrança dos momentos de paraíso que vivia todos os dias durante a santa missa, em meio aos eflúvios dos belíssimos cânticos e orações, que tanto me afervoravam. Lastimo sinceramente não possuir as virtudes e os dotes para continuar a celebrar nesse abençoado recanto do céu. Peço a todas as religiosas mil desculpas pelos desgostos e escândalos que realmente causei e dos quais justamente se queixavam as boas freirinhas.

Apesar de não possuir título, peço a todas as queridas Irmãs que, não por mérito, mas por piedade, rezem por mim, a fim de que possa me corrigir de meus graves defeitos e possa adquirir as virtudes que tanta falta me fazem; que eu possa me santificar na velhice, já que até agora fui tão pecador>>.

* * *



Durante seus 30 anos de intensa atividade no magistério e no ministério sacerdotal, o Pe. Paulo conquistou numerosas e belas amizades, notadamente no meio da mocidade. Em concursos estudantis, ele sempre obtinha o primeiro lugar entre os professores mais simpáticos, em que pese seu debilitado estado de saúde, que lhe atrapalhava o livre exercício da profissão.

Uma dezena de vezes foi escolhido para paraninfo de formaturas. Uma ocasião, deixou de comparecer como paraninfo de uma grande turma de alunas de outra cidade, porque naquele mesmo dia, à mesma hora, ele parainfava a turma do seu colégio. Limitou-se a enviar uma mensagem escrita, que foi lida por um representante.

O que ainda contribuía para atenuar seu drama afetivo, era a contínua correspondência com moças distantes, a maioria das quais não conhecia e jamais chegará a conhecer. A admiração e a correspondência nasciam da leitura de seus livros. Daí a volumosa correspondência. Montanhas de cartas. Vinham de quase todos os Estados do Brasil e algumas do estrangeiro. As mais belas e carinhosas foram de Belo Horizonte, que chegavam a ser verdadeiros jornais. Por isso, essas mineirinhas merecerão bela homenagem num de seus livros.

* * *

Os conflitos com os superiores e com alguns colegas deram de recrudescer após o Concílio Vaticano II, com as tentativas de renovação e atualização. Como sabemos, o Pe. Paulo sempre se batera pela reforma das estruturas religiosas e eclesiásticas, já obsoletas, pedindo reforma.



Ele não foi o primeiro a usar traje civil na congregação. Mas, em certas oportunidades, como em viagens, caçadas, pescarias, ele já saía à paisana. Acompanhando um dia à praia uma turma de estudantes, andava ele à vontade, sem o hábito religioso. Vestido assim à paisana, visitou um colega, vigário de uma paróquia das proximidades da praia. Visita rápida, cinco minutos. O colega, velho conservador impenitente, não perdeu tempo. Fez imediata denúncia ao superior provincial, o qual, por escrito, desembestou furioso contra aquela atitude do Pe. Paulo.

Outra ocasião, domingo à noite, retornando de uma pescaria, tomou banho e foi jantar sem batina. No dia seguinte, o superior local pergunta como ele se atreveu a celebrar se estava suspenso. Então ele não sabia da determinação provincial de que todo religioso sacerdote que andasse sem hábito estava ipso facto suspenso?

Depois, um velho colega inicia, gratuitamente, uma série de violentas cartas, sumamente descaridasas, sem que para tanto houvesse motivo algum, a não ser as ideias renovadoras do Pe. Paulo, sempre em consonância com as determinações do Concílio. Se visitasse uma comunidade vestindo à paisana, se em caminho topasse com colegas conservadores, ele era obrigado a ouvir os maiores desaforos.

Tantas noites de insônia, provocadas por estas absurdas perseguições, criaram no religioso o espírito de revolta. Tão indignado e revoltado andava, que, se os superiores continuassem a persegui-lo, ele assentara sair da congregação e passar para o clero diocesano, junto com o seu irmão, o Pe. Mário.

Felizmente, o capítulo provincial decidiu pela reforma total do quadro dos superiores. Com isso, muitos colegas que



antes o criticavam, acabaram eles mesmos por usar traje civil, adorando o que haviam incendiado.

* * *

O Pe. Paulo já não era novo. Seus superiores, assim locais como provinciais, eram ultimamente todos mais jovens do que ele. Apesar de pedidos insistentes de colegas esclarecidos junto ao provincial para que desse oportunidade a ele de mudar de cargo de simples professor para outro mais condizente e atuante na pastoral, ele só poderá ser transferido em virtude da cassação de um de seus registros de professor.

Para ele, com 40 anos de vida religiosa, nunca houve chance de tomar parte em capítulos provinciais, nem ser destacado para composição de algum conselho provincial. Nunca teve convite ou licença de participar de cursos de formação, de atualização. Era relegado como inútil ou, pelo menos, incapaz.

Para falar com sinceridade, ele achava que os superiores procediam acertadamente, se estivessem ao par do seu gravíssimo problema afetivo. E ele, por esta razão, julgava-se indigno de ocupar qualquer cargo de responsabilidade nos quadros do instituto.

Entretanto, andava louco de vontade de declarar aos superiores que eles poderiam recuperar certos religiosos, prestes a abandonar a congregação, dando-lhes oportunidade, um pouco de confiança, entregando-lhes algum cargo de responsabilidade, não para ele, o Pe. Paulo, mas para outros, que depois acabavam por deixar a vida religiosa.

* * *



O problema sentimental parecia não encontrar solução, provocando-lhe uma terrível inquietação e uma angústia sem fim. Vivia rezando para que Deus operasse outra vez o milagre de sua conversão. Milagre definitivo, para o resto da vida.

Rezando, apelava, sobretudo, para a oração do salmo 142, que traz o título de <<Sou teu amigo, Senhor>>. Oração que traduzia todo o seu lastimoso estado de espírito, todos os seus sentimentos, todos os seus anseios, todos os suspiros do seu coração dilacerado. O último grito desesperado de uma alma à beira do abismo. Grito lancinante, explosivo, frenético, implorando uma luz salvadora, que lhe abrisse caminho no meio daquela floresta infernal de trevas, rudemente açoitado por relâmpagos e trovões.

<<Ouve, Senhor, a minha prece!
Chegue aos teus ouvidos a minha súplica.
Porque és fiel e justo, responde-me.
Não me convoques para um julgamento,
pois, diante de ti, ninguém é justo.

Senhor, as pressões que me apertam de todos os lados,
quase arrasam a minha vida,
levando-me à beira da morte.
Lentamente meu ânimo se extingue,
deixando-me um vazio horrível.



Todo o passado volta agora à minha lembrança.
Fico a meditar nas tuas obras,
a pensar nas coisas que fizeste conosco.
Levanto as minhas mãos, Senhor,
como terra seca e desolada, eu anseio por ti.

É urgente, responde-me!
Minha resistência chegou ao fim...
Não te escondas por mais tempo,
sem a tua presença minha vida se acaba.

Faze-me descobrir teu amor fiel cada manhã,
eu confio em ti, Senhor.
Mostra-me o caminho que devo seguir,
é para ti que me leva o meu desejo.
Ajuda-me a vencer estas dificuldades.
Tu és o meu apoio.
Ensina-me a fazer o que te agrada,
Tu és o meu Deus!

Que teu espírito de bondade
me conduza por caminhos retos.
Por causa de teu Nome,
faze-me reviver, Senhor!
Por causa da tua justiça,
liberta-me desta angústia!
Por causa do teu amor fiel,
reduz ao silêncio os meus inimigos!

Dissipa a minha aflição;
sou teu amigo, Senhor!>>

* * *



Todos os dias ele orava com fervor, suplicando a Deus a sua conversão, a sua realização, a sua santificação. Pedia a Deus que o conduzisse por caminhos retos. Pedia com confiança, com fé, com a fé dos crentes, como a fé de D. Maria Aparecida Gomide e seu esposo, o cônsul Aloísio Dias Gomide, que por aqueles dias se encontrava sequestrado pelos Tupamaros, no Uruguai.

Vivia amando às escondidas, sofrendo terríveis remorsos de consciência, mas vivia fazendo o bem. Publicando hagiografias. Obtendo dos Santos, cuja vida escrevia e publicava, autênticos milagres de curas em favor de enfermos desenganados pelos médicos. Ele amava a Deus. Cumpria fielmente todas as suas obrigações, apesar do seu miserável estado de saúde.

Afinal ele achava que podia merecer a graça de uma nova conversão, a graça de conquistar a tranquilidade de consciência, do sossego do seu espírito. O milagre, no entanto, não ocorria. Pedia a muitas pessoas que rezassem pela sua conversão. Que Deus tivesse pena dele: Dissipa a minha aflição. Senhor!

Passava noites de insônia excogitando meios de recuperação. Não era fácil! A solução seria outro milagre como aquele que lhe aconteceu no hospital, o milagre da sua conversão. Outro meio, do qual muito se falava na época, seria a abolição do celibato. Se um dia os padres pudessem casar, o Pe. Paulo pediria a Deus a coragem heroica de praticar o imenso sacrifício de deixar a vida religiosa, a congregação, e passar para o clero secular, e, lá longe, no norte do País, ignorado dos amigos e conhecidos, resolver seu problema afetivo, trabalhar no apostolado do bem e morrer na graça de Deus.

Por vezes, um raio de luz penetrava na sua mente, encorajando-o. Afinal, será mesmo que a Igreja não poderia libertar-me deste miserável estado, deste inferno? Libertar-me



a mim e a outros padres que decerto vivem o mesmo drama? Afinal, Nossa Senhora não era casada? Não vivia em família, amando o seu esposo? E Nosso Senhor não viveu quase sempre em família? Então será pecado imitar Nossa Senhora e São José?

Estudando a questão da castidade, observava que a Bíblia não é assim tão rigorosa como a Igreja. Até mesmo o sexto mandamento traz no Decálogo versão bem diferente. A Bíblia não diz, como me ensinaram: não pecar contra a castidade. Diz textualmente: Não cometerás adultério. É outra coisa. Eu sempre confessei: Acuso-me dos pecados da vida passada, especialmente dos que cometi contra o sexto mandamento. Mas eu nunca cometi adultério e nunca desejei a mulher do próximo. Nunca tive amizade com mulher casada. Nunca. Eu sou virgem. Nunca desejei a genitalidade, a satisfação sexual. Desejo apenas a liberdade de amar e ser amado. A liberdade acerca de afeto e carinho, porque, em virtude de minha imaturidade, eu sou como uma criança.

Observando que Deus sempre o protegia em suas aventuras amorosas, perguntava a si mesmo se ele não fora iludido pela escola, que sempre lhe ensinara que amar é pecado, que sexo é pecado, que o padre deve ser um anjo, como se não tivesse corpo nem sexo. Se amando eu procedesse mal, Deus me castigaria. E acontece exatamente o contrário: Ele sempre me defende. Eu tinha tantas ocasiões de escândalo, eu devia permanecer trancado num convento desde o primeiro ano de vida pastoral. Entretanto, ao cabo de trinta anos de sacerdócio, os superiores relutariam em permitir meu desligamento do instituto, porque não me julgam tão mau, porque me julgam até elemento de valor que não desejariam perder...

* * *



Em março de 1970, por causa da cassação, o Pe. Paulo foi transferido para uma grande cidade, onde, além de continuar a exercer o magistério como funcionário do Estado, auxiliava na redação do jornal da congregação, fazendo reportagens sobre os municípios dos três Estados sulinos.

Desapegar-se de repente de um lugar onde vivera quase 20 anos, não é coisa fácil para o seu coração sensibilíssimo e amoroso. Quanto ele não sofreu! Quantas lágrimas não derramou! Faltou-lhe ânimo para despedir-se de tantas pessoas amigas. Renunciou até a um banquete que a comunidade local lhe havia programado por ocasião de sua despedida.

Doía-lhe ainda deixar uma terra, onde no esporte da caça e da pesca, ele costumava descarregar sua tensão nervosa, acumulada durante a longa prisão da secretaria da escola e o martírio das aulas.

Agora, na grande cidade, totalmente desconhecido, vivia órfão de amizade. Quase todos conheciam seus livros, mas não conheciam a ele, o seu autor. Se porventura alguém o apresentava, vinham logo exclamações e abraços: Muito prazer, Pe. Paulo! Eu li seus livros. Adorei!

Os seus amigos, os seus campos, as suas granjas, a bela paisagem pastoril, com todos os seus irresistíveis encantos, com a lírica poesia dos pinheiros, tudo ficará tão longe! Uma saudade infinita, que por vezes lhe provocava copioso pranto.

Todavia, a grande cidade, o novo campo de trabalho, ofereciam-lhe bela vantagem. Seu amor aos livros, às letras, encontrava aqui ambiente propício. Ser redator de um jornal, sempre fora um dos seus sonhos atordoantes. Vivia então



naquele reino encantado, numa tipografia, numa editora, numa livraria. Publicou logo três livros, um de sua autoria e dois de pessoas amigas. Estas, graças ao Pe. Paulo, conseguiram estreitar nas letras. Estas e, mais tarde, uma dezena de outras, nunca teriam encontrado o caminho régio de sua vocação artística, sem a interferência decisiva dele.

Não resta dúvida, o passe fora dado. No entanto, a luta prossegue renhida. Existe ainda muita barreira a derrubar. Não era fácil editar um livro sem dispor de meios. Tudo tão dispendioso, tão caro! Até os impressos de propaganda ele devia pagar. Ele precisava de maior apoio dos superiores. Carecia deste apoio para realizar plenamente seu grande sonho. Os superiores, agora muito compreensivos e amigos, não pareciam, contudo, entusiasmados com o ideal do Pe. Paulo. Ele esperava algo mais.

Enfim, teve oportunidade de publicar em capítulos, no jornal, um de seus livros, que, por isso, se tornou popularíssimo. Viajando pelo interior a serviço do jornal, divulgava facilmente esses livros, que encontravam franco acolhimento. Uma procura notável em ambiente tão avesso à leitura. Quantos livros ele tivesse consigo, tantos ele colocava logo no primeiro município. Infelizmente, viajando sempre de ônibus, o volume que podia transportar era pequeno. Dispusesse de uma condução, movimentar-se-ia rapidamente, desimpedidamente, e visitaria numerosas localidades, transportando maior quantidade de livros. Daria um jeito de aprender a dirigir o carro. Sim, daria agora, ele garantia.

Durante as férias, livre do compromisso das aulas, correu os três Estados do Sul do Brasil, sempre fazendo cobertura jornalística. Saía de casa levando quantos livros pudesse. Estes encontravam fácil colocação logo na primeira cidade. Tivesse milhares de volumes, milhares ele colocaria sem esforço.



A condução deu de preocupá-lo seriamente. Afinal, seus colegas todos dispunham de condução. Se ele adquirisse um veículo com o fruto da venda de seus livros, sem despesa alguma para a congregação, os superiores, agora bem compreensivos, certamente não se oporiam. Deveriam até apoiar a ideia, pois tratava-se de um autêntico apostolado: colocar nas mãos do povo ótimos livros, de leitura altamente edificante, fascinante e construtiva.

* * *

Principiou então a fazer economias, juntar dinheiro, a fim de adquirir um carrinho de segunda mão. Viu logo, porém, a inviabilidade. O fruto da venda dos poucos livros que levava mal chegava para cobrir as despesas de viagem e do trabalho de reportagem, assaz dispendioso. É verdade que as despesas deviam correr por conta do jornal; mas ele, muito preocupado em não dar despesas à congregação, nada pedia aos superiores. Nunca pediu um cruzeiro. Nem a comissão a que tinha direito com a cobrança das assinaturas. Era um bobo. Ele dava tudo e nada exigia em troca. Nada. Nunca tomou um táxi nas viagens, andando sempre a pé, longas distâncias, vergado sob o peso das malas, à chuva e ao sol. Chegava a dispensar refeições, contentando-se apenas com um lanche. Um dia, para não gastar três cruzeiros, alimentou-se mal, ficando doente por 15 dias.

Não era fácil juntar dinheiro suficiente para adquirir um carro. Mas ele precisava de condução, para exercer plenamente o seu apostolado, para poder difundir fartamente seus livros. Pensou ingenuamente em loteria. Pediria a graça de ser premiado na loteria. Pediria a uma santinha milagrosa que sempre o socorria e da qual escrevera e publicara a linda história, com sucessivas edições. Comprou dois décimos da loteria do Estado do Rio Grande do Sul. Foi à casa da santinha. Entrou no quarto que fora dela. E lá pediu, pediu com toda a



confiança, a graça de ser premiado e poder assim resolver o grave problema da condução e do apostolado da boa imprensa.

Viajou durante 15 dias convencido de haver sido premiado. Que grande ingenuidade! Ia fazendo seus planos. Compraria logo um carrinho, não de segunda mão, mas um fusca zero km. Emplacaria em nome da congregação. Mandaria pintar um letreiro com o nome do jornal e logo abaixo a palavra reportagens. Chegaria em casa. Apresentaria aos superiores, na certeza de que eles lhe autorizariam o uso do veículo.

Infelizmente, ao retornar ao Estado, verificou que o bilhete estava branco. Inteiramente branco. Tragicamente branco. É verdade, o bilhete estava branco, mas o carro estava garantido. Ele será dono de um carro, sim senhores. Carro emplacado em seu nome, sem compromisso algum com o jornal e a congregação. É o que veremos.

* * *



Os anseios do coração do Pe. Paulo continuavam indomáveis, incontrolláveis. Por falta de afeto, o seu alimento indispensável, ele sofreu horrivelmente. Nas últimas férias, numa casa de praia da congregação, ela via moças acarinhando seus colegas com toda a simplicidade, sem maldade alguma de parte a parte. Ele não tinha aqueles carinhos, aquelas demonstrações afetivas. Uma tortura incrível, ululante, arrasadora. Um martírio cruel que o devorava, que o derrubava. E, ao mesmo tempo, uma grande inveja da maturidade afetiva e sexual dos colegas. Não pode aguentar. Tratou imediatamente de sair daquela casa.

Traçara plano de, nas férias, atenuar um pouco o sofrimento do coração com alguma aventura. Sonhara mesmo sair a passear com duas amiguinhas. Mas seus planos de férias fracassaram. O serviço do jornal absorveu-lhe todas as horas, não lhe permitindo mesmo passar, como desejava, uns dias numa estação de águas termais, para tratamento de saúde. Faltou-lhe tempo e, sobretudo, dinheiro.

Percorreu dezenas de municípios e dioceses, mantendo contato com bispos, sacerdotes, freiras, superiores provinciais. Hospedou-se em palácios episcopais. Estreitou novos e fortes laços de amizade. Uma epopeia! Um deslumbramento! Quantos públicos elogios ele não recebeu de bispos, de autoridades civis, de párocos, de superiores de congregações religiosas! Tudo para animá-lo a prosseguir trabalhando na sua missão, no seu apostolado da boa imprensa, do jornal, do livro. O púlpito, as estações de rádio, tudo era colocado à sua disposição, para divulgação do seu jornal e de seus livros.

* * *



Nestes contatos com o clero e religiosos, o Pe. Paulo tomou conhecimento de numerosas desistências de sacerdotes que solicitaram laicização para abraçar o estado matrimonial. Fez mesmo, a convite, cobertura jornalística da tomada de posse de um pároco, que ia substituir um vigário desistente, que, por sua vez, substituíra naquela paróquia a outro que abandonara o sacerdócio pela vida conjugal, imitando o exemplo do seu antecessor. Laicização de três párocos religiosos da mesma freguesia.

Visitando, em companhia do bispo, outra paróquia, o Pe. Paulo escutava as queixas dos fiéis contra a decisão do prelado em substituir um sacerdote que tanto bem vinha realizando naquela comunidade. O bispo, ciente destas fofocas, esclarece: Olhe, Pe. Paulo, o que está acontecendo aqui. Este padre vai sair daqui para casar. Para casar. O povo não sabe disso. E então vai dizendo que sou eu o responsável de sua saída.

Nestas e em outras oportunidades, ouvindo notícias de casamento de sacerdotes, o Pe. Paulo dizia consigo: Isto nunca acontecerá comigo. Eu nunca abandonarei minha vocação. Deus me livre! Seria obra do demônio... Não raro, pessoas amigas, cientes dos seus conflitos sentimentais, aconselhavam: Pe. Paulo, o senhor deve casar. Ele se enfurecia e respondia asperamente: Está louco? Nunca!

- Por que não, Pe. Paulo?

- Ora, sou muito velho - desculpava-se. - Onde se viu? Mais de 50 anos.

- Oh, Pe. Paulo, nunca é tarde para amar.

Um dia, professoras, suas colegas, brincando, disseram: Pe. Paulo, deixe ver se o senhor não nasceu para o casamento. Isto a gente conhece pela palma da mão. Sabia? Aí uma



professora pegou-lhe a mão direita, examinou os traços e disse:

- Olhe aqui. Certinho. O senhor nasceu para o casamento. Está aqui.

- Mentira! - respondeu ele, indignado.

Ao dar autógrafos em seus livros, às vezes hesitava se devia escrever Padre Paulo ou só Paulo. Hesitava pensando que talvez um dia poderia deixar de ser padre. Respondia logo, sem refletir: É padre mesmo. Eu nunca deixarei de sê-lo.

Pensando na grande organização do instituto a que pertencia, comentava: Como é que a gente pode deixar tudo isso? Eu sou dona de uma potência econômica. Isto tudo me pertence. Sou membro de uma congregação religiosa que é um legítimo orgulho da Igreja e da Pátria. Nunca, por nada deste mundo, poderia cometer a loucura de sair.

* * *



Durante toda a sua viagem de férias, a serviço do jornal, uma absorvente preocupação o torturava atrozmente: chegar depressa a uma cidade, a cidade onde residira durante cerca de 20 anos. Para quê? Para encontrar-se com a Luciana, a única amiguinha com quem ainda mantinha intimidade, com beijos e abraços. Ele não podia deixar de se encontrar com ela de vez em quando. A Luciana nunca o decepcionava, nunca lhe recusava uma manifestação de afeto, um carinho, uma prova de amor. Agora, depois de longa ausência, se ela lhe recusasse um beijo, seria o fim do mundo para ele.

Viajou toda a manhã, sempre com o pensamento no encontro, no dia seguinte. De tarde, em meia hora, na Prefeitura Municipal, colheu todos os elementos necessários à reportagem sobre aquele município. Conseguiu as fotos. E seguiu para outra cidade. Chegou ao entardecer. Ainda pode adquirir as fotos. Foi depois à casa provincial de uma congregação de religiosas, que se encontravam em retiro, pregado pelo próprio bispo diocesano. Entrevistou-o. Jantou com a comunidade. A seguir, no carro do prelado, dirigido por uma freira, foi ao Seminário. Daí à repartição da Estatística, colhendo todos os elementos para a reportagem. Pernoitou em lindo apartamento que as freiras lhe ofereceram. Tão atenciosas aquelas religiosas!

No dia seguinte, partiu cedo. Em caminho, passando por uma cidade que há tempo tencionava visitar para uma reportagem importante, sentiu vontade doida de parar e adiar o regresso. Refletiu mesmo: Era só o que faltava. Agora que estou aqui, não posso perder esta bela oportunidade. Contudo, uma força misteriosa, indomável, impeliu-o irresistivelmente a prosseguir viagem. No dia seguinte, ele deveria encontrar-



se com a Luciana. Se não fosse nesse dia, fracassaria todo um imenso plano misterioso e providencial.

Chegou ao cair da tarde e foi imediatamente em busca da moça. Mas viveu então uma das maiores decepções. Luciana parecia outra pessoa, inteiramente insensível aos seus dramáticos apelos, fazendo-lhe sangrar o coração. No dia seguinte, novas tentativas frustradas. Queria voltar para casa no mesmo dia, mas adiou a viagem. Não era possível viajar sem um abraço, sem um carinho da Luciana.

Entrementes, surgiram duas caronas para viajar. Se encontrasse condução grátis, ele renunciaria ao carinho, faria um supremo sacrifício a fim de poupar o dinheiro da passagem de ônibus. Pois as duas conduções seguiram, apesar dos esforços ingentes para consegui-las. Uma era de um velho amigo. Ele passou de carro a poucos metros de distância, sem que o Pe. Paulo se desse conta. Ainda pediu a um colega que o levasse de carro a procura do amigo. Foi a todas as casas onde ele poderia estar a serviço de sua profissão de engenheiro civil. Nada. Havia desaparecido misteriosamente.

Passou o dia inteiro numa luta titânica para obter da Luciana a tão suspirada demonstração afetiva. Dizia-lhe chorando: Minha filha, tenha pena de mim. Só um abraço. Eu vim de tão longe somente para te abraçar. Deixei um serviço urgente para estar aqui hoje. Tenha dó. Eu morro de saudade.

Tanto sofreu e revoltou-se, que pensou em se vingar. Pensou em sair à noite e visitar alguma família amiga, na qual houvesse uma jovem com quem conversar. E assim, na conversa amiga, carinhosa, acalmar um pouco a sua louca sede de amor.

Tratou antes de queimar o último cartucho. À noite, depois do jantar, foi mais uma vez a procura da Luciana. Em vão. Sempre irreduzível, indomável. Está bem - disse ele - você



não quer me dar um abraço. Então eu agora vou me vingar. Eu vou sair. Vou paquerar, está legal?

* * *

Acontece que logo após a sua chegada, o Pe. Paulo fora ao hospital, o hospital da Ir. Vera Lúcia, o hospital da sua conversão. Deparou-se logo com Sandra, uma jovem funcionária que se encontrava com sua amiga, a D. Marlene, uma enfermeira, viúva, ainda jovem e linda, olhos azuis.

Sandra era a favor da abolição do celibato do clero. Dois padres, seus antigos mestres, da mesma comunidade do Pe. Paulo, haviam obtido autorização para deixar a vida religiosa e sacerdotal, abraçando a vida conjugal. Sabendo do problema sentimental e dos amores do Pe. Paulo, Sandra, volta e meia, aconselhava D. Marlene a casar com ele. Tudo à revelia do padre.

Um dia, estando junto com D. Marlene, Sandra perguntou ao Pe. Paulo, caso a Igreja autorizasse o casamento dos padres, ele resolveria casar. O religioso, para contentá-la, mentiu que seria capaz. Pois bem. Agora ao revê-lo, depois de demorada ausência, disse a moça:

- É, Pe. Paulo, o senhor viaja muito. Decerto anda paquerando.

- É verdade - responde ele. - Vocês nem imaginam os abraços que recebi em Chapecó de duas garotas que eu nem conhecia. Leram meus livros e andavam louquinhas por me conhecer.

- Ah, Pe. Paulo - acrescentou Sandra - esses seus livros, esses seus livros! Mas o senhor deve dar um jeito na vida, ouviu?

- Está bem! Qualquer dia eu dou um jeito - disse brincando.



O Pe. Paulo nada sabia e nem suspeitava que Sandra houvesse alguma vez falado com D. Marlene acerca do casamento de ambos. Mas, encontrando-se ao depois o padre a sós com D. Marlene, brincando, sem sombra de sinceridade, misteriosamente, declarou-lhe:

- Pois é, D. Marlene, qualquer dia eu vou casar coma senhora.

- Isso. Vamos! Vamos casar, Pe. Paulo! – respondeu ela com vibração, demonstrando enorme alegria.

Coitada! - pensou - ela julga que estou falando sério.

* * *



Desiludido de obter um abraço da Luciana, o Pe. Paulo, a fim de apagar um pouco o incêndio que o devorava, excogitou, pois, modalidade de resolver o caso visitando à noite uma família amiga. Pensou em várias famílias. Por fim, lembrou-se de D. Marlene, a qual, naquela tarde, lindamente trajada, havia posado para a objetiva fotográfica dele.

Dirigiu-se ao hospital, onde ela trabalhava como enfermeira, e topou logo com ela como de encomenda. Parecia mesmo que o estivesse esperando.

- D. Marlene, hoje de noite vou fazer-lhe uma visita.
- Isso, Pe. Paulo, venha, venha!
- Se não chover.
- Não, não vai chover. Venha que fico esperando.

Seria a segunda vez que D. Marlene receberia a visita do Pe. Paulo, tendo sido a primeira há cerca de um ano. Visita rápida, três minutos. Depois do jantar, o Pe. Paulo agarrou um brinquedo, um quebra-cabeça, com o qual pretendia entreter as pessoas em casa da enfermeira. Saiu. Deu umas voltas pela cidade. Por fim, dirigiu-se à casa da viúva. Era noite. Bateu. Ela mesma abriu a porta.

O padre entrou. Ela mandou sentar no sofá, enquanto fechava a porta à chave. Não vendo mais ninguém na linda casinha de alvenaria, perguntou ele:

- A senhora está sozinha?
- Solita - respondeu alegre. - A Dariva, a empregada, foi



à casa da vizinha, que está de aniversário. Ela não podia deixar de ir, pois já tinha comprado o presente. Mas ela volta logo. Ela sabe que o senhor vinha.

O padre exultou. Andava ansioso por encontrar uma alma generosa que lhe desse um carinho. Passara aqueles dois dias sofrendo como um selvagem. Pagaria milhões. Entretanto, nem lhe passou pela mente que poderia agora topar milagrosamente com esse momento do céu. Ele, por nada deste mundo, ousaria tomar a iniciativa com uma pessoa com quem nunca tivera uma só brincadeira amorosa.

Mas D. Marlene parecia adivinhar a tortura cruel que martirizava o coração da honrosa visita. Chegou-se logo a ele. Sentou ao lado, no sofá. Passou a mão direita pelo ombro dele. E, sem mais preâmbulos, surpreendentemente, falou:

- Então vamos? Vamos casar?

O Pe. Paulo caiu das nuvens. Ele tinha dito uma vez que casaria com ela, mas disse por brincadeira. Simples brincadeira, sem a menor malícia, sem a mínima intenção. Ficou atordoado, bobo. Estava doente, abatido, esgotado, muito fraco, com o fígado em cacos por causa daquela refeição vagabunda que fez para não gastar. Naquela imensa fraqueza, não era fácil para ele reagir. Ele nunca tinha palavra para dizer não. Não era dono de sua vontade. Ele só sabia obedecer, fazer a vontade dos outros. Como poderia ele contrariar aquela adorável criatura, da qual nunca sonhará pudesse receber um carinho, e agora era toda ternura e amor?

Diante do seu silêncio e da sua confusão, D. Marlene deu-lhe um forte abraço e um beijo furtivo e tímido, dizendo:

- Então vamos,

- D. Marlene!



- Não é dona. É só Marlene.
- Só se vier licença para os padres casarem.
- E se não vier, o senhor desista. Desista!

Sempre mais confuso, tentando uma evasiva para não desgostar a quem o tornava tão feliz, o padre objetou:

- Mas eu sou muito velho, Marlene.
- E o que tem? O Eduardo era mais velho. E eu não tenho 47 anos?
- Mas eu sou doente.
- E daí? Eu não sou enfermeira? O Eduardo era mais doente. Eu cuidei dele muito bem. E ninguém vai cuidar de você melhor do que eu!

Não se descreve o desbarato do Pe. Paulo, ali sentado no sofá, recebendo aquela ternura, ele, que apesar de seus amores, nunca tivera uma só proposta de casamento. Era a derrota total. A gigantesca força de Sansão não poderia dobrar aquela frágil Dalila.

Ela, mostrando com a mão o interior da linda casa, diz: Eu tenho tudo. Você tem o seu emprego. Não falta nada para nós.

Um vulcão, a cabeça do Pe. Paulo naquele momento. Mas como pode acontecer isto? - perguntava a si mesmo. Ela tinha tantos pretendentes. Além disso, ela sabia que eu me tinha convertido. Como pode agora fazer-me tamanha proposta?

D. Marlene deu-lhe mais um beijo e levantou-se para servir um doce. Comeram o doce, e logo roncou um carro lá fora.



- Tem gente - falou. Levantou-se. Fez girar a chave, e logo bateram na porta. Era o Alfredo, um amigo do Pe. Paulo. Abraçaram-se. Sentaram, entrando logo a falar de suas viagens, e o amigo de seus negócios, de sua granja, da sua serraria.

Daí a pouco chega também a Dariva. Por fim, o padre puxa do seu quebra-cabeça. Eram cinco pedaços de papelão, com os quais devia-se formar um quadrado. O Alfredo tentou longamente, sem conseguir acertar. O Pe. Paulo ajudou e o visitante completou. D. Marlene gostou e quis tirar o modelo daquele interessante brinquedo. Pediu à empregada que lhe trouxesse papelão e tesoura. Visto como não encontrava papelão, disse o padre: Não é preciso papelão. Pode ser papel mesmo, uma folha de caderno.

A Dariva trouxe um caderno. D. Marlene quis arrancar a capa.

- Não rasgue a capa - pediu o padre. - Dê aqui o caderno para mim.

- Ele tem umas anotações - esclareceu a dona da casa. - Não faz mal.

O Pe. Paulo, pegando o caderno, leu umas anotações e viu que se tratava das regras de trânsito. D. Marlene continuou:

- É que estou aprendendo a dirigir, e o Alfredo vem aqui me ensinar. Eu vou comprar um fusca, sabia?

- Neste caso, eu vou deixar vocês aqui para estudar.

- Não vá, padre. É cedo ainda. Fique mais um pouco.

- Não. Já é tarde. Eu vou.

- Amanhã venha almoçar aqui, Pe. Paulo.



- Obrigado, D. Marlene. Fica para outra vez. Amanhã de manhã cedo vou para casa.

E saiu. Saiu num estado de louca euforia. Um bem-estar sem fim. Inexplicável. Misterioso. A cabeça entrou a fervilhar lhe num tropel de pensamentos surpreendentes, estranhos.

* * *

Uma inexplicável sensação de alegria e felicidade principiou a tomar conta do religioso. Aquela noite, pouco dormiu. Dormiu pouco, mas sentiu-se bem, muito contente, muito feliz. No dia seguinte, durante a viagem, completando as considerações da noite, veio recordando tudo quanto havia acontecido naqueles dias.

Refletia, de modo particular, sobre o fato da Luciana, tão renitente aos seus apelos nos dois dias anteriores, e agora, entretanto, mostrava-se disposta ao carinho, a um abraço. E ele, em pensamento: Agora chega, minha filha. Quem não quis foi você. Agora, fim. Eu tenho outro amor. Um amor que Deus me deu.

Ao despedir-se, a Luciana olhou para ele com ar de arrependimento, com muito medo de que ele a reprovasse com olhar severo ou senho carregado. Nada. O padre apenas sorriu, mostrando que não estava descontente. Afinal, ela, com sua atitude insólita, com sua inexplicável resistência, fora um instrumento providencial a pôr fim a toda uma longa vida de sofrimento e tragédia.

Agora o Pe. Paulo encontrava explicação de todos os misteriosos acontecimentos anteriores; a pressa em chegar em casa naquele dia, a teimosia da Luciana, o desencontro das caronas, a conversa com D. Marlene e Sandra... Tudo, tudo fazia parte de um plano maravilhoso, encaprichadamente urdido,



para encaminhar o sacerdote a uma solução cuja iniciativa ele nunca tomaria.

Nunca, nunca, ele teria imaginado que Deus o obrigasse a tomar tal resolução. Então a solução de sua crise sentimental e de apostolado seria obra do céu? A ele faltava a coragem de dar o pulo. Era necessário que Deus o empurrasse. Que Deus o obrigasse a tomar a histórica decisão.

* * *

Entre os grandes obstáculos que se erguiam à sua frente neste sentido, avultava o problema financeiro. Impossível enfrentar sozinho, fora da congregação, a vida no mundo. Ele não dispunha de bens. Fizera voto de pobreza. Renunciara a tudo, mesmo à herança. Na congregação ele não era dono de coisa alguma. Mesmo o que recebia dos parentes e amigos, tudo era entregue à comunidade religiosa a que pertencia. No dia de suas bodas sacerdotais, ganhara, como se expressou no discurso de agradecimento, uma jamanta de presentes. Tudo foi entregue ao superior. O pouco que lucrava com seus livros destinava-se a novas edições e a saldar compromissos decorrentes do seu apostolado da imprensa. Mendigar ajuda dos irmãos ou da congregação, era tarefa que ele nunca faria.

Pois é, ele não dispunha de meios para enfrentar a vida matrimonial, adquirir propriedade ou alugar casa. Comprar enxoval, os móveis... Sustentar a esposa. Impossível. Agora, com D. Marlene, sem filhos, com boa casa de alvenaria, automóvel, dinheiro a juro, tudo ficava solucionado de modo maravilhoso, como por artes de magia, como num lindo sonho de fadas e príncipes encantados.

Mais. Se a escolha da futura esposa dependesse dele, não resta dúvida de que elegeria uma jovem, como Luciana, com a qual, pela disparidade dos anos, certamente enfrentaria graves



problemas. Este sério risco não mais o preocupará. Apesar de sua jovem e bela aparência, Marlene contava 47 anos.

* * *

Parecia-lhe inadmissível que toda a sua longa existência de 40 anos de inferno, com exceção dos poucos vividos após a sua conversão, chegasse ao seu final de forma tão surpreendente e maravilhosa, solucionando definitivamente seu problema afetivo e libertando-o inteiramente para a sua autêntica vocação do apostolado da pena, da imprensa, do livro.

O trabalho magnífico de sua transformação começa agora. Transformação total no seu modo de pensar. O que ele julgava feia obra do demônio, era, pelo contrário, verdadeiro milagre do Senhor. Agora ele achava celestial e divino o que lhe parecia diabólico e infernal. Bem que ele dizia de um colega muito inteligente, ora no estado conjugal: Ele é capaz de andar acertado, sabe? Não devo condená-lo. Um dia poderá ocorrer o mesmo comigo.

Toda essa inexplicável transformação instantânea, da noite para o dia, do seu modo de pensar, só podia ser obra do Senhor. Como pode acontecer isso comigo? Eu que achava crime deixar tantos colegas, deixar o instituto onde nada me faltava, onde eu era riquíssimo, sócio de uma poderosa organização. Agora, agora, nada mais me importa. Pelo contrário, sinto-me feliz, imensamente feliz em sair, viver a realidade que me fora deturpada. Viver tudo o que é verdadeiro, tudo que é santo, tudo que me reconcilia com o amor, dando-me asas para viver, libertando-me de mil grilhões.

Cavar a vida sozinho, fazer o meu apostolado, auxiliado por uma companheira que Deus escolheu para mim, sem que eu nada fizesse para tanto. Estou na mão do Senhor. Nada posso temer. A escolha não foi minha. A iniciativa não partiu de mim.



Tudo, tudo é obra do Senhor. Estou plenamente convencido de que ando no bom caminho, nos caminhos do Senhor.

Que teu espírito de bondade
me conduza, por caminhos retos.

É um sossego. Uma tranquilidade! Passei 30 anos amando clandestinamente, em contínuo sobressalto. Trinta anos ferozmente atormentado pelo remorso. Quarenta anos de cruel prisão. Quarenta anos correndo no encalço da ilusão, da quimera. Quarenta anos em busca do amor e da felicidade. Agora é o próprio Nosso Senhor, nos seus admiráveis caminhos de mistério, que me liberta e me dá plena autorização, a mais autêntica autorização, para amar e ser amado. A liberdade de realizar-me e ser feliz.

* * *



O Pe. Paulo, que nunca ousava falar destas desistências aos colegas, superiores e amigos, sentia agora uma vontade louca de chegar ao provincial, abrir seu coração e narrar tudo com a maior simplicidade, confiadamente. A todas as pessoas amigas, ele desejava ansiosamente contar a sua grande felicidade.

Tão feliz e tão consciente ele estava de que tudo era obra de Deus, que, pairando alguma dúvida quanto ao apoio de pessoas da família e da congregação, chorava desesperadamente, declarando que seria capaz de cometer uma loucura, se não autorizassem o seu desligamento, a laicização.

O primeiro pensamento que lhe ocorreu, no início de todo este drama, foi o seguinte: Se for realmente vontade de Deus, deverei encontrar apoio nos meus irmãos e, sobretudo, no meu pai, o meu venerando, esclarecido e virtuoso pai. Que meus irmãos, que meus colegas, meus amigos e também os inimigos, não se escandalizem e não me condenem.

Por causa do teu amor fiel,
reduz ao silêncio os meus inimigos!

Foi imediatamente falar com os irmãos. Foi bastante confiadamente, apenas com certa dúvida e receio com relação a uma ou outra de suas irmãs. Pasmante! Notável! Todos os irmãos e cunhados vibraram com a ideia, achando que ele andava muito acertado, pois estavam ao par do seu problema sentimental. Os sobrinhos, os sobrinhos fizeram mais: felicitaram o tio pela extraordinária ideia, declarando: Tio, o que é que o senhor faz como padre agora? Só reza a missa. Confissões já não há, mais.

A seguir, com muita cautela, havendo preparado o



caminho, conversou longamente com o pai. Ele, a princípio, achou graça, mas respondeu: Eu acho que está certo. Eu não sou contra. Acho até que a Igreja deve autorizar o casamento dos padres, quando eles optarem. Eu sempre achei que você e o Pe. Mário podem casar. Agora, eu sempre rezo para que vocês nunca deixem de celebrar a missa.

Depois, como pessoa de negócios, de larga experiência, providente, o pai indagou a respeito da futura companheira, a respeito da situação financeira dela. Citou o caso de um padre que contraiu matrimônio e que morreu abandonado, num rancho miserável. O Pe. Paulo descreveu-lhe a situação de D. Marlene.

- Ela é viúva, mas não tem filhos? - indagou.

- Não tem, pai.

- Pois então, vá com Deus, meu filho. Terá a bênção de Deus e a minha também.

* * *

Até aqui o Pe. Paulo não falara aos superiores e nem aos colegas. Foi aos poucos expondo o caso aos de mais confiança e compreensão. Todos, após ouvir a exposição dos fatos, davam seu integral apoio. A um deles, o mais esclarecido, referiu a vontade do pai, de que ele devia continuar celebrando.

- Mas o senhor pode continuar celebrando tranquilamente. O senhor é sacerdote para toda a eternidade. Apenas não poderá fazê-lo em público, porque a Igreja por enquanto não permite.

Ele, sempre muito piedoso, nunca deixava de celebrar a missa. Só mesmo em caso de absoluta impossibilidade. Lamentaria não o poder mais. E refletia: Afinal, eu sou sacerdote. Agora vou viver mais facilmente na graça de Deus.



Vou deixar de ser pecador. Então não posso oferecer a Deus a santa missa, que é a melhor das orações? Então será pecado rezar? Antigamente celebrava-se a Eucaristia nos subterrâneos das catacumbas. E por que agora não podemos celebrar em casa particular, num apartamento?

E o esclarecido colega observava: Mas, Pe. Paulo, é uma pena! O senhor é muito bem conceituado na congregação. Nós perderemos um elemento de valor. Veja bem, Pe. Paulo. Tenha calma. Pode ser que surja outro caminho.

- Olhe, padre - respondeu - eu venho há tanto tempo rezando pela minha conversão. Eu só poderia desistir, caso Deus operasse outro milagre, como aconteceu há cerca de dez anos com a Ir. Vera Lúcia. A iniciativa não foi minha. Estou na mão do Senhor, por isso, contente e feliz.

* * *



O Pe. Paulo, ultimamente, jazia literalmente prostrado, num esgotamento total, numa incrível debilidade. Há anos vinha sofrendo do estômago, do fígado, dos intestinos, dos rins. Vivia numa contínua e rigorosa dieta. Esta enorme fraqueza não lhe permitia agora enfrentar a nova situação com equilíbrio emocional, ele, sempre pronto a derramar lágrimas, diante do menor acontecimento.

Agora ele devia chorar de alegria, principalmente. O fato é que as lágrimas entraram a correr outra vez. Relutava terrivelmente para conter o pranto durante a celebração da missa. Mal se ocultava à vista dos fiéis, rompia a chorar copiosamente. A chorar fazia toda a ação de graças. Tomava café no público refeitório com os olhos rasos d'água. Todos os colegas notavam aquele pranto.

A maioria deles nada sabia. Ele procurava descobrir meio de expor a sua resolução à comunidade religiosa. Desconfiando de que certamente seria reprovado por alguns, falaria assim: <<Vejam o que acontece: Eu sempre rezei todos os dias da vida pela perseverança na minha vocação. Todos os dias pedia a Deus a morte antes de cometer o pecado de impureza, um pecado mortal. Centenas de pessoas, de santas almas, rezam pela minha santificação. Pedi isto em Lisieux a duas irmãs de Santa Teresinha. Pedi em Coimbra à Irmã Lúcia de Fátima. Pedi a duas videntes. Pedi em Lourdes, em Loreto, em Pompéia, no Vaticano, em Fátima. Uma jovem professora de São Paulo chegou a oferecer sua vida pela minha santificação. Eu rezo todos os dias para ser santo. E agora parece que estou ficando um demônio... Escrevi e popularizei a biografia de santos poderosos. E como é que agora permitem que eu seja um demônio?>> E derretia-



se em lágrimas com estes pensamentos. Se falava com alguém, expondo o acontecimento, fazia-o derramando lágrimas.

* * *

Não podia esquecer, entre outras graças, a soleníssima celebração de suas bodas sacerdotais, tão grandiosa, tão carinhosa, em várias cidades, que ele se perguntava por qual título ou por qual objetivo Deus o abençoava tão calorosamente.

No dia exato de seus 25 anos de sacerdócio, ocorreu na cidade a reunião do clero, presidida pelo senhor bispo. Houve almoço para todos os padres da diocese no colégio do Pe. Paulo, para celebrar o seu jubileu. O clero em peso. Discursos até do próprio bispo, todos enaltecendo a pessoa e a obra do jubilado.

Na importante cidade onde moravam seu pai e seus irmãos, a festa jubilar alcançou proporções inéditas, reunindo as autoridades do município, foguetório, banda de música, cobertura jornalística, discurso oficial do prefeito municipal e, por fim, uma belíssima hora de arte organizada pelos sobrinhos.

Os festejos na escola, a cargo da direção, do corpo docente e discente, prolongaram-se por toda a semana, culminando com a disputa esportiva da taça Pe. Paulo. Em outra cidade, toda uma numerosa série ginásial do mais importante colégio feminino, de cujo grêmio literário ele era patrono e de cuja formatura será paraninfo, prestou-lhe calorosa homenagem com uma hora de arte que durou toda a manhã, culminando com discursos, presentes e banquete.

Agora o Pe. Paulo recordava todas estas graças, que pareciam confirmá-lo na vocação religiosa e sacerdotal, preparando-o para um futuro de brilhantes realizações dentro da congregação... E seus olhos banhavam-se então em catadupas de lágrimas.



Mas, afinal, com o passar dos dias, a crise das lágrimas foi se atenuando. E, já bastante calmo, volvidas duas semanas, dirigiu-se à Cúria Provincial. Relatou os acontecimentos aos superiores, que, apesar de não se oporem francamente, pediam calma, reflexão, convencidos de que o Pe. Paulo mudaria de opinião. A pedido do provincial, tratou logo de consultar pessoas entendidas em Psicologia, em orientação vocacional. Consultar a Irmã Ana Maria e, principalmente, o confessor.

Ele já havia assente expor tudo ao Pe. Ambrósio, o confessor. Combinou com ele uma entrevista à noite. Iria narrar os acontecimentos ocorridos ultimamente, sem lembrar-se de historiar a origem de sua entrada no Seminário. À noite, providencialmente, sentiu-se indisposto e foi deitar, deixando para o dia seguinte o encontro com o confessor.

À meia-noite acordou e não dormiu mais. Vieram-lhe então à mente os fatos que determinaram a sua entrada no Seminário e na vida religiosa. E, o que nunca lhe ocorrera antes, surgiu certa dúvida acerca de sua autêntica vocação. Imaginem, ele fora para o Seminário só para não ser reprovado nos exames da escolinha local. Anteriormente, quando pensava nos vários condicionamentos de sua vocação, condicionamentos que pudessem sugerir dúvidas, ele repelia como tentação, alegando ter sido tudo magnífica trama do Senhor. Se ele não tinha vocação, procedia como aconselhava Santo Agostinho: *Que vocatus non est, fac ut vocetur*: Quem não é chamado, faça por sê-lo.

Agora, entretanto, as dúvidas eram violentas, convincentes, atroz. Dúvidas que ele deveria expor ao confessor, o que não teria feito se tivesse conversado com o Pe. Ambrósio antes de deitar. De manhã, ao encontrar-se com ele, o confessor se



explicou:

- Pe. Paulo, desculpe. Ontem de noite eu me esqueci completamente. Só me lembrei à meia-noite.

- Eu esperei um pouco, depois fui me deitar. Não me sentia bem. Mas podemos conversar logo após o café, em seguida.

O Pe. Ambrósio, muito inteligente, bondoso e santo, o famoso confessor a quem tanta gente se dirigia proveniente de todos os recantos, ouviu atentamente a longa confissão do Pe. Paulo, confissão entrecortada de pranto. Por fim, o esclarecido diretor espiritual declarou: Olhe, Pe. Paulo, assim como estão as coisas, o senhor não pode continuar na vida religiosa. A sua vocação não é esta da vida religiosa e celibatária. A sua vocação é outra. Mesmo fora da congregação, mesmo na vida conjugal, tem uma bela missão, com o seu apostolado da pena, da boa imprensa. Neste caso, a Igreja hoje deixa opção. Tranquilamente.

Por fim, após dar-lhe a absolvição, à saída da sala, comentando, o Pe. Ambrósio, sorridente, diz: Não tenha medo, Pe. Paulo. Ninguém vai se escandalizar. Pode ficar descansado. Não é nenhuma bomba.

* * *

Em que pese o autorizado conselho de tão sábio orientador espiritual, um dos superiores provinciais achava que o Pe. Paulo poderia mudar de opinião. Ao que ele prontamente respondeu: Padre, eu nunca fui teimoso. Eu nunca tive vontade. Eu sempre segui a opinião dos outros. Sempre obedeci prontamente aos superiores em tudo. Nunca reclamei. Nunca protestei. Mas agora, neste caso, eu não volto atrás. Não posso voltar, nem que me matem. Estou plenamente convencido de que é a vontade de Deus. Vejo, por isso, que devo obedecer a Deus antes do que aos homens.



A seguir, redigiu longa exposição de motivos à Irmã Ana Maria, a competente psicóloga que tanto o havia ajudado por ocasião da sua conversão no hospital. Eram doze páginas datilografadas em várias vias, pois tencionava entregar ao superior provincial, ao superior local e a alguns colegas aquele esclarecimento, a fim de evitar comentários descabidos.

Ele queria que todos ficassem cientes de que agia a mandado de Deus, contra a sua vontade. Que todos ficassem sabendo que ele não queria tomar a dramática e histórica decisão. Fazia-o impelido por força misteriosa, contra a qual não podia resistir. Desta longa exposição, vão aqui uns tópicos, para conhecimento do leitor.

* * *



<<Caríssima Irmã Ana Maria: Encontrando-me em vésperas de tomar uma importantíssima decisão, venho, por ordem dos superiores, submeter-me a um teste psicológico e vocacional. Para maior facilidade, farei uma confissão por escrito, havendo já feito oralmente ao meu confessor. Procurarei ser sincero, apesar da vergonha que me causa a confissão de minhas misérias.

Faz tempo que penso em falar com a senhora. Quando nos encontramos, a senhora não deixa de repetir a promessa que fiz na minha conversão - <<Serei o primeiro>>. Sempre me dava então vontade de responder: Ah, Irmã, a senhora não sabe nada. Eu preciso me converter outra vez.

Irmãzinha do céu! Tenho derramado rios de lágrimas e estou com imensa inveja dos meus confrades que são felizes e se realizam plenamente na congregação, enquanto eu, com exceção de alguns anos após aquele tombo do cavalo no caminho de Damasco, só tive sofrimento e angústia.

Nestes últimos dias, em meio ao tremendo drama que vivo, surgiram pela primeira vez sérias dúvidas acerca de minha vocação para a vida religiosa. Como sabe, em pequeno tive convite para entrar no Seminário. Nenhum ideal apostólico me atraía então, pois eu nada entendia. Fui para fugir a vida dura que levava em casa, para conhecer outras terras, viajar, viver novas emoções e, sobretudo, para escapar a reprovação nos exames.

No Seminário, a princípio, pensei em voltar para casa em vista de certos fatos desagradáveis. Entretanto, o Pe. Carlos, o diretor, dizia que quem saísse do Seminário iria para o inferno.



Eu tinha um medo louco de ir para o inferno. Jurei que nunca sairia do Seminário, só para não me condenar ao suplício do inferno.

Depois, fui dominado tiranicamente pela paixão da literatura. Eu queria aprender a língua para me tornar um grande escritor. O ideal do sacerdócio não me atraía. Apenas me acomodava a ele. Eu queria mas era ser escritor. Seria um padre escritor. Eu sabia que em casa dos pais não teria oportunidade de estudar, de aprender a escrever. Não podia, por isso, sair do Seminário. Então, além do inferno, eu tinha agora mais um motivo fortíssimo de permanecer no Seminário.

Não gostava de ser religioso da congregação a que pertencço. Isto por causa da feroz perseguição do Pe. Carlos. Eu chegava a ter raiva do santo fundador de uma congregação de padres tão maus para mim. Nunca pude rezar a este grande santo, apesar de ser ele poeta e amante da natureza como eu. Fui para o Noviciado com a esperança de encontrar livros, bons livros para auxílio da aprendizagem da língua. Tive uma decepção. O Pe. Carlos, que de reitor passou a mestre de noviços, multiplicou seus métodos de perseguição. Sofri como pouca gente pode sofrer numa casa de formação.

Professando na vida religiosa, o que me animava era o fato de fugir das garras do Pe. Carlos. Proferi os votos religiosos com a maior displicência, maquinalmente, sem nada entender do seu alcance. O voto de castidade com certeza foi nulo, em virtude da minha imaturidade e total ignorância no assunto.

Durante os estudos, eu só pensava em aprender a língua. As outras disciplinas eu estudava apenas para não ser reprovado. Fui sempre um estudante medíocre, menos em Português.

A ordenação sacerdotal igualmente pouco representava para mim. Eu queria apenas ser padre para um dia tornar-me



escritor. Não gostava de ser coadjutor, nem pároco. Ambicionava o cargo de professor, que me proporcionaria oportunidade de aperfeiçoar-me na arte de escrever.

No segundo ano de ministério, fui promovido a pároco em vista do meu apostolado da boa imprensa. Fundei uma grande biblioteca para a juventude. O superior empolgou-se com o meu trabalho e me recomendou ao provincial, que me nomeou primeiro pároco de um bairro importante da Capital do Estado, onde fundei outra biblioteca pública e difundi muitos bons livros. Fundei ao depois mais uma dezena de bibliotecas...>>

* * *

E a carta prosseguia narrando o que já sabemos, para a seguir abordar o problema afetivo. <<Sedento de amor e carinho, principiei a trabalhar na vida pastoral, sofrendo logo fortes tentações. No primeiro ano tive vários casos... O problema foi se agravando, até que fui denunciado ao bispo e ao provincial. Fui transferido, permanecendo no cargo de pároco apenas durante seis meses, porque os colegas me denunciaram aos superiores em virtude de minha familiaridade com as moças. Mandaram-me lecionar num Seminário, onde vivia cercado de excessivo policiamento. Minhas cartas eram todas violadas, mesmo as de meu pai. Carta de moças nunca chegava às minhas mãos, por mais inocente que fosse.

Para se livrarem de mim, seis meses depois, os superiores me destacaram para trabalhar na Europa. Foi nessa viagem que no Rio de Janeiro uma jovem se apaixonou loucamente por mim, surgindo daí um drama do qual escrevi um conto que vem publicado num de meus livros. No navio tive outra amizade, que obrigou o superior acompanhante a me repreender severamente e a proibir-me de falar com aquela moça...>>

* * *



Após narrar outros casos e o milagre da sua conversão, o Pe. Paulo escrevia à Ir. Ana Maria: <<Volvidos uns quatro anos, após a conversão, a coisa recomeçou. Agora mais atenuadamente quanto ao remorso, graças aos novos ensinamentos acerca de amor e sexo. Formei a consciência e tomava a liberdade de ter sempre alguma amizade, sem a qual eu não podia viver. Chegava para a moça e dizia: Não tenha medo, não é nenhum pecado. É apenas um pouco de amor e carinho que preciso. Desde pequeno estou longe de minha mãe. Você podia ajudar-me um pouco como se fosse minha mãe...

Nunca mais pude ficar sem uma amizade destas. Só Deus sabe quantos sobressaltos! Quanta reza! Quanto sofrimento! Quanta angústia! Sempre rezando, sempre pedindo a Deus a graça de me santificar, de me converter outra vez... Todos os dias rezava ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora. A ela nunca deixei me de consagrar todos os dias, rezar o terço, fazer minha meditação, minhas orações. Nunca deixei de rezar o Ofício Divino, ler a Bíblia, fazer visitas ao Santíssimo Sacramento. Sempre pedindo a graça da pureza. Pedindo mil vezes a morte antes de cometer o pecado... Deus foi sempre meu Amigo. Sempre me defendeu, não permitindo maiores escândalos.

A bomba estourou nestas férias, Ir. Ana Maria, quando, depois de uma série de acontecimentos que decerto faziam parte de um maravilhoso plano do Senhor, tive, pela primeira vez na vida, com o maior espanto e surpresa, proposta para abraçar a vida matrimonial... Houve então uma repentina transformação no meu modo de pensar... Agora estou feliz. Estou convertido de verdade. Sinto-me bem em sair da congregação. Acho até que trabalhei muito e bastante bem para ela. Mais de 30 anos. Graças a Deus, apesar de todos os meus deslizes, não dei lá grandes escândalos. Pelo contrário, acho até que honrei e ajudei. Faz mais de 25 anos que sou professor, sempre ganhando bem... Por outra, já sou velho: 55 anos. Minha vida não irá longe, creio.



Sou doente. Preciso de alimento especial e tratamento todos os dias. A congregação não terá mais esta preocupação. Não vou fazer muita falta...

Penso em realizar-me no apostolado da imprensa. Tenho em vista grandes planos. Disse-me um superior que chegou da Europa que um livro que eu coloco no mundo, é um missionário que permanece pregando. Um dia, um dos nossos grandes missionários, depois de ler chorando um livro meu, escreveu-me: Tenho inveja do seu apostolado, pois os meus sermões terminam logo, ao passo que os seus livros a gente pode bisar quantas vezes quiser.

Não tenho pena de deixar a congregação e os confrades, porque espero estar muitas vezes com eles e amá-los a todos. Gosto de todos. Nunca tive superiores tão bons e compreensivos como agora. Tive-os maus há tempos. O sofrimento que alguns me causaram não desejo a ninguém. Mas isto agora passou. Espero que nenhum de meus confrades me deixe de querer em virtude do gesto que me sinto obrigado a fazer. Eu não sou merecedor de ódio ou vingança; sou, creio, merecedor de comiseração, sob certo ponto de vista>>.

* * *

Dias após, lida a carta-confissão, a Irmã Ana Maria recebeu a visita do Pe. Paulo. Como acontecera por ocasião da primeira conversão, a abalizada psicóloga tranquilizou logo o religioso, declarando que ele era inocente. Que não se preocupasse, que se alegrasse, porquanto todos aqueles fatos faziam parte de um plano do Senhor. São os caminhos do Senhor.

- Pe. Paulo, - disse ela sorrindo - toda essa história, o senhor a escreveu há tempo. - Referia-se a um romance em que o Pe. Paulo narrava a aventura de um jovem que acabara preso por longos anos, durante os quais descobriu um tesouro, tesouro



que vinha resolver o futuro do personagem. O prisioneiro é o senhor, Pe. Paulo. Sabia?

- Não, Ir. Ana Maria. Nunca imaginei e nem podia imaginar.

- Mas é a pura verdade. Os longos anos de prisão representam a longa vida que o senhor passou no convento, na vida religiosa. O tesouro é todo esse cabedal de conhecimentos que adquiriu na congregação e que agora, saindo da prisão, vai lhe ajudar a enfrentar a vida e desempenhar o papel importante no magistério e no apostolado da pena. Como o personagem da novela, o senhor também não tem vocação celibatária. D. Marlene é a Maria Helena do seu romance. Aquela mulher providencial que por tantos anos ficou esperando que o senhor sáísse da prisão...

E a Ir. Ana Maria redigiu ainda um belíssimo depoimento em apoio à sua indispensável secularização e laicização, depoimento que, juntamente com outro do futuro cardeal D. Aloísio Lorscheiter, foi remetido à Santa Sé, integrando o processo da dispensa dos votos e do celibato.

* * *



Nos primeiros dias após a histórica decisão, o Pe. Paulo escreveu ao seu irmão, o Pe. Mário, solicitando compreensão, sem, contudo, expor claramente a sua resolução de abandonar a vida religiosa. O irmão, não atinando e nem imaginando a repentina mudança de pensamento do seu mano, respondeu um tanto asperamente, deixando o Pe. Paulo perturbado e com medo. Evitava, por isso, encontrar-se logo com ele, deixando o caso nas mãos de Deus.

Passados poucos dias, o Pe. Mário, depois de inteirar-se dos fatos com o pai e os irmãos, vai à procura do Pe. Paulo. Receando não encontrá-lo em casa, tomou a resolução de conversar com o superior provincial ou com o diretor espiritual do irmão. Este, todavia, encontrava-se no convento havia duas semanas, todo entregue à solução do seu problema junto aos superiores.

O Pe. Mário, havendo conversado com o pai naquele dia, chegava muito atencioso, muito amigo, muito carinhoso. Ouviu atentamente a longa exposição dos acontecimentos. Leu a carta dirigida à Ir. Ana Maria e falou:

- Pe. Paulo, você sempre foi uma inquietação para mim. Eu estive até inclinado a ajudá-lo, entrando em entendimento com seus superiores. Mas, pela exposição que me fez, vê-se claramente que os acontecimentos são realmente obra de Deus, pois você não está vivendo a sua autêntica vocação. Pela leitura do livro <<Por que me fiz Sacerdote>>, nota-se que todos aqueles padres tinham um ideal de vocação. Em você não acontece o mesmo.

No grande inquérito sobre os sacerdotes dissidentes dos



Estados Unidos - prosseguiu o Pe. Mário - todos confessam que o motivo principal da perda da vocação foi a falta de oração, o que não se verifica com você, que sempre continua fiel ao seu admirável espírito de piedade, de fé, a autêntica fé dos crentes. O que mais me comprova que você está no bom caminho e que está obedecendo à voz de Deus, é o pleno apoio e aplauso do pai. Eu nunca teria imaginado que o pai viesse a concordar. Para mim foi a maior surpresa.

E o Pe. Mário, depois de várias considerações e narração de fatos, deu também seu integral apoio, declarando-se admirado de como pudesse o Pe. Paulo, sofrendo como sofria, enfrentando incessantes conflitos, demorar tanto tempo para tomar a acertada resolução, que agora lhe dará segurança, paz e alegria.

Conforme observara a outras pessoas, declarou, então, ao Pe. Mário: Eu vinha pedindo a Deus a minha conversão, a segunda conversão.

- Mas conversão é isso que está acontecendo - esclareceu o Pe. Mário. - Conversão é mudança de vida. Converter-se é mudar de vida para melhor.

A seguir, o irmão perguntou ao Pe. Paulo se ele não desejaria exercer o sacerdócio, caso a Santa Sé viesse a autorizá-lo aos sacerdotes casados.

- Claro. Para mim seria um grande sacrifício deixar de celebrar.

Como sabemos, ele fora, desde pequeno, amante da Eucaristia. Raros dias na vida deixará de comungar, e, depois de ordenado, de celebrar a missa. Todos os dias rezava pelos falecidos da congregação. Rezava até pelo Pe. Carlos, que ultimamente viera a falecer.



O Pe. Carlos, em seus últimos anos de vida, bem velhinho, apresentava-se inofensivo, meigo, carinhoso. Encontrando-se um dia com o Pe. Paulo, fez-lhe uma declaração sensacional, surpreendente. Declarou-lhe textualmente: Oh! o meu querido Frei Paulo! Eu acho que nunca lhe dei um castigo durante todo o tempo do Seminário e do Noviciado, não é, Pe. Paulo?

Que revelação! Então o Pe. Carlos declarava agora que ele fora sempre um superior bondoso. Superior que nunca magoara o frágil discípulo... o Pe. Paulo, sem responder, murmurava com seus botões: Quer dizer que o Pe. Carlos acha agora que nunca me fez sofrer. Certamente me terá sempre considerado um rapaz insensível, incapaz de sofrer melindres, ofensas. Ele não imagina como seus processos repressivos me marcaram fundamente a alma, para o resto da vida.

Pois é, o Pe. Paulo jamais conseguiu fechar a ferida aberta por seu superior dentro do seu coração. Até em sonhos. Ainda agora, em 1990, fora da Congregação, com mais de 70 anos, ele continua tendo aparições oníricas do Pe. Carlos, que o ameaça de castigos. Em sonhos, ele ainda vive os trágicos tempos do Seminário e do Noviciado...

* * *

Além do espírito de oração, o Pe. Paulo era pessoa de extrema bondade e generosidade, virtudes que o tornarão simpático e querido. Daí a facilidade com que tanta gente se afeiçoava a ele.

Sempre foi, ainda, de intensa atividade, apesar de sua debilitada saúde. Uma perene labareda de entusiasmo, amor e dedicação. Já vimos como, sem dispor de tempo algum estabelecido pelos superiores, escreveu mais de 20 livros, colaborando ainda em jornais e revistas. Nunca deixou de cumprir fielmente seus deveres de religioso. Notável o seu



espírito de obediência. Os superiores nunca tiveram dificuldades com ele em relação à obediência. Não havia trabalho, não havia ordem que ele não executasse com presteza e satisfação.



O Pe. Paulo, tomada a decisão de sair da congregação, viveu, como sabemos, dias de cruel sofrimento mesclado de alegria, derramando lágrimas, passando as noites quase inteiramente em claro, submerso em profunda meditação acerca do momentoso acontecimento. Depois, com a melhora do estado de saúde, que lhe sobreveio como por artes de magia logo após o histórico encontro com D. Marlene, o pranto foi estancando aos poucos, até a total libertação.

Operou-se então fantástica transformação, um autêntico milagre, jamais imaginado: Por causa do teu nome, faze-me reviver, Senhor! Primeiramente, não podia convencer-se de que 90% das doenças, segundo os psicólogos, são de origem emocional, e só podem ser curadas pela psicoterapia e logoterapia. Agora ele observava a cabal comprovação em si mesmo. Autêntico prodígio, a transformação que nele vai se operar agora, inesperadamente, sem tratamento algum.

Sabemos que ele vivia em constante dieta, como se convalescesse de grave enfermidade. Tudo lhe fazia mal, até o leite. Alimentava-se na base de arroz, batata, pão torrado, chá, com exceção nos dias em que viajava, quando então o seu estado de saúde melhorava, podendo comer até carne.

Uma dor aguda, insuportável sobre o coração. Esgotava as energias com apenas uma hora de atividade. Lecionar ou escrever um artigo representava ultimamente uma luta imensa. Insônia, mal-estar. Sempre suspirando. De manhã, levantava-se cansado, sem vontade para nada. Pavorosa distração, sem poder concentrar a mente em orações, leituras, novelas de televisão. Andava sempre afobado, sempre distraído, sem olhar para os transeuntes. Em conversa, não podia fitar o interlocutor.



Cabeça baixa, absorto. Memória fraca. Não fitando a fisionomia das pessoas, desconhecia facilmente alunos e pessoas amigas.

Nunca sentia ânimo para tomar o volante de um carro, com receio de provocar acidentes. É evidente que neste estado de saúde, ele não podia desempenhar seu papel de jornalista, de repórter, como deveria. Entretanto, quando se tratava de viajar, o desarranjo intestinal findava, o estômago digerira melhor e o fígado funcionava, permitindo-lhe fazer as reportagens de maneira satisfatória.

* * *

Pois agora, como por artes de sortilégio, desapareceram todos os incômodos. Todos. Findou aquele incrível esgotamento. Completamente curado do fígado, do estômago, intestinos, rins. Nenhuma comida ou bebida lhe fazia mal. A digestão perfeita. Sentia-se vigoroso e disposto como um rapaz de vinte anos, podendo trabalhar o dia todo e parte da noite. Desapareceu a distração, desapareceram os suspiros. A pressa, o assodamento, a afobação. Avivou-se a memória, a inteligência, a vontade. Revigorou os sentidos. Nunca mais necessitou de medicamentos. Agora podia lecionar e escrever com brilhantismo durante todo o dia. Não receava mais pegar do volante de um carro. Caminhava pelas ruas de olhar atento, sem distrações, percebendo tudo distintamente. Conversando fixava os olhos no interlocutor...

Maravilhosa transformação! Deus seja louvado! Bem que ele merecia uns dias, uns anos de disposição e alegria, depois de quase 50 anos de sofrimento. Mas a transformação mais admirável operar-se-á no seu espírito. Surgiu agora, finalmente, o tão suspirado e decantado equilíbrio emocional, a maturidade psicológica, afetiva e sexual. Desapareceram as tentações. Todas as tentações, aquela mórbida e doentia inclinação que o



escravizava no campo da vida sexual.

Primeiramente, ele vivia na base da prece, da oração, pedindo a Deus continuamente ajuda e defesa. Agora ele vê que tudo melhorou apenas com o bom funcionamento de suas faculdades e de seu organismo. Antes ele esperava tudo do céu; agora ele mesmo atua com desenvoltura e eficácia admiráveis: Por causa do teu Nome, faze-me reviver, Senhor!

E venha agora alguém a declarar que o Pe. Paulo anda errado, que o que nele se operou seja obra do demônio, não seja obra de Deus. Que ele não era cego e não se curou.

Então o que é que vocês querem? Que o Pe. Paulo continue cego, prisioneiro, escravo, pecador? Continue sofrendo o resto da vida? Não bastam 40 anos de cadeia, de escravidão e martírio?

Vamos lá, minha gente, deixemos o Pe. Paulo viver a vida, cantar a vida. Deixemo-lo trabalhar livremente na sua nobre missão, no seu apostolado, na sua legítima vocação. Deixemo-lhe a liberdade dos filhos de Deus. Liberdade de praticar o bem. Liberdade de amar, amar a Deus e aos homens. Deixemos que ele ame e seja amado: Por causa do teu amor fiel, reduz ao silêncio os meus inimigos!

* * *



Acontece que, decorrido cerca de um mês, o superior provincial e um dos seus conselheiros chegam ao convento para falar com o Pe. Paulo. Lá estão eles agora reunidos no quarto do superior local, um superior extremamente bondoso e compreensivo. Convidado, lá comparece o religioso desistente. Chega bem humorado, chega declarando que as lágrimas haviam cessado. Entrando no quarto e vendo o livro dos Salmos sobre a escrivadinha, agarra-o e diz sorrindo: Aqui, no salmo 142, encontrei o meu apoio. E lê:

Por causa do teu amor fiel,
reduz ao silêncio os meus inimigos!

Os superiores não falam, ficam em silêncio. O provincial sorri com um sorriso amarelo. O Pe. Paulo trata então de esclarecer a passagem do salmista: <<Reduzir ao silêncio>> quer dizer que ninguém se oponha ao meu gesto, que ninguém se escandalize... Aqui o provincial o interrompe e, com voz autoritária, apoiado por seu conselheiro, exclama:

- Pois é, Pe. Paulo, mas o senhor anda por aí escandalizando todo mundo, em toda a parte: padres, freiras e leigos.

O Pe. Paulo, surpreso, tenta defender-se, alegando que não podia acreditar. Mas continua ouvindo catilinárias dos dois superiores da Cúria Provincial, diante do silêncio respeitoso do superior local. Por fim, declara o provincial:

- O senhor não podia contar a ninguém a sua decisão. Aquilo era segredo. Agora as coisas chegaram a tal ponto, que o senhor não poderá mais continuar aqui no convento. Deverá sair e procurar uma pensão.



O Pe. Paulo baixou a cabeça, pediu desculpas, já com lágrimas nos olhos. Antes de deixar o quarto, puxou do bolso o dinheiro do seu ordenado de professor, que havia recebido naquele dia. Eram cerca de 300 cruzeiros. Disse entregando-os ao superior local:

- É o meu ordenado de professor.

- Não - disse o superior local. - Guarde para si.

- Mas é do mês passado.

- Não faz mal - acrescentou o provincial, com certo sorriso. - Guarde para pagar a sua pensão.

- Mas eu tenho ainda uma dívida com a tipografia daqui. Eu agora não posso pagar. São dois mil cruzeiros.

- Não faz mal. Fica para depois, quando puder. Era o provincial que falava. - E o senhor pode levar os seus livros, os de sua autoria que tem em estoque, em depósito.

* * *

Por essa bomba ele não esperava. Passou o dia numa terrível aflição, chorando por vezes. Teve cólicas, desarranjo intestinal, males de que acabava de se libertar.

Lembrou-se depois de que tudo aquilo podia ter sido fruto de fofocas de alguns colegas, grandes fariseus escandalizantes, que viviam na congregação faltando à caridade, e aos quais o provincial dava fé e confiança.

E agora? - chorava ele - para onde irei? Para o hotel, gastar uma nota? Eu agora sou pobre, devo poupar. Pedir asilo a um primo ou amigo? Dormir debaixo da escada como mendigo? Passei 30 anos trabalhando afanosamente para a congregação, sem nunca dar despesa, procurando sempre ajudar, procurando



entregar todos os meses o fruto do meu trabalho suado. E agora vejo-me posto no olho da rua, inapelavelmente, quem sabe para quanto tempo, até que venha a dispensa dos votos de Roma!...

Sair do convento antes mesmo de pedir dispensa dos votos. Deixar de celebrar, agora que me converti, agora que sou fervoroso, que sou virtuoso, agora que fugiram todas as tentações? Agora que desejo ardentemente me aperfeiçoar na prática do bem, e suspiro pelo momento feliz de estar junto com Nosso Senhor na celebração da santa missa? Só por que escandalizei algum fariseu?

O meu caso não é de escândalo. É um caso autêntico de conversão. Então, o superior provincial, que é inteligente, que é um bom psicólogo, não sabe que é fenômeno natural da conversão desabafar, relatar a pessoas amigas o miserável estado em que vivia? Então eu fiz mal? Escandalizei? E por isso sou agora expulso do convento, posto no olho da rua como um pesteadado, como um leproso, capaz de contagiar os colegas, comprometer o <<bom nome da congregação>>, conforme declaração textual do conselheiro provincial?

Entretanto, o superior local, flor de superior, disse em particular ao Pe. Paulo que ele, enquanto não encontrasse lugar certo para morar, poderia continuar ali na casa, no convento. Por sorte, dias após, batendo de casa em casa, encontrou onde hospedar-se. Os Irmãos Maristas, de cujo educandário ele era capelão, o receberam de braços abertos. Graças a Deus! Deus foi sempre meu amigo!

* * *

Aquela noite foi uma noite de agonia. Noite cruel. Como sempre acontecia durante as horas insones, provocadas por semelhantes perseguições, ele abriu o Evangelho, a fim de buscar apoio, defesa, consolo e verdade. Abriu a toa. João,



capítulo nove. Cura do cego de nascença.

Pensou: Aqui não encontrarei nada que venha em meu auxílio. Leu. Foi lendo, refletindo. De repente acode-lhe uma ideia luminosa. Uma interpretação que vinha mesmo de encomenda. O cego de nascença sou eu. Cego desde a infância. Mestre, quem pecou, ele ou os seus pais, para que nascesse cego? Ele, o Pe. Paulo, ou os pais, os superiores? Nem ele, nem seus pais, nem os superiores; mas isto sucedeu para que se manifestem nele as obras de Deus.

A princípio, Nosso Senhor cuspiu no chão, fez com a saliva um pouco de lama... Parecia lama, obra suja, obra do demônio. Deus pôs lama nos meus olhos. Parecia lama, tentação, pecado. Lavei-me na piscina do confessionário, e agora vejo. Estou curado. Um milagre!

Os fariseus, alguns colegas, estão aí escandalizados. Não querem acreditar que eu era cego. Outros acham que houve cura, mas que a cura é obra do demônio, daquele que não observa o sábado. Por isso dizem: Está louco! O Pe. Paulo está louco! Alguns diziam: esse homem não vem de Deus. Outros replicavam: Como poderia um pecador fazer tais milagres? E havia desacordo entre eles. Entre os colegas do Pe. Paulo e os leigos.

Os pais, os superiores, diziam: Não sabemos quem lhe abriu os olhos. Perguntai a ele. Tem idade bastante. Quarenta anos de vida religiosa. Trinta de vida sacerdotal... Falavam assim os pais, os superiores, de medo dos judeus, dos colegas, que tinham decretado que se alguém confessasse ser Jesus o Messias seria expulso da sinagoga: se confessasse que sua cura era obra de Deus, seria expulso do convento.

E injuriaram-no, dizendo-lhe: sejas tu seu discípulo. Nós somos discípulos de Moisés. Somos conservadores. Não



queremos reformas... Defendeu-se o homem dizendo: Isso é que é espantoso, que tendo-me aberto os olhos, vós não saibais de onde ele seja... Todo mundo sabe que Deus não escuta os pecadores: mas se alguém serve a Deus com piedade e cumpre sua vontade, Deus o escuta. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se este homem não fosse de Deus, nada poderia fazer. Replicaram-lhe: És todo pecado desde que nasceste, e pretendes ensinar-nos a nós. E expulsaram-no.

O resto da narrativa evangélica nem carece de comentário: Soube Jesus que o tinham expulsado e, encontrando-se com ele, disse-lhe: Crês no Filho de Deus? Respondeu ele: Quem é, Senhor, para que creia nele? Declara-lhe Jesus: Tu o estás vendo: é o que fala contigo.

- Creio, Senhor! - exclamou, e prostrou-se diante dele. E disse Jesus: É para um julgamento que eu vim ao mundo; para que os que não vêem vejam; e os que não vêem se tornem cegos.

Ouviram isto alguns dos fariseus que estavam com ele e disseram-lhe: Porventura, somos cegos também? Tornou-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis culpa; mas dizeis que vedes; por isso, persiste o vosso pecado.

* * *



Decorridos alguns dias, o Pe. Paulo teve oportunidade de se informar se realmente a notícia de sua decisão se espalhara, <<escandalizando todo mundo>>. Sim, era verdade. Muitas pessoas já sabiam e comentavam com certa admiração. Entretanto, ninguém declarou que ficará escandalizado.

Os professores, seus colegas da escola, como todas as normalistas, os colegas no sacerdócio do clero diocesano e de outras congregações, os amigos, todos, todos, mostravam-se compreensivos e agora mais atenciosos para com ele, felicitando-o pela sua decisão, que consideravam acertada, diante dos fatos, apesar de terem tido sempre o Pe. Paulo como sacerdote e religioso exemplar.

Desde o dia do encontro com D. Marlene, o Pe. Paulo observava diariamente fatos encorajadores, fartamente animadores do seu gesto, fatos eloquentes, como a confirmar-lhe que ele andava no bom caminho, que ele não desanimasse, apesar do escândalo farisaico, apesar das reclamações de alguns membros da congregação.

Quase todos os dias, por exemplo, chegavam ao seu conhecimento notícias da desistência de colegas de sacerdócio. Figuras altamente conceituadas na Igreja, ilustres professores de Seminários e Universidades, até mesmo um bispo da sua congregação, sacerdotes mais idosos e famosos do que ele, com vasta folha de serviços prestados à coletividade...

Nos últimos dois sábados em que celebrará como membro da comunidade religiosa, foi a duas casas de freiras, fazendo de capelão. As Irmãs da primeira comunidade, por engano, no sábado da primeira semana da Quaresma, escolheram a missa



da segunda semana. O Evangelho do filho pródigo.

No sábado seguinte, na outra comunidade, repetiu-se a missa. O mesmo evangelho. O evangelho do filho pródigo. Ficou impressionado. Pensou: Isto acontece para que eu reflita nesta grande verdade: a história do filho pródigo é a minha história. O filho pródigo que um dia fugiu de casa sob o pranto dos pais. O filho pródigo que esbanjou a herança paterna vivendo dissolutamente. Agora ele volta à casa do pai. Volta arrependido, sendo recebido em triunfo, festivamente.

* * *

A resposta da Santa Sé, por inexplicável demora da remessa do processo por parte da Cúria Provincial, levou cerca de um ano. Um longo ano de solidão, de espera, para poder entoar o canto que as três mocinhas do convento, sorrindo, cantaram para ele, na presença sorridente do confessor: Adeus, solidão! Agora eu posso ao mundo inteiro bem alto gritar: Que sou feliz, que tenho alguém para amar...

Nesses longos meses de solidão, ele, de vez em quando, visitava os colegas do convento, procurando, contudo, evitar um encontro com os superiores provinciais, dos quais ainda dependia e dos quais continuava recebendo, por correspondência, raios e trovões, proibindo-lhe terminantemente qualquer ação pastoral. Não podia sequer continuar colaborando no jornal da congregação. As suas reportagens, que lhe haviam custado tanto trabalho, durante as férias, nunca mais foram publicadas. Nunca mais!

Certa vez, numa casa religiosa em que se encontrava de passagem, soube da presença ali do conselho provincial. Fugiu correndo, indo esmolar a refeição na casa das religiosas, suas boas amiguinhas, que o receberam cordialmente.



Um encontro agradável, durante o qual o Pe. Paulo pode relatar sucintamente o inesperado caso de sua segunda conversão. Recordou que havia cerca de 30 anos caíra enfermo num hospital. Ele tinha então à sua cabeceira uma jovem enfermeira de 20 anos, muito linda, de olhos azuis. Era um anjo branco que lhe aliviava as dores físicas e os anseios do coração. Ele nunca mais se esquecera daquele anjo branco, com dois alucinantes olhos azuis, que o tratava tão carinhosamente. Pois essa enfermeira, apesar de uma ausência de cerca de 30 anos, era a D. Marlene.

Decorridos precisamente dez anos após a primeira conversão, Deus, em seus admiráveis caminhos de mistério e encanto, mandava-lhe agora aquele anjo que o havia empolgado há tanto tempo. O anjo providencial para cantar-lhe o mais lindo poema de amor, o canto mais sublime, o cântico de sua realização, de sua felicidade, do seu amor: Ó meu Jesus, sou vosso enfim!

* * *



Conversando um dia demoradamente com o Pe. Renato, sacerdote ilustrado, atualizado e virtuoso, da mesma congregação, ao qual narrara, pormenorizada, toda a sua dramática história, o Pe. Paulo perguntou-lhe:

- Que acha, Pe. Renato, acerca da publicação de tudo quanta se passou comigo?

- Olhe. Pe. Paulo - respondeu o colega sorrindo - daria um excelente romance. Um romance fantástico! Romance com episódios e cenas sugestivas, pitorescas, surpreendentes, inéditas, que ultrapassam a capacidade criativa dos ficcionistas. Por que não? O maior implicado. O mais humilhado, seria você, que é o herói dessa novela fascinante.

- Não sou nenhum herói, Pe. Renato. Não exagere. Acontece que logo após a minha conversão, pensei que as pessoas que escandalizei deveriam tomar conhecimento de minha transformação, deveriam saber que me converti, que mudei de vida. Gostaria que todos soubessem que Deus, através de meus longos anos de vida, escreveu um sublime poema de misericórdia comigo, que andei aos tombos, beirando abismos.

E prosseguiu: Sabe, Pe. Renato, a minha história é a história do filho pródigo, da ovelha desgarrada, do cego de nascença. É a história de Paulo de Tarso em ponto pequeno, respeitadas as devidas proporções. A história de Santo Agostinho, de Paulo Setúbal e de tantos outros convertidos. Então, assim como São Paulo confessou que era perseguidor dos cristãos; assim como Santo Agostinho escreveu a história de suas misérias e de sua conversão; assim como Paulo Setúbal narrou com pormenores impressionantes seus desmandos no livro <<Confiteor>>,



poderia eu fazer com que a minha história também viesse a público.

- Isso mesmo, Pe. Paulo - respondeu o colega com entusiasmo. - Nem o filho pródigo, nem São Paulo, nem Santo Agostinho, nem Paulo Setúbal, seriam hoje tão célebres, se não tivessem confessado suas fraquezas. Então as <<Confissões>> do imortal bispo de Hipona e o <<Confiteor>> de Paulo Setúbal não são glórias da literatura universal e da Igreja?

- É o que eu também estou achando, Pe. Renato. Então eu não posso consentir que se diga que me converti, que eu era pecador, que a graça me conduziu do charco as estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao céu?

- Certo, Pe. Paulo. Se você tem essa humildade de se reconhecer como tal, não vejo por que você não possa permitir que se publique a sua história.

- Mas, Pe. Renato, e que dirão de meus severos superiores, de nossa congregação, com seus métodos repressivos, escorchantes?

- Ninguém vai se admirar, Pe. Paulo. Pouca gente ignora que nessa época a vida nos Seminários e conventos obedecia a semelhantes métodos. E os poucos que o ignoram, é urgente que tomem conhecimento do que você e eu e quase todos os religiosos desse período da História sofremos.

Tem mais, Pe. Paulo. A congregação só pode se orgulhar. Se você estudou, se se ilustrou, viajou e se tornou escritor, tudo é glória da congregação. Sem ela você não seria nada. Embora você não tivesse vocação para a vida religiosa, Deus fez com que permanecesse nela por tanto tempo a fim de ser mais útil à sociedade, não só como religioso e clérigo, mas também como leigo.



Veja só, Pe. Paulo: Trinta anos de ministério sacerdotal. Mais de um milhão de missas celebradas. Milhões de confissões. Milhões de comunhões. Milhões de batizados, de matrimônios, de extremas-unções, de funerais. Lembra-se de como você era procurado para presidir aos casamentos? Quantos noivos queriam que você assistisse ao seu enlace, porque você usava de um belo cerimonial, fazia um lindo discurso sobre a <<festa do amor>>, como você dizia. Quantas homilias, quantos sermões, pregação de retiros espirituais, de missões! Quantas aulas de religião nas igrejas e escolas!...

E seu trabalho no magistério. Milhares de alunos que hoje honram seu mestre como deputados, juízes de direito, promotores públicos, professores, médicos, advogados, engenheiros e até bispos. E seu trabalho como jornalista e escritor, que lhe mereceu o título de cidadão conferido pelos poderes públicos do município. E seus livros, mais de duas dezenas de títulos. Tudo isso são glórias não apenas de você, mas também da congregação e da própria Igreja.

Outra coisa, Pe. Paulo: as frustrações de sua vida devem-se à falta de vocação. Então a sua história está aí como um grito de alerta, um grito de alarme, a chamar atenção para o problema importante da vocação e da formação nos Seminários. Sabe, Pe. Paulo? Se sua história for publicada, terá repercussão até no Vaticano, sobretudo acerca da questão do celibato e dos ex-padres. Pode contar como certo.

Outra mensagem eloquente que sua história contém, Pe. Paulo, é o relato de sua admirável vida de oração, o seu espírito de piedade. Sem este espírito, creio que você não obteria a graça de se converter.

Olhe, Pe. Paulo: Hoje em dia ninguém mais se admira se uma religiosa, por falta de vocação, deixa o hábito; se



um sacerdote sem vocação abraça o estado matrimonial. Antigamente. Era um escândalo.

- Pois é, Pe. Renato, mas eu receio que julguem o seguinte: Com a publicação da minha história, pode alguém julgar apenas o lado negativo, dando ênfase à miséria, ou que se pense que se faça uma autodefesa, uma justificativa.

- Não se preocupe por isso, Pe. Paulo. Isso faz parte do romance. É o que dá sabor à obra. Você não sabe o que escreveu a respeito desse seu receio o grande Thomas Merton, que também é um convertido?

- Que foi que ele escreveu, Pe. Renato?

- Escute só, Pe. Paulo: <<Se um escritor é cauteloso a ponto de nunca escrever o que possa ser criticado, jamais escrevera coisa alguma para ser lida. Se quisermos ajudar o próximo, temos de estar resolvidos a escrever coisas que serão condenadas por outros>>. Ouviu, Pe. Paulo?

- Extraordinário! Isso me tranquiliza. Muito obrigado.

- Quem tem medo da verdade, Pe. Paulo? - perguntou por fim o colega.

* * *

Além da opinião autorizada do ilustrado colega, o Pe. Paulo resolveu consultar ainda a Ir. Ana Maria, ela que estava bem inteirada de toda a sua vida, de todo o seu drama. Pois a abalizada psicóloga não hesitou:

- A sua história, Pe. Paulo, constitui mensagem sublime, uma excelente contribuição para os estudiosos da psicologia humana, sendo ainda um grandioso poema da misericórdia divina. É um acontecimento que deve vir a público. Faço votos



ardentes que a sua linda história seja publicada. Eu serei uma das primeiras leitoras e propagandistas.

Todavia, outras pessoas consultadas, especialmente religiosas, objetavam: Não pode, Pe. Paulo. Seria um absurdo, um escândalo. Um livro proibido. Nem falar, Pe. Paulo, pelo menos por enquanto. O ambiente ainda não é propício. Somente daqui a alguns anos.

Encontrando-se, pois, com dúvidas, o Pe. Paulo, como sempre fazia em semelhantes circunstâncias, resolveu entregar o caso a Deus. Pôs-se a orar, convidando outras pessoas amigas a acompanhá-lo nessa campanha de preces.

Em seguida, foi buscar resposta no livro dos Evangelhos. Abriu o livro. Abriu à sorte. Marcos, capítulo IV. As primeiras palavras que leu foram estas: <<A vós é revelado o mistério do Reino de Deus. Aos outros, porém, é transmitido tudo em parábolas, a fim de que olhando não vejam, ouvindo não entendam, e jamais se convertam e lhes sejam perdoados os pecados.

Parou de ler e ficou refletindo: É verdade, as pessoas que podem se escandalizar são as que olhando, não veem; ouvindo, não entendem; e jamais se convertem e lhes são perdoados os pecados. Para estes, é claro, a minha história não passa de escândalo.

Proseguiu na leitura do livro sagrado: <<E lhes dizia ainda: Porventura se traz a lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire ou do leito, e não sobre o candelabro? Pois o que está oculto, não está oculto senão para ser descoberto. O que está escondido, não está escondido senão para vir à luz. Quem tem ouvidos de ouvir, ouça>>.

A minha história está oculta, mas não está oculta senão



para ser descoberta: O que está escondido, não está escondido
senão para vir à luz.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Convertido, o Pe. Paulo vive dez anos de fervor de virtude e misticismo. Depois, não tendo oportunidade de expandir o ardor de sua alma em atividades espirituais e pastorais, vai, aos poucos, perdendo o fervor e a tranquilidade. E voltam os amores.

Precisa converter-se outra vez. Reza. Reza. Pede a Deus a sua segunda conversão. Finalmente, após uma série de circunstâncias incríveis. Deus lhe faz a mais surpreendente revelação, através da palavra autorizada do confessor: A solução é deixar a vida religiosa e abraçar o estado conjugal.

Os colegas, os irmãos, os amigos, todos os que estavam a par dos problemas sentimentais do Pe. Paulo, aplaudem a histórica decisão. Até o velho pai, de virtudes patriarcais, concorda. Concorde, mas impõe uma exigência formal, categórica: Estou de acordo que meu filho padre case mas não quero que ele deixe de celebrar a santa missa...

Agora, vivendo em liberdade, o Pe. Paulo pode, enfim, realizar-se, no seu apostolado, na sua missão, auxiliado por uma companheira que Deus lhe deu, misteriosamente, encantadoramente.

UMA ESTRELA NO CÉU

12ª edição

Narra a encantadora história de MARIA ELIZABETH DE OLIVEIRA, a milagrosa santinha de Passe Fundo, RS, cuja sepultura se transformou em ponto de contínua ramaria.

Filha de Alcides de Oliveira e de Leda Morandi de Oliveira, Maria Elizabeth nasceu em 6/2/1951 e faleceu tragicamente no dia 28/11/1965. Os pais, nas primeiras semanas de vida após o nascimento da filha, levaram-na a Marcelino Ramos, RS, ao Santuário de Nossa Senhora da Salete, onde a consagraram à Santíssima Virgem.

Criança encantadora. Estudante modelo, era a aluna mais querida da escola. Gostava de rosas. Andava quase sempre com rosas na mão. Adorava dar e receber rosas. Hoje, sua capela no Cemitério Municipal de Passo Fundo, encontra-se continuamente repleta de rosas, vindas de muitos recantos do Brasil. No dia 13/3/1982, dois jovens de Mato Grosso do Sul, agraciados por um milagre, trouxeram uma camioneta com 200 dúzias de rosas, de todos os matizes, em feixes de 10 dúzias cada um.

Predisse sua trágica morte, havendo dois dias antes escolhido seu caixão funerário, o mais lindo caixão, que o pai ignorando a prévia escolha da filha, foi buscar para o funeral. Neste caixão metálico dourado, o corpo de Maria Elizabeth encontra-se misteriosamente incorrupto. São inúmeras as graças extraordinárias obtidas por intercessão desta jovem. Em outubro de 1986, o pecuarista José Luiz Pacheco, 70 anos, de Lagoa Vermelha – RS, encontrava-se desenganado por cinco médicos do Hospital Nossa Senhora da Saúde, de Caxias do Sul. A família, em desespero e com muita fé, colocou então sob o travesseiro do enfermo uma estampa de Maria Elizabeth. Recuperou-se imediatamente.

Zaida Rodrigues da Rosa, de Quaraí - RS, escreve: "Aconteceu em julho de 1983. Vítima de enfermidade maligna, fui desenganada pelos médicos, que disseram: Agora e só rezar. No meio da consternação da família, eu só aguardava a morte. Foi quando recebi. A visita de uma cunhada que me trouxe de presente o livre "Uma Estrela no Céu". Com fé comecei a rezar a oração da novena que se encontra no livro. Deu-se o milagre. Maria Elizabeth me curou completamente". Curas milagrosas como estas, há centenas.

São inúmeras as mães que, diante de um parto difícil, prometeram e deram a suas filhas o nome de Maria Elizabeth.

Se o livro não for encontrado nas livrarias, pode ser pedido à:

Fidélis Dalcin Barbosa
Caixa Postal 10 - Fone 054-358-1973
95.300 - Lagoa Vermelha - RS.

